

Lídia Maria Machado dos Santos

ARTUR MIRANDELA

O Homem e a Obra



FICHA TÉCNICA

Título: Artur Mirandela - O Homem e a Obra

Autora: Lúdia Maria Machado dos Santos

Revisão: Lúdia Maria Machado dos Santos, Marita Mirandela
e David Miguel Rodrigues Vaz

Design Editorial: David Miguel Rodrigues Vaz

Edição: Município de Bragança

Impressão e acabamento: Greca - Artes Gráficas

Depósito legal: 539727/24

ISBN: 978-989-8344-73-1

Tiragem: 250 exemplares

1.ª edição, dezembro de 2024

Município de Bragança

Forte S. João de Deus
5300-263 Bragança
T. 273 304 200 - F. 273 304 299
www.cm-braganca.pt

© Todos os direitos reservados ao Município de Bragança

À minha mãe e ao meu irmão, como sempre...



ARTUR MIRANDELA

O Homem e a Obra

ÍNDICE

Nota de abertura	7
<i>Paulo Xavier, Presidente da Câmara Municipal de Bragança</i>	
Depoimento	11
<i>Maria do Céu Matos (Marita Mirandela), neta de Artur Mirandela</i>	
Para a crónica de um homem justo	13
<i>José Viale Moutinho</i>	
Parte I	17
Parte II	77
Parte III	129
Depoimento	147
<i>João Soeiro da Costa, neto de Artur Mirandela</i>	
Agradecimentos	155
Fontes e bibliografia	159
Elementos fotográficos	163
Nota biográfica da autora	228
<i>Lídia Maria Machado dos Santos</i>	

ARTUR MIRANDELA

O Homem e a Obra

NOTA DE ABERTURA

Paulo Jorge Almeida Xavier

Presidente da Câmara Municipal de Bragança

As regiões e a sua história fazem-se de gente. Se Bragança é hoje, por todos, vista como uma terra de bons costumes, muito se deve àqueles e àquelas que, pelas palavras e atos, a vão engrandecendo. Algumas pessoas, não muitas, têm esse ilustre dom de, pela sua simplicidade, enobrecer os lugares que habitam. Artur Mirandela, a quem esta obra é dedicada, faz, seguramente, parte desse restrito lote de notáveis.

Este foi um “dos nomes grandes” que por cá passaram. Contemporâneo de outros “grandes”, como o seu companheiro de caça, Miguel Torga, ou do seu inspirador amigo “general sem medo”, Humberto Delgado, Artur Mirandela não era homem de excessos. Discreto e inspirador, Mirandela foi, sem dúvida, um dos heróis silenciosos da história, não apenas de Trás-os-Montes, mas também de Portugal.

Talvez a empatia fosse um dos seus maiores predicados. Pelo menos, foi essa a virtude que o conduziu a agir em defesa dos oprimidos, tornando-se símbolo de esperança em tempos cruelmente

difíceis, tanto em Portugal como em Espanha.

Falamos de um homem cuja vida se entrelaçou, propositadamente, com a luta pela justiça social e pela liberdade. A entrega de Artur Mirandela à causa dos que fugiam da repressão de Franco e de Salazar, arriscando a sua própria segurança para proteger aqueles a quem a vida foi ingrata, é um legado que deve ser eternamente reconhecido.

É revelador pensar que, quando evocamos a memória de Artur Mirandela, não é apenas o seu nome que lembramos, mas sim a sua extraordinária e silenciosa viagem, onde transformou positivamente a vida de quem com ele se cruzou, independentemente da origem ou do destino.

A conduta moral de Artur Mirandela foi, sempre, irrepreensível. Um exemplo pela forma abnegada como, sem temer, fez da justiça e da causa social bandeira. Uma atitude inspiradora, até mesmo na representatividade dos nossos dias e na perceção da condição humana, frágil perante a impetuosidade da tirania, que ainda hoje ocupa as manchetes dos jornais. Fosse o exemplo de Mirandela tido na atualidade e, acredito, o mundo seria um lugar melhor para se estar.

Cuidadosamente conduzido pela mão da Professora Lúcia Machado dos Santos, a quem deixo um reconhecido agradecimento pelo aprofundado trabalho de escrita e pesquisa, este testemunho é, aos dias de hoje, muito pertinente. Esta tão nobre figura, de tantos atos inequivocamente altruístas, merecia uma obra assim, imparcial e apurada.

Uma obra que condiz, justamente, com a estratégia do Município de Bragança para a cultura, alicerçada, entre outros aspetos e manifestações, na produção literária científica. Acreditamos que a investigação aprofundada e rigorosa sobre a região (devidamente contextualizada), o estudo do passado e, claro, dos seus intervenientes são peça fundamental para a construção de uma sociedade mais desenvolvida e próspera. É, pois, a apoiar ou promover iniciativas como esta, que incitam a investigação e a reflexão sobre a nossa

história, que se formam cidadãos mais conscientes e conhecedores.

Enquanto documento, esta biografia tem a particularidade de não se limitar a narrar a simples vida de um indivíduo. Esta obra vai além disso, escrutinando a memória coletiva, relatada e bem documentada, sobre um Homem ímpar, cujas ações marcaram a comunidade. Um contributo sustentado que, acredito, é capaz de inspirar a nossa e as futuras gerações.

Assim, espero que o presente testemunho sirva para perpetuar justamente a memória de um Homem que, com humildade e coragem, fez a diferença na vida de tantos. Que o exemplo de Artur Mirandela continue a inspirar a luta por um mundo mais livre, igual e fraterno.

ARTUR MIRANDELA

O Homem e a Obra

DEPOIMENTO

Marita Mirandela

Neta de Artur Mirandela

Sentir-me-ia envergonhado, se naquelas horas em que se negava o direito à vida, não pusesse ao serviço dos perseguidos tudo quanto humanamente fosse possível.

Artur Mirandela

Apesar das várias homenagens prestadas ao meu avô Artur Mirandela, não havia, até agora, uma publicação específica sobre ele. Este livro virá, certamente, colmatar essa falha.

Centrar-me-ei sobre o lado mais íntimo e menos conhecido do meu avô. Recordo-o como um extraordinário humanista que procurou aliviar o sofrimento alheio praticando grandes gestos de solidariedade ao longo de toda a sua vida.

Foram centenas os refugiados da Guerra Civil de Espanha e da II Guerra Mundial que encontraram em Artur Mirandela o amigo que os livrou da morte certa, os protegeu e lhes deu guarida. Enfrentou situações muito complexas e arriscadas, correndo perigo de vida sempre com grande coragem, elevado altruísmo, abnegação e otimismo.

Miguel Torga, grande amigo e companheiro de caça, escreveu: “Artur Mirandela era uma personalidade que transcendia o comum

(...) tudo nele foi nobreza e humanidade”.

Homem com tamanha grandeza de carácter, o Avô só poderia ter escolhido para partilhar a sua vida “o coração magnânimo” da Avó Antónia. Generosa, acolhedora, afável e corajosa, sentia, igualmente, o sofrimento dos mais necessitados e desfavorecidos e a todos tratava e acolhia com carinho. Recordo com saudade o seu sorriso meigo com que presenteava toda a gente. Foi sempre cúmplice do marido em todos os gestos solidários e não destoava a seu lado em altruísmo. Por vezes, até tomava a iniciativa, como o avô refere na dedicatória do seu livro *Trás-os-Montes, Pessoas e Bichos*

Consagro este desprezensioso livro à memória de minha saudosa Mulher, dedicada e corajosa companheira durante mais de quarenta anos.

Sim, à Tua memória, porque sendo o nosso lar composto de sete filhos, deste o sublime exemplo de acobilhar, debaixo das Tuas asas tutelares, uma criancinha de tenra idade, e a quem, a Teu pedido, se deu o nosso nome. (...) Mas o Teu amor, de inspiração Divina, levou-te a praticar este e muitos outros actos semelhantes, de tão pura abnegação, dos quais só têm o segredo os Anjos e as Mães. (...) Foi o teu coração magnânimo quem te ensinou a adoptar, como filhos da Tua compaixão, todos os desprotegidos da sorte; aquilo que só sabem praticar (...) as almas justas e bondosas.

É, para mim, uma grande honra ser neta de Artur Mirandela, apóstolo das grandes causas e muito admiro a incansável luta que travou na defesa da Dignidade Humana e da Liberdade sem nunca ter perdido a Fé e o Entusiasmo.

Ocorrem-me com frequência novos episódios de uma convivência com um Homem que soube viver “sempre preocupado com os mais altos valores de espírito, na medida em que podia auxiliar efetivamente os seus semelhantes, muito além das suas próprias crenças e certezas”¹.

Deixou-nos a maior das heranças: um nome de que nos podemos orgulhar e uma grande lição de solidariedade humana. Meditar nessa lição é a maior homenagem que lhe podemos prestar!

PARA A CRÓNICA DE UM HOMEM JUSTO

Jose Viala Montinho

Jornalista

Era uma personalidade que transcendia o comum.

Miguel Torga

Nasci para ser da oposição.

Artur Mirandela

Já tardava que alguém se demorasse tratando de investigar e escrever a notável aventura da dupla vida de um homem chamado Artur Mirandela. Ele foi uma lenda no campo da solidariedade e da luta pela justiça social. Profissionalmente ele tinha um discreto lugar de tesoureiro na agência do Banco de Portugal em Bragança. E que desporto poderia entusiasmar um bom amigo da Natureza no Nordeste Trasmontano? Naturalmente, a caça. Assim, Artur Mirandela, nado, criado e educado numa família sefardita, nascido em Valpaços no arranque do passado século, conhecia a montanha como só os pastores. E isso era uma útil ferramenta no cumprimento das suas perigosas missões.

Todavia, tal como ocorre com os heróis de alguns romances: Mirandela tinha, já o sugerimos, uma actividade secreta, em que foi mestre. Praticamente sem apoios, salvou das garras do fascismo espanhol e do nazismo alemão largas dezenas de homens e mulheres do país vizinho, bem como militares aliados, que na sua região, vindos da Europa ocupada, através de complexas redes clandestinas, em Portugal procuravam o mais oportuno sendeiro para a Liberdade. E como militante da procura do mesmo desafoço, Artur Mirandela não se poupava a canseiras. E também sabemos e louvamos o seu envolvimento em duas campanhas eleitorais portuguesas, a de Norton de Matos (1949) e a de Humberto Delgado (1958).

Pois bem, finalmente, este livro de Lúdia Machado dos Santos cumpre a preceito a homenagem que o nosso tempo e a comunidade deviam, desde há muito, a este homem bom e generoso, que nas décadas de 30 e de 40 abriu o seu coração de republicano, democrata marrano de Vilarinho de Galegos, a quem dele precisava. Gabo a generosidade da autora desta biografia bem documentada, em que se entrelaçam a vida ela própria, exemplar, e a lenda do homem justo.

O início da acção altruísta de Artur Mirandela teve lugar logo no eclodir da Guerra Civil de Espanha, em Julho de 1936. Quando se alçaram as forças mais reaccionárias do Estado Espanhol, mesmo fascistas, contra o governo democraticamente eleito da II República do país vizinho. O corajoso trasmontano optou de imediato pela legalidade da Frente Popular!

Artur Mirandela contava 36 anos, vivendo entre a banca profissional e as longas caminhadas pelos campos, que o seu tempo era totalmente gasto de um modo útil. Estava casado e tinha uma prole de oito filhos e filhas. Um calcorreador incansável, espingarda pronta para lebre e perdiz. Mas quem era mesmo este homem?

Se então perguntassem a alguém em Bragança, pelo senhor Artur Augusto das Neves, provavelmente ninguém aceitaria o nome como familiar. Porém, na verdade, este era o nome civil de Artur Mirandela, de que nos fala a investigadora Lúdia Machado dos Santos neste seu livro. Mirandela era o apelido familiar dos seus antigos. Fi-

lho de um português e de uma espanhola, ambos arraianos, espírito humanista. Ele era um homem de causas. Contra o desencanto da derrota da II República de Espanha, chamou a si salvar espanhóis da torpe vingança dos vencedores franco fascistas, e quando uma outra gente necessitou de atravessar a fronteira desde a França, sob a bota nazi, e a Espanha, onde os republicanos eram presos e condenados sumariamente à morte e ao cárcere. Cuidava também o caudillo em entregar Aliados ao Eixo!

Combatentes aliados só conseguiam escapar às perseguições tomando os caminhos secretos que os traziam para o Nordeste Transmontano. Aí Artur Mirandela fazia com que eles pudessem tomar estrada ou caminho-de-ferro, não menos perigosos, para a capital ou para o Porto. Aí a rede de apoio lá os conseguia meter clandestinamente em barcos que seguiam para Inglaterra ou para as Américas.

Artur Mirandela era de uma família de tradição sefardita, tendo aprendido as primeiras letras numa escola judia em Bragança. É que era grande a comunidade judia da região. As tradições, a nível religioso e etnográfico foram amplamente estudadas e publicadas por um bom amigo meu, o operoso investigador Amílcar Paulo.

Nos anos 90 conheci dois dos filhos de Artur Mirandela, ambos conhecidos pelo nome de guerra da família, a simpática Helena Mirandela e o inigualável Manuel Mirandela, excelentes conversadores e guardiães da Memória Mirandela, que adoravam o pai Artur. Com eles passei horas de cavaco sem fim! Então, com o Manuel calcorreei ao pormenor caminhos e aldeias, e ainda hoje tenho guardado o sabor de um assado de javali em Sacoias e as voltas pelo castro, cujo espólio se pode, noutra altura, apreciar no Museu do Abade de Baçal.

Este notável arqueólogo, de seu nome Francisco Manuel Alves, ainda era parente dos Mirandela. Rendendo a Artur uma forte amizade e muita admiração, só comparável ao afecto desse grande escritor - e decerto igualmente grande caçador - que foi Miguel Torga.

Ah, e bem me lembro de que Helena Mirandela se ria a bom rir contando-me episódios como aquele passado com Humberto Delgado em Matosinhos. É que nos anos 50, a família Mirandela mudou-se

de Bragança para Matosinhos, numa casa fronteira a uma esquadra da PSP. Pois no final do ano de 1961, nesta casa esteve refugiado o perseguidíssimo General Sem Medo. E este, que tinha uma boa dose de humor, divertia-se diariamente fazendo a barba diante da janela. Ora isto permitia que os policias o vissem, todavia não o reconheciam! E a coisa ia ao ponto dos Mirandela, com pena dos guardas que ficavam de sentinela nocturna fora da esquadra, entregavam ao polícia do exterior uma chave da sua porta, atrás da qual havia um termo com café e algo para comer! Lamentavam o sacrifício do pobre homem sujeito às noites geladas.

E foi nessa casa da Rua de França Júnior que o general escreveu o manifesto com que saudaria a revolta em Beja, na passagem do ano novo de 61 para 62. Porém, escreveu o texto prematuramente, pelo que, frustrada a operação, ele acabaria por rasgar a papelada!

Helena Mirandela, logo que teve oportunidade apanhou o documento rasgado da papeleira do quarto do general e guardou-o. E teve-o escondido até que um dia, a meio de uma conversa, se lembrou de mo mostrar como ilustração para o que me contava. Com paciência, conseguimos montar o manifesto e depois fotocopiá-lo. Assim, recuperado, publiquei-o no Diário de Notícias.

A estimada amiga Lúdia Machado dos Santos, ao escrever este livro, acrescentando à sua bem documentada prosa, imagens fundamentais, contribui não só para se conhecer a vida de Artur Mirandela, como também uma importante página bragançana. E permitam-me chamar a atenção para uma das muitas histórias aqui narradas, onde se fala de Maria de la Libertad. Ah, querem saber...

Façam favor de voltar a página e escutem a voz da autora. É que este livro sobre Artur Mirandela é para ser escutado!

Porto, 23 de Março de 2024.

PARTE I

Os homens da primeira etapa são grandes, mas não se fizeram a si; instrumentos sublimes, transmitem as vibrações do meio ambiente em que o espírito público então se modela.

Raros são os homens dignos de tal nome na segunda fase social que levamos dita, e por isso se celebrizou o feito do filósofo grego que mesmo à luz do sol procurava um à candeia; mas quando de tempos a tempos aparecem, a sua personalidade impõe-se, e tarde ou cedo justiça é feita às suas virtudes quase sempre mal aquilatadas pelos contemporâneos que, vítimas de ideias inferiores, as não compreendem.

Pe. Francisco Manuel Alves, *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, agosto 1956.

Entre um homem de bem que é analfabeto e um outro de fraca
reputação, embora colocado num elevado plano intelectual,
há a diferenciá-los, como não podia deixar de ser, a conduta
moral de cada um.

Artur Mirandela²

Corria o mês de dezembro de 1964. No dia seis, em Matosinhos, no n.º 195 da rua França Júnior, a família Neves, conhecida ao longo de décadas por “os Mirandela”, perdia o seu principal orientador - Artur Augusto das Neves ou Artur Augusto das Neves, o Mirandela, Artur de Oliveira Neves ou, simplesmente, Artur Mirandela -, que, em Bragança ocupara os números 106-108 da rua Abílio Beça, juntamente com a esposa³, Antónia Maria da Natividade Leal ou Antónia Maria das Neves, também amigavelmente tratada por D. Antoninha pelos amigos e vizinhos, e os seus nove filhos (Manuel, Olímpio, Sofia, Helena, Maria de Lurdes, Ester, Leonel e Maria de Lurdes (filha mais nova) e Mário). O jornal *República*⁴, de 7 de dezembro de 1964, um dos jornais em que Artur Mirandela havia colaborado, daria nota do seu falecimento – “Faleceu ontem Artur Mirandela – Figura prestimosa de democrata e republicano e nosso dedicado colaborador”

Fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia do falecimento de Artur Augusto das Neves (Artur Mirandela), nosso dedicado amigo, prestimosa figura de democrata e republicano, homem de uma dig-

2 Mirandela, Artur (1964). *Anjos e Demónios*. Edição de Autor, p. 10.

3 Como se pode ler na “Certidão de Narrativa de Registo de Nascimento” da Conservatória do Registo Civil de Valpaços, data de 21 de outubro de 1998, Artur das Neves “Casou com Antónia da Natividade Leal, na Conservatória do Registo Civil de Bragança, em 11 de Janeiro de 1919”.

4 Cf. pp. 164-168; p. 169.

nidade que nada conseguiu abalar, lutador inquebrantável pelo que é válido, personalidade rica de sentimentos de humanidade, espírito culto e decidido, sempre orientado na procura da verdade e da justiça.

Artur Mirandela, nosso correspondente e colaborador durante muitos anos, faleceu ontem, com a idade de 64 anos, na rua França Júnior, 195, em Matosinhos; era tesoureiro (aposentado) do Banco de Portugal, e autor de «Homens e Bichos» e «Trás-os-Montes»⁵, duas obras que patentearam não apenas a sua cultura mas, principalmente o seu valor humano, como homem sempre preocupado com os mais altos valores do espírito, na medida em que podia auxiliar efetivamente os seus semelhantes, muito para além das suas próprias crenças e certezas.

No setor político, Artur Mirandela sempre evidenciou as suas profundas convicções democráticas e republicanas, participando ativamente em todas as campanhas eleitorais.

O seu funeral realiza-se amanhã, às 10 horas para Bragança, e tudo indica constituirá profunda e sentida manifestação de pesar. [...]

«República» perdeu um colaborador e um amigo dedicado.

Entre 1950-1952, o casal, juntamente com alguns dos seus filhos, mudou-se de Bragança para Matosinhos, tal como esclarece um Agente da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) em 8 de junho de 1953⁶, assim como outros detalhes relacionados com a vida social e política de Artur Mirandela, deixando claro que os seus passos eram vigiados, independentemente do lugar onde se encontrasse

[...] tenho a honra de informar V. Exa. de que o nacional Artur Augusto das Neves “O Artur Mirandela”, tesoureiro do Banco de Portugal em Bragança, elemento bastante conhecido desta Polícia, pelas suas atividades políticas, se reformou vindo a residir para Matosinhos para a

5 Na verdade, o nome da obra é *Trás-os-Montes, Pessoas e Bichos*.

6 Cf. p. 170.

rua França Júnior n.º 195. No sábado, cerca das dezasseis horas, foi por mim visto no Café Florida, cumprimentando o Dr. Cal Brandão.

Sobre essa alteração na vida da família e a doença da esposa, Artur Mirandela, diria mais tarde

nasci para ser da oposição por me parecer que só assim poderei ser útil à Nação. E tanto assim é que todos me têm levado ao cárcere. Só faltam os comunistas que não sei o que me farão. Mas por certo não me farão pior que estes senhores da actual situação. Fizeram-me fechar a minha casa comercial e abandonar a minha terra. Mas de tudo aquilo que mais me feriu, foi darem-me uma busca a casa quando a minha saudosa Esposa estava nos fins de vida. Quiseram ajuda-la a morrer! Só quem não tem amor de família poderá olvidar estes quadros de tão sombrias cores! Não respeitaram aquela santa que tão grande lição deu a todos eles! Quantas Mães haveria em Portugal capazes de tanto? Tendo sete filhos, pediu-me para registar a Patá como nossa filha legítima [...]. Os galfarros que a ajudaram a morrer, violando à cabeceira da cama os segredos do seu lar, lendo cartas que ela tão religiosamente guardava, serão capazes de compreender a grande e incomparável lição que Ela lhes deu? Por certo que não. Poderão fazer pior os comunistas? Não, porque tudo tem o seu limite⁷.

Na mesma data escreveria ainda, numa outra carta

A minha vida anda de tal maneira, motivado por todas estas tragédias, que nem já tenho cabeça para coisa alguma! [...] Quero até atirar-me lá para as serras de Trás-os-Montes, onde nasci e estive até aos cinquenta anos de idade. Talvez aqueles ares perfumados me refresquem a alma e me consolem algo o coração. Dali era também a minha saudosa Esposa, duma aldeia sertaneja, encravada entre dois cerros, onde nos conhecemos pela primeira vez⁸.

7 Carta de Artur Mirandela ao Capitão Domingos Ferreira de 10 de julho de 1960. TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613.

8 Idem.

Na entrada que surge em *Bibliografia do Distrito de Bragança*⁹, Artur Mirandela é apresentado como “habilitado, apenas, com a 4.^a classe, mas autodidata permanente ao longo de toda a sua vida”. Em Matosinhos, dedicou-se “mais intensamente aos seus projetos culturais, humanísticos, jornalísticos e políticos”¹⁰.

Mais concretamente, sobre a vida profissional de Artur Mirandela pode afirmar-se, tendo em conta o documento enviado do Arquivo do Banco de Portugal, que tomou “posse e juramento [...] na qualidade de servente provisório”, e sabemos ainda que

aos três dias do mês de fevereiro de mil novecentos [e] vinte [e] três na Agência do Banco de Portugal em Bragança compareceu pessoalmente Artur¹¹ Augusto das Neves, que prestou nas mãos dos agentes António Augusto Pires e José António Furtado Montanha o respetivo juramento de zelar os interesses do Banco de cumprir todas as disposições orgânicas ou regulamentares e tudo o mais recomendado no artigo vinte [e] nove do Regulamento das Agências, aprovado por Decreto de 24 de março de 1897, na qualidade de servente desta Agência, cargo para que foi nomeado pelo Exmo. Conselho de Administração, em sessão de 30 do corrente mês e ano aliás de 30 de janeiro último, e comunicada a sua nomeação em carta de 1 do corrente mês pelo que entrou logo em exercício de seu cargo. Para constar e efeitos devidos se lavrou o presente que vai assinado pelos agentes, nomeados por mim¹².

Em 9 de junho de 1927, quatro anos após o primeiro juramento, ocorre a “Posse e juramento a Artur Augusto das Neves na qualidade de encarregado de Caixa” e é com essa data que abre o documento.

9 Fernandes, Híronidino (2012). *Bibliografia do Distrito de Bragança Série Escritores Jornalistas Artistas* (Vol. V). Câmara Municipal de Bragança, pp. 392-394.

10 Idem, p. 392.

11 No documento, o nome “Artur” surge escrito “Arttur”.

12 O documento surge assinado por Camillo Ferraz, José Furtado Montanha, António Augusto Pires e Artur Augusto das Neves. Cf. p. 171.

Contudo, ao longo do mesmo documento, verifica-se que a tomada de posse terá ocorrido três dias antes – a seis de junho. De qualquer forma, o acontecimento teve também lugar na Agência do Banco de Portugal de Bragança e foi perante os mesmos agentes – António Augusto Pires e António Furtado Montanha – que Artur Augusto das Neves prestou

o respetivo juramento de zelar os interesses do Banco, de cumprir todas as disposições orgânicas e regulamentares, e designadamente as disposições do artigo vinte e nove do Regulamento das Agências, aprovado por decreto de 24 de março de 1897, na qualidade de encarregado de Caixa para que foi nomeado pelo Exmo. Conselho de Administração do Banco de Portugal em sessão de seis do corrente e comunicado esse momento em carta do mesmo dia, mês e ano, em virtude do qual entrou logo no exercício de seu cargo.

Em síntese, Artur Mirandela contrai matrimónio em 1919. Em 1923 é nomeado “servente” da Agência do Banco de Portugal em Bragança e em 1927 assume o cargo de “encarregado de caixa”, que desempenharia até se aposentar.

Noutra publicação, *A Sineta*, de julho de 1999, citada por Fonte (2001)¹³, tomamos conhecimento de que

sua mãe era originária da região espanhola de Aliste e o pai de Vilariño dos Galegos, concelho de Mogadouro, de quem herdou os ideais da doutrina republicana que professou ao longo de toda a sua vida. Casou com D. Antónia Maria da Natividade Leal, natural de Sacoias, aparentada por sangue materno ao sábio Abade de Baçal. Durante 26 anos foi Tesoureiro da Agência do Banco de Portugal, em Bragança, e fundou a Associação dos Socorros Mútuos dos Artistas da referida cidade (p. 249).

Em 1959, contudo, o jornal *Mensageiro de Bragança* (MB) noticia-

13 Barroso da Fonte, (2001). *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses* (Vol. II). Editora Cidade Berço.

va o desaparecimento de Antónia Maria Leal das Neves aos sessenta de três anos. É recordada pelo MB como “esposa e mãe exemplar, era, ainda, uma senhora verdadeiramente caridosa e muito estimada de toda a população brigantina, pelo que esta sentiu profundamente a sua morte”¹⁴. Teve como médico de cabeceira o Dr. Ruela, umas das visitas assíduas da casa de Artur Mirandela, em Matosinhos.

Natural de Sacoias, D. Antoninha era parente afastada do P. Francisco Manuel Alves e a propósito daquele grau de parentesco, Artur Mirandela endereçou ao filho Manuel, em carta de 15 de outubro de 1959, que aqui transcrevemos, informação sobre o “ramo da família Leal (Sacoias)”, fornecida pelo “falecido e saudoso Amigo Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, que se dignara oferecer-mo”. Nessa carta pode ler-se que

Tomé Leal, de Sacoias, filho de Francisco Leal e de Águeda Vaz, sextos avós maternos do Abade de Baçal, casou com Ana Gonçalves, natural de Faílde, e tiveram:

Manuel Leal que casou com Francisca Gonçalves, natural de Varge, que também aparece assinada Francisca Rodrigues, e tiveram:

Manuel Leal, que nasceu em Sacoias, a 25 de Maio de 1742 e morreu a 16 de janeiro de 1799, tendo casado com Maria Ferreira, que morreu a 29 de dezembro de 1801, filha de André Ferreira de Babe e de Cecília Pires, de Sacoias e tiveram:

José António Ferreira Leal (o Doutor como ainda hoje é conhecido e lembrado na tradição popular, que nasceu em Sacoias a 18 de novembro de 1771 e aí morreu a 1 de maio de 1825, tendo casado com D. Maria da Silva natural de Bragança, falecida em Sacoias a 21 de Dezembro de 1835).

Este José António Ferreira Leal foi professor de Filosofia em Lamego e Castelo Branco, donde veio para Bragança como professor de retórica, regendo depois as cadeiras de geometria e filosofia em Bragança até que morreu. Quando esteve como professor em Lamego, foi-lhe padrinho dos filhos D. João António Binete Pôncio, bispo de Lamego, como se declara nos assentos de baptismo desses filhos transcritos por autorização eclesiástica, em 1817 nos livros de registo paroquial de Sacoias, folio 53 verso.

No assento de óbito de José António Ferreira Leal, transcreve-se o seu

14 Edição de 16 de outubro de 1959 do Jornal *Mensageiro de Bragança*.

ARTUR MIRANDELA

testamento em que deixa por herdeiros os filhos e por testamenteiros o Padre Francisco Martins, de Baçal, seu parente, tio da avó materna do Abade de Baçal, Francisco Manuel Alves, autor destas linhas.

De José António Ferreira Leal, e sua mulher D. Maria da Silva, vieram, além de outros filhos que não deixaram descendência:

Josefa Leal, que casou com Domingos da Eira, ramo dos Rodrigues Barreiras.

João Leal, que casou com Ana Fernandes (Ramo dos Moreiras);

José António Leal, cuja geração se segue:

José António Leal [casado com] Antónia Vaz. Nasceu em 12/6/ 1822 e faleceu em 15/4/1891;

João Manuel Leal [casado com] Catarina da Conceição Vidal. Nasceu em 1854 e faleceu em 1/12/1933;

José António Leal nasceu em 1893 [casado com] Ana Maria Pinelo, sua mulher, esta nasceu em 1887 e morreu em 28/12/1940;

Francisca Pinelo Leal nasceu em 1922;

Mário Pinelo Leal nasceu em 1926;

Antónia Maria da Natividade Leal [casada com] Artur Augusto das Neves (Mirandela), nasceu ela em 1895 e o seu marido em 1900.

D. Antoninha nasceu na freguesia de Baçal em 31 de agosto de 1895. Era filha de João Manuel Leal e de Catarina da Assunção Vidal. Casou com Artur Augusto das Neves, na Conservatória do Registo Civil de Bragança, no dia 11 de janeiro de 1919, sábado, como já mencionado.

Segundo testemunhos da família, Antónia Maria Leal era uma mulher profundamente religiosa e marcada pelo altruísmo. Por exemplo, transformava, como ninguém, a saída para a caça do marido e respetivos acompanhantes, que se reuniam na Praça da Sé antes da partida para os montes, em momentos de verdadeiro repasto, uma vez que não só preparava as merendas para os caçadores como

as sopas de unto e alho com ovos escalfados, presunto, pernil cozido, omeleta com cebola e salsa, alheiras e folar confeccionados pela Avó,

acompanhados de uma tigela de café acabado de preparar¹⁵.

Era também D. Antoninha que, mais tarde, transformava parte do produto das caçadas em folares¹⁶ e fumeiro, cuidadosamente temperado por Artur Mirandela¹⁷. As iguarias partiam de Bragança, de comboio, para os amigos do Porto. Com o passar do tempo, as encomendas gastronómicas tornar-se-iam conhecidas como “as alheiras do Mirandela”. E os amigos eram muitos, espalhados um pouco pelo país e pelo estrangeiro, como veremos mais à frente. Os folares e o fumeiro, que não empreendiam viagem, eram vendidos na mercearia, localizada no rés-do-chão da casa da rua Abílio Beça. Nessa mercearia, por volta dos anos quarenta do século passado, já era possível encontrar uma máquina para cortar o bacalhau e outra para proceder à medição do azeite. Curiosamente, sobre a confeção e tempero das alheiras¹⁸, lemos uma carta, datada de 19 de janeiro de 1951, proveniente de Beatriz Almeida, sogra do Dr. Mário Cal Brandão, advogado e político português, com quem Artur Mirandela também manteve uma sólida amizade,

Lembra-se de me ter explicado como as mãos bentas e práticas da sua

15 Informação prestada pela neta de Artur Mirandela, Marita Mirandela.

16 A confeção dos folares era exclusiva da D. Antoninha que os cozia no forno público da Rua Nova, não só para a família e os amigos, mas também para o amigo Dr. Menezes Cordeiro de Saldonha, Alfândega da Fé.

17 Na opinião da neta Marita Mirandela – “Na feitura das alheiras, o Avô Artur tinha mão certa para o tempero e nelas colocava parte das perdizes que trazia do monte”.

18 Ao que parece, as questões que se prendiam com a confeção e tempero daquela iguaria assumia alguma relevância entre a população, uma vez que encontramos no *Boletim do Grupo Amigos de Bragança* (1956), então sob a direção do Dr. Francisco Felgueiras, um pequeno texto alusivo às chamadas «tabafeias» que, segundo o autor, eram “impropriamente designadas pelo industrialismo pouco escrupuloso de Lisboa e Porto, onde criminosamente se engendram, por «alheiras de Bragança», [mas] constituem um acepipe próprio dum banquete de Lúculo”. Entretanto, o autor abraça outras “reliquias” gastronómicas como “os deliciosos folares [...] e as trutas, dignas [...] de deuses, constituem outros tantos números da ementa dum grande prosélito do pecado da Gula...”. No final do texto surge uma alusão à prática desportiva da caça que, em Bragança, “os *touristes* ainda aqui podem propiciar-se horas encantadoras praticando o seu *sport* favorito”. Além disso, “aqui a perdiz, que abunda, tem um sabor delicioso que não é nada igual ao da de outras regiões, como acontece com a pintalgada truta, do mesmo modo abundante [...]” (p. 15).

querida esposa arranjam o tempero das alheiras – quase divinas pelo paladar delicioso?

Esqueci por completo um pormenor que achei importante na ocasião em que me deu a explicação do seu fabrico...como tencionamos matar o nosso porquito na próxima semana vinha pedir-lhe o grande favor de mandar-me a receita pormenorizada bem como a da conservação dos presuntos.

Nos dias frios, D. Antoninha dedicava também um momento às carvoeiras que, diariamente, passavam pela porta da sua casa em busca do café quente ao alvorecer e, já a morar em Matosinhos, o polícia que lhe vigiava a casa tinha à sua disposição uma garrafa térmica com café atrás da porta para bebericar pela noite dentro.

Com mais detalhe, Marita Mirandela, neta do casal Mirandela, teceu alguns comentários sobre as carvoeiras de Bragança,

A avó Antónia, ao clarear o dia, preparava o pequeno-almoço, já com os desfavorecidos no pensamento, e praticava a primeira ação de generosidade do dia. Colocava, atrás da porta da casa onde vivia com a família que ficava aberta toda a noite, uma caixa de biscoitos por ela confeccionados e café acabado de preparar, colocado em garrafas-térmicas. Este pequeno-almoço era destinado às Carvoeiras que, nas madrugadas geladas de inverno, entravam em Bragança para venderem urzes, brasas e carvão. Eram o despertador da cidade, pois, para avisarem da sua presença, faziam-se ouvir: “Quereis as urzes?” Ainda me recordo de acordar às seis da madrugada ao som deste pregão. A primeira casa que visitavam era a da D. Antoninha para saborearem o pequeno-almoço que as esperava e que tinha sido preparado com tanto carinho.

Ainda a propósito das carvoeiras que acordavam a cidade e da sua importância, sobretudo nos dias frios, escreveu Fernando Calado que

as carvoeiras de Gimonde e da Aveleda percorriam as ruas da cidade com os burros carregados de carvão, urzes e carquejas. Ouviam-se os

pregões. O dia estava frio e as carvoeiras haviam de fazer bom negócio. Na noite de natal todas as famílias acendem muitas braseiras para amaciar a fria noite de consoada.¹⁹

O testemunho de Marita Mirandela continua

Em Matosinhos, os avós viviam na rua França Júnior, em frente à esquadra da polícia. O gesto carinhoso que tinha em Bragança com as carvoeiras, passou a tê-lo com os polícias que estavam de serviço durante a noite, em frente à porta da esquadra. Só que em Matosinhos não se dormia com a porta da rua aberta como em Bragança... A porta estava fechada e, na secretaria da esquadra, havia o duplicado da chave da casa do senhor Mirandela. No pátio, atrás da porta, lá estava a caixa dos biscoitos e o café quentinho que a avó deixava todas as noites para o agente de serviço.

Em 1997, o *III Congreso Internacional da Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad*, em “Salutaciones”, também dedicou a D. Antoninha um pensamento: “para os desprotegidos foi a transformadora de rosas em pão” e “se hubiera nacido Reyna y de Aragon, seria... Santa”²⁰. Na mesma página é enaltecido o seu papel de “mulher e esposa e mãe, asa de anjo, pára-raios das tormentas, a força serena a sustentar a coragem de um Homem que transcendia o comum e de que foi, talvez, a luz da sua sombra” (p. 46).

19 Calado, Fernando (2015). *O Milagre de Bragança*. Cultiva Livros, p. 23.

20 *Actas III Congreso Internacional, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, Rutas de Don Quijote y Caminos de Libertad*, 1997.

Metafísica

O dia nasce limpo e luminoso,
Mas não te iludas, homem!
A natureza já não é contigo,
Daqui a nada toca no quartel,
Apita a fábrica de meias,
Abre a mercearia,
E só então tu poderás saber
Se poderás viver,

E se chove,
E se neva,
E se o adeus da tua Eva
Te comove.

Miguel Torga²¹

Abordar Artur Mirandela é, acima de tudo, aventurarmo-nos por sessenta e quatro anos da vida de um cidadão ativo, conhecedor das fragilidades sociais, económicas, políticas e religiosas do país na sua globalidade, e da região de Bragança em particular, entre 1900 e 1964.

Artur Augusto das Neves nasceu na viragem do século, às sete horas da manhã do dia vinte e cinco de fevereiro de 1900 na freguesia de Santa Maria de Valpaços e é nessa freguesia batizado no dia um de abril do mesmo ano. Surge no acento de batismo como filho legítimo primeiro de José da Encarnação ou José de Oliveira Neves, carpintei-

21 (1949). Revista *Seara Nova*, (1116), 224.

ro, natural de Vilarinho dos Galegos e de Domingas Mendes, jornalista, natural de Alcanices²² que juntamente com o marido e o filho era moradora na freguesia de Santa Maria de Valpaços.

Viveu duas guerras mundiais e assistiu à instauração do regime ditatorial português, que combateu não só pela voz, mas também pelos atos, e participou ativamente na Guerra Civil de Espanha, apoiando (através do acolhimento físico, médico e alimentar), incondicionalmente, todos aqueles que chegavam às fronteiras naturais estabelecidas entre o distrito de Bragança e Espanha. É também notório o seu envolvimento em duas campanhas eleitorais portuguesas (de Norton de Matos, em 1949, e de Humberto Delgado, em 1956), como veremos em detalhe mais adiante, e na II Guerra Mundial, com o apoio a refugiados e na transferência de documentação para os Aliados.

Tal como afirmava o filho, Manuel Mirandela, em 1995, o pai era

conhecedor da realidade económica e social das gentes das nossas aldeias [e] foi nessa situação que ele se revelou um Artur Mirandela inconformado com as injustiças e desigualdades; revolucionário e samaritano, violento e generoso, que manteve a luta pelo bem do próximo como meta ao longo do tempo que lhe foi dado viver²³.

Em forma de preâmbulo, relembremos que, no que toca ao Portugal proletário dos começos do século XX, Oliveira Marques²⁴ (1995) defende que era “escasso em número, analfabeto na maioria” e “mostrava-se presa fácil para políticos e filósofos, tanto da burguesia como até da aristocracia”. Segundo o mesmo autor

quer nas cidades quer no campo, o operário funcionava, regra geral, como clientela humilde de comerciantes, industriais e proprietários, para não falar da forte influência clerical que o distraía de quaisquer propósitos de rebelião organizada (p. 508).

22 No acento de batismo de Artur Mirandela, também surge a informação de que a mãe, Domingas Mendes, era natural de Poyo de Aliste, província de Zamora, Espanha.

23 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, p. 207.

24 Oliveira Marques, A. H. (1995). *Breve História de Portugal*. Editorial Presença.

No interior do país, onde se trabalhava de sol a sol e onde a vida se confundia com a natureza e os seus ciclos, talvez o operário e o camponês estivessem mais afastados das querelas políticas, económicas, até religiosas discutidas pelos intelectuais e políticos nos centros urbanos (sobretudo no Porto e em Lisboa), contudo, essa camada da população não deixava de sofrer as agruras da má gestão do país, as duras desavenças entre monárquicos e republicanos, as vicissitudes de um catolicismo velho e desbotado, imposto pela força da tradição quando os intelectuais há muito se debatiam em prol de um anticlericalismo e em prol da Lei da Separação do Estado da Igreja, de 20 de abril de 1911. A mesma Lei, no seu artigo 2.º, decretava que

a religião católica, apostólica, romana, deixa de ser a religião do Estado, e todas as igrejas ou confissões religiosas são igualmente autorizadas, como legítimas agremiações particulares, desde que não ofendam a moral pública nem os princípios do direito político português²⁵.

Deve referir-se que esta lei agravou consideravelmente

o relacionamento entre a Igreja e a República, dando origem a um ciclo gravíssimo de grande confrontação, e envenenou o clima social, fazendo aumentar a desconfiança entre as duas instituições e afastando da República o país rural²⁶.

A partir de 1870, escassos trinta anos antes do nascimento de Artur Miranda, foram muitos os acontecimentos (recordamos, por exemplo, a chamada Questão Coimbrã, as Conferências do Casino, o *Ultimatum* inglês) que conferiram um abanão à classe política portuguesa e à ideia de patriotismo. Leiam-se, a propósito algumas linhas das *Anotações* da obra de Guerra Junqueiro, *Pátria*, publicada em 1896

um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, besta de nora, aguentando pauladas, sa-

25 Machado de Abreu, Luís (2019). *Portugal Anticlerical, uma História do Anticlericalismo*. Gradiva, p. 42.

26 Idem.

cos de vergonhas, feixes de misérias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes [...]”; “um clero português, desmoralizado e materialista, liberal e ateu, cujo Vaticano é o ministério do reino, e cujos bispos e abades não são mais que a tradução em eclesiástico do fura-vidas que governa o distrito ou do fura-urnas que administra o concelho”.²⁷

A propósito do *Ultimatum* inglês, em *A República em Bragança – Da Monarquia Final ao início do Estado Novo* (2010) esclarece-se que

em percurso aberto pelo *Ultimatum*, agudizado logo no janeiro de 91 – em que se distingue o conterrâneo Alves da Veiga –, a generalização da crise económica e política, a par da derrocada financeira e da descrença total no regime que terminará sem monárquicos nem defensores, em governos centristas de pretensa «aclamação» onde todos conspiram contra o trono à exceção dos indiferentes (p. 6)²⁸.

Ainda na mesma obra, afirma-se também que

os finais de oitocentos e início do novo século são anos de crise generalizada, confusos e difíceis, agitados nos atos e nas ideias políticas e de radicalidade crescente, variáveis que conduzirão ao colapso anunciado da monarquia constitucional e abrirão as portas à implantação da República (p. 6).

Para melhor entendermos aqueles anos “confusos e difíceis” valerá a pena citar um texto de Carvalho (1965), “Notas e documentos para a história dos Destinos de Bragança”²⁹, no qual o autor faz alusão

27 Carvalho, Amorim (Org.) (1972). *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Lello & Irmãos Editores, p. 631.

28 Afonso, Ana Maria; Neto Jacob, João Manuel (2010). *A República em Bragança - Da Monarquia Final ao início do Estado Novo, no centenário de 8 de outubro a 31 de dezembro*. Museu do Abade de Baçal.

29 (1965) *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (2), 13-23.

ao *Ultimatum* inglês tal como a questões de suma importância para os habitantes da cidade

o *Ultimatum* enlutou a estátua de Camões, e fez erguer coro violento de imprecações não só contra a «velha aliada» mas também contra o governo e contra o trono. [...] No dia 31 de janeiro de 1891 alguns regimentos do Porto, Caçadores 9, Infantaria 10, uma companhia fiscal, fazem a revolução do Porto, e proclamam o governo provisório da República; mas o entusiasmo é dentro em breve desfeito pelas descargas dos regimentos fiéis terminando a bordo do «Índia» com o julgamento dos insurretos (pp. 14-17).

E mais concretamente sobre Bragança, o autor esclarece que “isto se passava lá longe, visto que Bragança não tinha meios de comunicação que permitissem viver os acontecimentos”. No entanto, em 1894,

regeneradores no poder, sob a chefia de João Franco, que era o chefe regenerador do distrito, o deputado Dr. Abílio Beça faz a sua estreia parlamentar expondo à câmara dos deputados a grande necessidade do caminho de ferro ser continuado de Mirandela a Bragança. Não fazia mais que retomar os projetos do Conselheiro Lourenço de Carvalho de 1878 e do Conselheiro Emídio Navarro de 1887. Foi no dia 29 de Fevereiro de 1896 que o ilustre bragançano iniciava a sua campanha de viação acelerada e que se iria prolongar até 1906, data em que o comboio chegou a Bragança (pp-16-17)³⁰.

No entender do mesmo autor, este foi um “período de larga atividade bragançana: cria-se a Escola Distrital e o Museu Municipal, proposto pelo vereador Sebastião Macias. Porém os ventos da política levaram ao poder os progressistas, e o projeto do caminho de ferro de Bragança foi posto de parte em favor do plano de caminhos de ferro

30 Idem.

do sul [...]”. Em 1899, maio

dá-se um acontecimento que vem ao encontro dos desejos bragançanos: o ministro das Obras Públicas Elvino de Brito aprova o projeto do caminho de ferro de Mirandela-Bragança. Emídio Navarro dá o seu apoio ao ministro, que pouco depois é vitoriado na estação do Tua pelas forças vivas do distrito. [...] Os regeneradores confiam no ministro das Obras Públicas para a realização do grande empreendimento da via férrea de Bragança [...]. Em abril de 1900 após brilhante discurso no parlamento, o Dr. Abílio Beça foi recebido por El-Rei de quem solicitou o seu poderoso apoio em favor da imediata construção do nosso caminho de ferro. [...] Em 6 de dezembro de 1903 o Dr. Abílio Beça, governador Civil de Bragança, recebe a participação telegráfica de que o Ministro havia aprovado a variante do caminho de ferro de Bragança, cujos trabalhos se prolongariam até outubro de 1906 em que a locomotiva de serviço fez ouvir o seu silvo agudo [...] (pp. 17-18)³¹.

O autor continua o périplo pelo projeto do caminho de ferro até Bragança acrescentando que

no dia 1.º de dezembro de 1906, após uma luta que levou quase 20 anos, era inaugurado o serviço de comboios do caminho de ferro de Bragança. Em 6 de janeiro de 1907 noticia a «Gazeta»: «Os comícios recentemente realizados pelo partido republicano em várias capitais de distrito, atraíram sem dúvida gente ávida de espetáculos, levada ali por curiosidade. O que sucedeu em Bragança, terra em que os partidários da República não chegam ainda a contar-se por dezenas, mas onde os monárquicos constituíram o grosso do auditório do comício republicano, observou-se certamente noutros distritos» (p. 19)³².

Em 1910, quatro anos após a inauguração da linha do caminho

31 Idem.

32 Idem.

de ferro de Bragança, a cidade preparava-se

para receber o deputado e presidente da câmara Dr. Abílio Beça que tinha ido a Lisboa defender a elevação do nosso Liceu a Central. O seu regresso mergulhou a cidade em consternação. Em vez do homem ativo, cheio de entusiasmo, o comboio – porque ele se batera durante largos anos até chegar à cidade do seu amor – trazia o seu cadáver [...] (p. 21)³³.

Tinha-se apagado, resume Carvalho (1965), no texto que temos vindo a citar, “num abraço do comboio aquela vida que incessantemente foi alma do progresso da cidade e do distrito”.

Pouco tempo após a tragédia, os “acontecimentos [do] dia 5 de outubro haviam de modificar os rumos da História nacional”. A visita de D. Manuel I a Bragança foi suspensa e a Família Real abandonou o país. No dia 8 de outubro de 1910

era solenemente proclamada na Câmara Municipal a República Portuguesa, de que lavrou o seguinte AUTO DA PROCLAMAÇÃO SOLENE DA REPÚBLICA PORTUGUESA: Aos oito dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e dez, nesta Cidade de Bragança e Paços do Concelho e Sala das Sessões da Câmara Municipal, achando-se presentes os vereadores Augusto César Moreno e João Afonso Dias, compareceu o bacharel João José de Freitas, governador do distrito, nomeado pelo Ministro do Interior do Governo Provisório da República Portuguesa, acompanhado do cidadão Augusto Xavier da Veiga Valente, administrador do Concelho e de muitos outros cidadãos e pelo referido Governador Civil foi dito: Que tendo o povo, o exército e a armada proclamado em Lisboa a abolição do regime monárquico e a implantação da República Portuguesa, no dia cinco de outubro corrente, e tendo aquele movimento sido entusiasticamente aclamado no Porto e no resto do país, ele João José de Freitas, como chefe deste distrito, vinha também proclamar solenemente a República Portuguesa nestes

Paços do Concelho de Bragança, depois de haver tomado posse do seu cargo. E pelos vereadores presentes foi dito que aderiam entusiasticamente ao novo regime, que acabava de ser proclamado, dizendo outro tanto os mais cidadãos presentes [...] (p. 23)³⁴.

No *Jornal de Bragança*, do dia 16 de outubro, lia-se a seguinte nota

Republicanos de Bragança antes da Implantação da República: José A. Rodrigues Paula, João José Alves, Manuel Rodrigues Paula, Agostinha Paulino Pires, Casimiro Pizarro, Inácio Vilarés, Nicomedes Afonso Anta, Delfim Conde» [...] – com o número 958 termina a publicação da Gazeta de Bragança, o jornal que durante 18 anos propugnou pelos interesses de Bragança. São dele, pela pena do seu redator Mário de Almeida, estas palavras finais: «Está pois proclamada a República no nosso país. É um facto aquilo que há poucos dias ainda parecia impossível a muitos. Oxalá o novo regime seja próspero e sirva o país como ele necessitava já de há muito ser servido. São os nossos sinceros votos».

No que respeita ao caminho de ferro, em 1956, Elias Dias³⁵ informava que, em 1923, “Bragança ia esperar o único comboio diário que então servia o burgo” e

já se haviam acendido as lâmpadas elétricas da iluminação pública recentemente inaugurada e cujo acontecimento diário era assinalado por um ah! ah! ah!...de admiração que espontaneamente nasceu das gargantas do rapazio da cidade na primeira noite em que Bragança viu a luz elétrica e que por alguns anos adiante se repetiu”. [Contudo, continua o autor], “não sei por que carga de água só muito mais tarde é que no edifício da Estação do caminho de ferro foi instalada a ele-

34 Idem.

35 (1956) *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (8).

tricidade, tornando-se verdadeiro tormento para os passageiros que desembarcavam em noite de inverno, escuras como breu, primeiro, o degrau da porta de saída, depois o desnível do passeio anexo e a seguir o terreno irregular, encharcado, cheio de poças de água nos sulcos cavados pelo rodado dos carros-matos do Izidoro e Galinho, naquele tempo os únicos meios de transporte de mercadorias para os vizinhos concelhos de Vimioso e Vinhais (p. 7).

Posto isto, talvez seja interessante afirmar também que nem a vontade política de incrementar a literacia da população mais desfavorecida, nem o respeito por essa camada da população conheceriam alterações de grande monta com o passar dos anos, apesar dos avanços de que fomos tomando conhecimento. É o próprio Artur Miranda quem o diz, já em 1964, em *Anjos de Demónios*, “até onde me poderá levar a minha insignificante bagagem literária, metida apenas numa simples saca de retalhos da quarta classe”; ou ainda, “martirizar a pessoa humana, e até negar-lhe o direito à vida, tem sido aceite com indiferença enfermiça por certos senhores”; e também, “hoje impera um egoísmo feroz; e, a troco dum melhor bem-estar, vende-se a consciência, abdica-se da dignidade, dão-se pontapés na honra alheia, aprende-se a arte de delator e aceita-se a desonra e a mentira”³⁶.

Ao voltarmos a consultar *A República em Bragança - Da Monarquia Final ao início do Estado Novo* (2010) percebemos que

o século XIX e o 1.º quartel de XX foi, pois, para Bragança – e todo o Nordeste – um século de lento avolumar e mesmo, em determinados ciclos, de retrocesso demográfico provocado por crises cíclicas nos setores industriais, comerciais e agrícolas e que incentivaram uma desindustrialização progressiva e sistemática, institucionalizando uma agricultura e uma pecuária de subsistência, instalando-se um modelo de ensimesmamento que irá perdurar e reproduzir-se até finais do Estado Novo (p. 6)³⁷.

36 Mirandela, Artur (1964). *Anjos e Demónios*. Edição do Autor, pp. 9-13.

37 Afonso, Ana Maria, Neto Jacob, João Manuel (2010). *A República em Bragança - Da Monarquia Final ao início do Estado Novo, no centenário de 8 de outubro a 31 de dezembro*. Museu do Abade de Baçal.

Contudo, e tendo em conta os avanços e recuos dos diferentes setores da economia bragançana, talvez possamos dizer que, a partir de 1915, é introduzido algum dinamismo na cidade através do património a classificar e através da criação do Museu Regional e, antes daquele, com a criação do Museu Municipal, bem como a vontade de divulgação e da preservação da História local

é de facto, uma nova fase na perceção da importância deste conceito, na descoberta de novas dimensões e implicações culturais que comporta no domínio do conhecimento histórico e educativo, vincando-se a sua dimensão regionalista ainda que consciencializado na sua dimensão nacional (p. 9)³⁸.

E, logo a seguir, pode também ler-se que

sob este dinamismo focalizado na perspectiva da importância do regionalismo na construção e vivência do nacional, que a 1.^a República, no domínio do património cultural [...] se irá revelar como um forte catalisador do papel educativo do Estado na construção da nova cidadania que os tempos novos solicitavam e, entre nós, os sucessivos atrasos verificados na diacronia histórica oitocentista exigiam na retoma do progresso da região (p. 9).

No jornal *O Bragançano*, de 16 de dezembro de 1919, citado em *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)*³⁹, o autor menciona o facto de, em pleno 1.º quartel do século XX,

Bragança e a sua região não é certamente uma terra de fábricas, mas é uma terra de ofícios, pela tradição e pelo exercício deles, o que já justificou a criação de uma escola industrial. Pois essa população, que dos ofícios vive e que na terra se designam pelo nome de artistas, são

38 Idem.

39 Sousa, Fernando (Coord.) (2013). *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)* (Vol. I e II). Câmara Municipal de Bragança.

realmente os mais atingidos pela carestia de vida. O artista, dentro da Cidade, é obrigado a emigrar para os bairros pobres...Mas, procurando este meio de resolver o problema da economia doméstica, acha a ruína, prejudicando e perdendo a saúde e dos seus, contraindo doenças que as habitações, falhas de higiene e conforto, desenvolvem como meio propício que são. [...] penetrando nesses bairros, em que se acolhem os que do trabalho vivem, e nos casebres, sem ar, sem luz, sem limpeza, que os cobrem, ver-se-á que a ação socialista do Estado ainda não chegou a esta terra (p. 284).

Se prosseguirmos a leitura da obra acima citada, e apesar do fim do Banco de Bragança (1875-1919), como é denominado, há a introdução de alguns melhoramentos nas rotinas dos cidadãos, por exemplo,

na Cidade, com o aparecimento da energia elétrica – já se havia passado pelo azeite, pelo petróleo e pelo gás pobre. Por impossibilidades várias, em especial, pela falta de meios, só em 1921 se efetiva o fornecimento da eletricidade ao domicílio. A Companhia de Lucien Guerche edifica uma central que aproveita a hidráulica do Fervença para produzir energia. A difusão e a adesão vão ser lentas (p. 285)⁴⁰.

Antes de 1921, são muitos os avanços e recuos que implicam a abertura de concursos para a iluminação de espaços públicos, inicialmente, casas particulares e indústrias, juntamente com os primeiros, noutros concursos; calendários para arrematação do petróleo, prazos de concessão, lâmpadas de incandescência (já em finais de 1907); “incapacidade [por parte do município] para suportar o aumento das despesas que o programa de iluminação pública implicava”⁴¹. Finalmente, em 22 de dezembro de 1921 “inaugurou-se oficialmente a iluminação do espaço público de Bragança com recurso à energia, cedendo os lampiões definitivamente o passo aos candeeiros”⁴². Tratava-se, como refere o autor,

40 Idem, p. 717.

41 Idem.

42 Idem.

de “uma atividade de ponta [que se localizava] agora na margem esquerda do Fervença, que passaria a ter, junto dos Batocos, como referência, a “Central” [e que permitia dar] “continuidade à tradição industrial que se iniciou com os curtumes e foi continuada pelo labor dos tecidos finos”⁴³.

O mesmo autor dá-nos conta dos avanços surgidos a partir dos fins de 1920 e os primeiros anos de 1930 – anos férteis “em obras de restauro e de recuperação”. Por esta altura, “vivía-se já um ambiente de uma certa exaltação patriótica – o património era visto como elemento essencial na afirmação da Nação”⁴⁴.

Contudo, não só do ponto de vista da economia local, como do ponto de vista cultural ao nível nacional, pouco parecia ter-se alterado já em 1938, se atentarmos numa carta⁴⁵ que o Pe. Francisco Manuel Alves dirige ao amigo Furtado Montanha, com quem mantinha correspondência assídua

José, meu José e José meu.

Não sei quando irei a Bragança, porque ando com o vinho e sementeira. Como a crise é pavorosa, lembrei-me de uma experiência de cultura intensiva, a ver se dá resultado e salvo três famílias que estão em véspera de falência.

Além destes trabalhos, ando a alinhar a mil à hora a leria sobre os achados de Provesende a fim de saírem ainda no número deste mês da Revista de Arqueologia, que está moribunda e acaba com este número.

Vê que tristeza! Um país que não sustenta a única revista de arqueologia que tem, apesar de ser trimestral, quando lá fora nações pequenas como a nossa mantêm jornais diários!

Marchamos em galope doido para a falência agrícola (o pequeno proprietário morre à fome, o médio vive da miséria, e o grande caminha em acelerado passo para o abismo) e intelectualmente é o que vês.

Entretanto, *tubacionam-se* obras, obras, obras, melhoramentos, progresso etc., que, afinal mais apressam a ruína total, porque não são equilibrados nas proporções de adaptação, em ordem a compensar os desarranjos económicos que causam [...]

Baçal, 21.x.1938

43 Idem.

44 Idem, p. 287.

45 Fernandes, Hironidino (1986). *Bibliografia do Distrito de Bragança – Francisco Manuel Alves*. Revista *Brigantia*, (1-2-3), 193-194.

Em 1910, no *Jornal de Bragança*, escrevia o Dr. Raúl Teixeira

O povo do distrito de Bragança, principalmente do alto distrito, por circunstâncias múltiplas e variadas, tende para um estado de servidão. Mercê principalmente das suas precárias circunstâncias económicas entrega-se, aliena-se ao argentário que lhe dá o dinheiro a juros, ao médico que o visita quando a saúde periga, ao advogado que gratuitamente trata das suas questões em tribunal, que o esclarece nos seus negócios particulares.

Na edição de junho de 1984, sob o título “Bragança – 1926”, Eduardo Carvalho, então diretor do *Boletim de Informação e Estudos Regionalistas Amigos de Bragança*, republica, entre as páginas 32-34, um texto da sua autoria, já publicado no mesmo *Boletim* (3.^a série, n.º 4, 1966), sobre o estado da cidade de Bragança naquele ano. Assevera, por exemplo que “no ano de 1926 Bragança era ainda o «calcanhar do mundo» apesar de 20 anos decorridos sobre a inauguração do caminho de ferro que nos punha em contacto com os grandes centros”, uma vez que, prossegue o autor, “o isolamento continuava, os poderes centrais pareciam surdos aos frequentes queixumes dos homens públicos”. As condições de vida dos habitantes pautavam-se pela degradação, pois, eram “raras as casas com condições de higiene, muitas delas com ares de caírem sobre os transeuntes; cidade da negligência, da imundice, de velharias; cidade em que ficavam bem, dando-lhe pitoresco, os burrinhos de Gimonde, de Varge ou Aveleda tocados pelas donas apregoando carga de carvão ou de brasas, o fardo palha ou sacos de folhas de negrilho”.

Apesar de tecer outras considerações sobre a topografia da cidade, o autor faz também referência à Praça Almeida Garrett – “um vasto retângulo lindamente empedrado, bordado de árvores e bancos públicos em toda a volta, com seu coreto feito a expensas públicas por iniciativa de Raúl Teixeira”. O coreto da praça apresentava-se, sem dúvida, como um espaço de reunião e confraternização para a população que ali acorria, uma vez que “nele se realizavam concertos pela banda de Infantaria 10, e a sociedade bragançana honrava com a sua presença a execução de partituras sob a regência do Tenente Lopes” e para essas ocasiões “as senhoras apresentavam suas galas naquele curso de duas a três horas, nas noites de quinta-feira e domingo duran-

te o verão, conversando ao som da música, passeando ou ocupando os bancos marginais para um breve descanso”, ou seja, a praça exibia-se duas vezes por semana como “um pedaço recortado de uma lenda oriental”. Era também naquela praça que “se faziam os comícios, em que a oratória retumbante dos «filhos do povo» fazia ouvir as promessas de uma aleluia de abundância e felicidade”.

“Bragança [...] é uma luz de palha madura em terra vermelha, com um céu muito alto e vazio. Certos quadros são assim, esquemáticos e sugestivos. Não conseguem convencer-nos da realidade das personagens centrais, das cenas, do casario. A gente só vê os intervalos dessas figurações, a luz geral que as nimba, e o teto protetor que as cobre”⁴⁶.

Miguel Torga

Para além das causas políticas, sociais e religiosas em que se envolveu, numa cidade com as condicionantes antes descritas e que Artur Mirandela também observou e viveu, “O Mirandela”, (tal como é inúmeras vezes denominado pela PIDE), era um homem que reunia o povo, contava peripécias entre amigos e conhecidos, escrevia artigos em jornais e contos com toque literário que envolviam personagens saídas dos vários contactos que estabelecia nas diferentes aldeias de Bragança e caçava. Para além disso, a verdade é que o lado da sua personalidade que ansiava por calcorrear os montes nas inúmeras caçadas que organizou e em que participou não deve ser tratado levianamente, uma vez que não só lhe proporcionou um conhecimento detalhado da geografia brigantina, das suas gentes, como lhe permitiu conhecer famílias, que acolhiam com gosto os caçadores no seu lar, beber da sua sabedoria e experiências e estabelecer grandes laços de amizade com aqueles que, solidariamente, acolhiam quem fugia à Guerra Civil espanhola pelas mais diversas razões, muitas vezes ainda antes de esses casos chegarem ao seu conhecimento.

Uma das famílias que muito contribuiu para expandir o gosto pela caça foi a do denominado “Zorro de Caravela” ou António Ponciano, também ele um caçador exímio que se juntava com frequência ao grupo de caçadores do qual fazia parte Artur Mirandela. Além des-

⁴⁶ Rodrigues, Ernesto (1985). O Nordeste no Diário de Miguel Torga. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (7), 35-39.

te, Manuel Branco e Maria Ponciano, neta de António Ponciano, vestiram em diferentes ocasiões o papel de anfitriões do grupo de caçadores. Os momentos na casa dos Branco e Ponciano eram de descanso, de estórias e reanimação para os estômagos e para o corpo, uma vez que, no dia seguinte, as caminhadas que a caçada impunha, continuariam. Desse tempo ficaram as memórias e também os versos de um dos caçadores – Domingos Bramão, agente de seguros no Porto, em homenagem póstuma ao “Zorro de Caravela”, datada de outubro de 1940.

Caçadores que passais
Pela lombada singela,
Uma oração rezais
AO ZORRO DE CARAVELA!

Verdadeiro transmoutano,
Espelho do cristianismo,
Ara António Ponciano
O seu nome de baptismo.

Do seu pão, aos pobres dava,
E da sua farta adega
Nunca a porta se fechava,
Para todos ela chega.

Quando para a Cidade ia,
Em festas particulares,
Ufanamente vestia
Seu casaco de alamares.

António Ponciano,
(O Zôrro de Caravela),
Coração forte e humano,
Alma pura, alma bela!...

ARTUR MIRANDELA

Aqui deixámos MARIA
Numa saudade, num ai,
O que tanto se devia
À memória de teu pai.

No testemunho de Marita Mirandela pode ler-se sobre este assunto que,

no dia seguinte à caçada, seguia-se um agradável convívio entre os amigos caçadores, no Café Central, situado na Praça da Sé. Ouviam, atentos, as peripécias ocorridas no monte, com a descrição da qualidade dos tiros que tornavam cada peça de caça num troféu e elogiavam o desempenho dos seus cães com satisfação.

Um razoável número de cadeiras era colocado à volta da mesa do Avô, pois sabia comunicar com maestria e cativava as pessoas que o ouviam. Descrevia, com gracejos e boa disposição, as histórias da caçada. E eram muitas as histórias que traziam do monte!...

Uma das cadeiras era ocupada pelo Dique, cão do Avô, que, sentado, ouvia atentamente as histórias do dono. E que bem se portava!... Com uma compostura exemplar, se alguém o cumprimentava, e bastava um “Olá, Dique!”, já ele estendia a pata e retribuía o cumprimento.

O funcionário do Café Central, o Manel (que mais tarde foi proprietário de um bom restaurante da cidade, “O Manel”, localizado ao lado do antigo mercado) ficava estático de bandeja na mão, deliciado, a ouvir os comentários do sr. Artur Mirandela. Esquecia-se completamente de servir o café aos restantes clientes do Central. Lá vinha o Sr. Alberto Rodrigues, dono do referido café, lembrar ao funcionário que estavam clientes à espera de serem atendidos.

No livro *Trás-os-Montes Pessoas e Bichos*, o avô dedica um conto (“O Caçador”) ao filho Olímpio (campeão de tiro em Angola) e ao Dique, o seu cão de caça.

Para além dos inúmeros momentos de lazer, sobretudo protagonizados pela caça, no entender de Manuel Mirandela, o pai “recebeu dos seus progenitores o dom de gentes, que lhe trouxe inúmeras satisfações espirituais ao lado de pesadas responsabilidades, tornando-o desde sempre um homem dinâmico e solidário, um líder”⁴⁷.

As diferentes facetas que moldaram a personalidade de Artur Mirandela e que contribuíram para que fosse considerado um “homem bom”, cujos ideais de liberdade não eram de todo desconhecidos, pertencente ao grupo de homens que se reunia com frequência na Praça da Sé de Bragança, em frente à Farmácia Mariano⁴⁸ com o intuito de discutir os problemas da atualidade local e nacional, mas também noutros lugares da cidade onde ocorriam “conversas conspirativas das quais as mulheres e as crianças estavam arredadas”⁴⁹, começaram a desenhar-se no contexto familiar, com o pai José de Oliveira Neves, conhecido também por José Mirandela⁵⁰, alcunha que terá surgido a partir dos negócios com produtos agrícolas, sobretudo no concelho de Mirandela.

O pai de Artur Mirandela foi um republicano convicto e um dos fundadores da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança e surgiu entre os cidadãos da Comunidade cristã-nova, (José Furtado Montanha, Albino Augusto Borges, Eugénio Carvalho, Artur Lima, Jaime Augusto Borges, entre outros) que, no dealbar do século XX apoiaram, ao lado do Capitão Artur de Barros Basto, o ressurgimento da Comunidade Judaica de Bragança.

47 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, p. 205.

48 A propósito dos diferentes espaços da cidade, em junho de 1984, no n.º comemorativo, o *Boletim Amigos de Bragança* volta a publicar um artigo, entretanto já publicado na 3.ª série, n.º 4, e no qual se lê: “A Praça Garrett, os passeios da rua Direita pululavam de fardas, conversando, discutindo, contando anedotas à porta do estabelecimento do Sr. Alípio Falcão, ou do Sr. Olímpio Ramires, ou no botequim do Sr. Paulinho que ficava logo a seguir. A sociedade civil misturava-se à militar, reunindo nas farmácias do Sr. Acácio Mariano, do Sr. Falcão, do Sr. Teixeira, por assim dizer centros de cavaqueira política dos vários setores de simpatia e opinião”.

49 Arquivos RTP, 7-10-1996, “Barros Basto: o capitão mal-amado”.

50 O bilhete de identidade de Artur Augusto das Neves (documento n.º 235193 de 9 de agosto de 1961) identifica o progenitor apenas como José da Encarnação. Cf. p. 164.

Se continuarmos a leitura do depoimento de Manuel Mirandela, de 1995, Artur Mirandela

já como homem adulto, sentindo na alma o peso das injustiças e iniquidades das perseguições, era em San Juan de la Cuesta, em Sana-bria, com o seu amigo-irmão Don David San Roman e família que, em cada sábado da semana, se reunia para se identificar no mesmo anseio espiritual que ele conhecia na tradição da sua ascendência paterna – Marrano de Vilarinho dos Galegos⁵¹.

Dedicar-nos-emos à faceta religiosa de Artur Mirandela com mais atenção nas páginas seguintes, fazendo, um percurso pelo ressurgimento do judaísmo em Bragança, nos finais dos anos vinte do século passado, ao mesmo tempo que confrontaremos essa faceta com estudos sobre o Judaísmo em Bragança e/ou Trás-os-Montes, principalmente no dealbar do século vinte.

51 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, p. 206.

Morreu ontem o abade de Baçal, um homem pré-histórico e sábio. Pré-histórico, porque se manteve sempre na primitiva decência de uma humanidade fundamental; sábio, porque sabia do seu ofício, que era a arqueologia. [...] E a sua obra é uma espécie de «governo do ano» do distrito de Bragança. As luas, quando se rega e semeia, a época das colheitas, e as rezas com que é preciso ajudar a semente. Parece pouco, mas é assim que se começa. [...] Gostava de o saudar pela raridade da sua casta. Andei há tempos várias léguas para ver um teixo, que é uma árvore que os botânicos dizem que vai acabar”.

Miguel Torga, Coimbra, 14 de novembro de 1947⁵²

Ao consultarmos *O Boletim dos Amigos de Bragança*⁵³ (1971) somos confrontados com um dos muitos estudos que Amílcar Paulo desenvolveu em prol do Judaísmo em Trás-os-Montes. Nesse número em particular, o estudioso, afirma que

entre os milhões de judeus, que existem atualmente no mundo, o Judeu português é considerado como constituindo a aristocracia da raça; [...] e o que mais impressiona, é o manterem ainda hoje a simpatia por tudo quanto é memória da língua, da literatura e da História de Portugal (p. 9).

Ora, ao terminar o primeiro quartel do nosso século, os pesquisadores de História judaica e etnólogos em geral, despertaram para um fenómeno que há muito se julgava extinto – o criptojudaísmo.

Como se caracterizavam os judeus do distrito de Bragança? Qual

52 Rodrigues, Ernesto (1985). O Nordeste no Diário de Miguel Torga. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (7), 35-39.

53 Paulo, Amílcar (1971). Os Marranos em Portugal – Reminiscências Judio-Portuguesas. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (4), 7-15.

o seu contributo para o desenvolvimento social e comercial da região?
Das palavras de Mea (1997) deduz-se que

mesmo se durante séculos se quis apartar a sua história da dos seus conterrâneos, o certo é que ela é indissolúvel da própria história de Bragança, da sua gente, das suas instituições, das relações Igreja-Estado, enfim, da própria projeção da região interna e externamente ⁵⁴ (p. 713).

Sobre este aspeto é, acreditamos, importante referirmos as palavras de Monteiro (1986), em *O conceito de Educação na Obra do Abade de Baçal*⁵⁵

acha [Abade de Baçal] que todo o cidadão deve contribuir para a salvaguarda do património. Não perdoa o que qualifica como “Indiferença miserável pela história da nossa terra nos que tinham obrigação de cooperar no seu desenvolvimento, triste sintoma de educação mental” (p. 28).

E da “história da nossa terra” também fazem parte todos os povos que, em algum momento, a escolheram para aqui se desenvolverem e aqui deixarem o seu contributo para o crescimento da região. Assim, ainda de acordo com Monteiro (1986), “todo o longo preâmbulo do Tomo V – de referência obrigatória – é um hino apologético e corajoso (porque não dizê-lo?) a princípios universais e ecuménicos... Quando se fala em conceitos de educação isto tem de ser dito com força”. Segundo o autor, as páginas que o Pe. Francisco Manuel Alves

escreve sobre os judeus são bem sintomáticas do seu combate contra a intolerância, a insinceridade, os formalismos, o obscurantismo e a estupidéz!...E nessas páginas dá grandes provas de tolerância...Procura

54 Mea, Elvira (1997). O Judaísmo no século XX – A Fénix Renascida em Trás-os-Montes. In *Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda, Congresso Histórico, 1545-1995, 450 anos da Fundação, Actas*, pp. 713-735.

55 (1986) Separata do *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (2-3-4).

a verdade, defende a amizade fraterna entre os homens: as ideologias não os podem dividir mortalmente (p. 39)⁵⁶.

É imbuído desse espírito de tolerância para com o povo judeu que, perante a publicação do Tomo V de *Memórias Arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, o Pe. Francisco Manuel Alves se dirige por carta, em 1921, ao amigo de todos os tempos, José Montanha

mais ainda ao falar de uma inquisição tenho fatalmente de azorregar, não a Igreja, porque a Inquisição da Igreja de Roma era benigna e razoável para essa época em que as leis da humanidade se não moldavam em mais suavidade, mas uns tantos bispos que foram os inquisidores, homens fanáticos e perversos que com um falso zelo comprometeram tudo. Esses, esses malandros é que foram os da culpa⁵⁷ (p. 40).

Mas, se não perdermos de vista o Tomo V de *Memórias Arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, será crucial citarmos um excerto aí incluído, publicado em 1971 e exemplificativo do pensamento do Pe. Francisco Manuel Alves no que respeita às diferentes religiões, sobretudo, no que respeita ao Judaísmo⁵⁸

para mim, um protestante, judeu, maometano, bramanista, confucionista, zaroastroista ou outro de qualquer religião que seja, quando de boa fé, merece-me todo o respeito e veneração. Todos adoram a Deus e se no medo de adoração divergem, resta-me lamentá-los como cristão e orar por eles. [...] Odiar os judeus? Mataram a Cristo, dirão. É o caso de parafrasear o grande Santo – feliz morte que nos trouxe um tal Redentor. Mataram-no porque pregava contra o existente; contra as sinecuras proventosas dos alapardados à sombra da Lei; revo-

56 Idem.

57 Idem.

58 Referimo-nos ao texto publicado em *Boletim Amigos de Bragança*, n.º 6 de 1971, e incluído em *Tomo V – Os Judeus no distrito de Bragança* de *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, Pe. Francisco Manuel Alves, pp. 16-22.

lucionava o povo; pregava contra os ricos e poderosos e a favor dos proletários [...]. Pois se voltasse de novo ao mundo e azorragasse uns tantos mandões fariseus que lhe mercadejam e deturpam a doutrina, infalivelmente seria mandado fuzilar pela segunda vez. Cacarejando igualdade, fraternidade e liberdade de pensamento, não fuzilam as nacionalidades quantos pregam contra as instituições, contra o existente, contra os poderosos em nossos dias? Não foi sempre assim em todos os tempos? [...] Que tem lá, digo, que estes o matassem? Quando muito, eles é que foram os responsáveis, o resto do povo, o autêntico povo israelita, nenhuma culpa teve, como se vê de S. Mateus 26-5 onde se diz claramente que não queria prendê-lo em dia de festa, não fosse amotinar-se o povo. Como é que o Cristão há de aborrecer o judeu? Não era Cristo Judeu e judeus S. Pedro, o fundador da Igreja, S. Paulo, o seu maior doutor, os apóstolos, pregoeiros do cristianismo, alguns dos seus maiores e mais piedosos santos, papas e grandes homens? Não tem a igreja por regra fundamental a BÍBLIA que é também, em parte, para os israelitas? Não recebeu da Sinagoga a Igreja as suas instruções fundamentais, a sua liturgia, os seus formulários de preces, a sua exegese bíblica? Não rezam ainda hoje os sacerdotes cristãos o seu BREVIÁRIO pelo mesmo teor, no fundo, que o fazem os ministros da Sinagoga? Não é moisaico no fundo o nosso culto e sem originalidade muitas práticas da Igreja que simplesmente copiou e adotou à orientação jeovítica? Não é, em suma, o cristianismo filho do moiselismo? Como poderemos odiar os seus sequazes a menos que não queiramos passar por parricidas e filhos amaldiçoados? [...]

O moiseísmo é a mais fecunda das religiões em práticas religiosas. [...]

Como se compreende que, num século de tanta liberdade como o nosso, os hebreus ainda escondam os seus arquivos?

A questão que encerra a citação do texto do Pe. Francisco Manuel Alves conduz-nos, inevitavelmente, a outros estudos, nomeadamente os de Paulo (1964) aos quais é importante aludir, uma vez que

o cristianismo de muitos dos conversos era apenas de fachada, disso não nos restam dúvidas. Estava-lhes na massa do sangue a religião dos seus maiores; não se tratava de qualquer coisa que se pudesse arredar por um ato de vontade. E ei-los praticando em segredo os ritos a que se haviam acostumado, indo sem devoção aos ofícios dos cristãos, só para manterem as aparências que a segurança exigia. Guardavam o sábado, observavam a Páscoa judaica e outras festividades. Efetivamente [continua o autor], apesar da severa repressão levada a cabo, com requintes de extrema ferocidade pelos tribunais do Santo Ofício, os cristãos novos de Trás-os-Montes, continuaram fiéis ao culto mosaico. As cerimónias tradicionais hebraicas foram, a partir de então, realizadas no mais completo sigilo. E os judeus transmontanos, no que respeita a religião, passaram a ser dualistas, isto é, embora procedessem, aparentemente, de acordo com os preceitos do catolicismo, nunca repudiaram a sua fé⁵⁹ (pp. 7-9).

Na mesma publicação, encontramos um texto intitulado, “Uma viagem a Vilarinho dos Galegos: ritos e costumes judaicos dos cristãos-novos”⁶⁰, viagem que terá acontecido entre 1950 e 1955 e na qual o autor retoma a ideia do secretismo que envolvera a vida religiosa dos judeus (também) do distrito de Bragança durante séculos. Assim,

o que mais impressiona, quando se quer estudar a vida destes cristãos-novos, é o grande segredo de que continuam a rodear as suas cerimónias e práticas judaicas, tal como se a inquisição ainda perdurasse entre nós pelo que o seu estudo se torna extremamente difícil. Estas tradições [acrescenta o autor], cerimónias ou orações que os cristãos-novos portugueses têm conservado até hoje, foram-lhes transmitidos, sob o maior e mais rigoroso segredo, de pais para filhos através dos longos e horríveis séculos da dominação inquisitorial apesar dos iminentes perigos que a observação dos ritos hebraicos acarretava nesta triste época que o país atravessava. O secretismo aliado ao ter-

59 Paulo, Amílcar (1964). Os judeus em Trás-os-Montes, subsídios para a sua história: Da existência dos judeus no distrito de Bragança. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (12), 7-9.

60 Idem.

ror permanente “obrigava [ainda na perspectiva de Paulo] os marranos, não só ao segredo rigoroso nas suas práticas religiosas judaicas mas também a evitar, quando possível, todos aqueles preceitos da religião hebraica, que não podiam ser escondidos e que os pudessem irremediavelmente perder (p. 21).

No *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, 1971⁶¹, Paulo menciona a questão do sincretismo religioso entre os marranos e as inter-relações entre um grupo e outro grupo. Apesar das indicações do Santo Ofício, no que toca a este assunto, as inter-relações perduraram no tempo, pelo menos durante três séculos

um dos aspetos curiosos dos marranos é o seu sincretismo religioso. Apesar da discriminação que o Santo Ofício durante séculos incutiu na mente da população portuguesa, os contactos, a comunhão, a inter-relação entre um grupo e outro se manteve. Os numerosos documentos que ficaram provam-no de sobra. A camada simples da população, vivendo num clima de obscurantismo e ignorância, de superstições e fanatismos, sempre olhou para o grupo cristão-novo como algo estranho e diferente, desconhecido. Isso gerava naturalmente uma série de falsas imagens, apódoas sem fundamento. Mas não conseguiu eliminar a necessidade de convívio humano, diário, a ajuda mútua nas horas difíceis, quando um vizinho, não importa se judeu ou cristão, vinha oferecer o seu auxílio ou consolo. Esse convívio continua nos nossos dias. As práticas religiosas são secretas. «Nós» somos diferentes «deles», repetem com frequência, mas vivemos e trabalhamos juntos (p. 14).

Contudo, ao folhearmos a *Coletânea* coordenada por Mea (2018), Amílcar Paulo, *O Delfim do Capitão Barros Basto*⁶², Paulo dá-nos conta de alterações no *modus vivendi* dos judeus de Carção e Argozelo

61 Paulo, Amílcar (1971). Os Marranos em Portugal - Reminiscências Judio-Portuguesas. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (4), 7-15.

62 Mea, Elvira (Coord.) (2018). *Amílcar Paulo, O Delfim do Capitão Barros Basto: Coletânea da sua Obra*. Comunidade Israelita do Porto. Comunidade Judaica do Porto.

em junho de 1852, o pároco de Carção, no concelho de Vimioso, escrevia uma carta ao governador do bispado de Bragança dando-lhe conta de que desde 1834 havia engrossado a seita dos criptojudeus naquela localidade, pois já não tinham medo da Inquisição como antes. Em data mais recente, ou seja no ano de 1912, o Dr. Ferreira Deusdado em nota à página 168 do seu ensaio de literatura regional *Escorços Transmontanos* diz-nos que os judaizantes de Argozelo e Carção, [...] «exercem, uns a indústria de çurradores de peles, outros a de almocreves ou recoveiros (p. 196).

Ao lermos Leite de Vasconcelos (1982)⁶³, tomamos conhecimento de outros detalhes sobre esta questão. Defende o autor que

extinta a Inquisição, apenas se atenuaram os cuidados de sigilo nas práticas judaicas dos Cristãos-Novos de Bragança. Reuniam-se clandestinamente em casas particulares para fazer suas festas, celebrar ofícios religiosos e dizer orações. Isto mesmo acontecia depois da República. Uma das casas em que se juntavam por volta de 1927 era a de J. Albino Lopes Borges [...]. Chegaram mesmo a ter sinagoga, provisória, muito modesta, graças ao auxílio de alguns correligionários graúdos da cidade, antes de 1927, ano em que se fundou a oficial. As festas que principalmente realizavam eram a do *dia de Kipur* ou do *jejum grande* e a da Páscoa. Na tarde da véspera do dia de Kipur ou dia do perdão, o 11.º da lua «Tishri», que cai geralmente em Setembro, lavavam-se inteiramente, e com cinza pelo menos os pés, vestiam a melhor roupa que tinham e, de joelhos e olhos no céu, pediam a Deus licença para entrarem de jejum. Iniciava-se este ao pôr do Sol e ia ao nascimento das primeiras estrelas do dia seguinte. Era rigorosíssimo: não comiam, não bebiam, não fumavam; passavam todo o tempo em oração [...]. Depois do jejum, à noitinha, tinham uma ceia grande, *de toda a limpeza*, isto é, sem carne e só de peixe, oferecida a Deus. Antes de iniciar o banquete procedia-se à bênção da mesa. Um deles dizia:

63 Leite de Vasconcelos (1982). *Etnografia Portuguesa* (Vol. IV). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

*Assim como o Senhor botou a sua santa bênção à lã e ao linho, a Abraão, a Isaac, ao seu filho Jacob, bote o Senhor sobre nós e toda a nossa família a sua santa bênção*⁶⁴.

E todos de seguida:

*Ao céu vá, lá chegue, para honra e glória do nome santo do Senhor.
Ámen.*

Dava-se então começo à refeição, que metia também vinho. Depois da ceia, cantava-se e dançava-se alegremente, tudo para honra e glória do Senhor. Em tempo de J. Albino Lopes Borges, imediatamente antes de 1927, organizava-se um baile de roda, com versos de sua invenção. Abria com a quadra seguinte:

Cantamos, hoje, ao Senhor,

Deus da glória singular;

O cavalo e o cavaleiro

Lançou no profundo mar (pp. 170-172).

Leite de Vasconcelos (1982) refere também que

em 18 de outubro de 1927 constituiu-se a *Comunidade Israelita de Bragança*, que decidiu reger-se, sob proposta do capitão Artur Carlos de Barros Basto, pelos estatutos da do Porto. À assembleia geral estiveram presentes vários Israelitas de Bragança, Valpaços, Vilarinho dos Galegos e representantes dos de Miranda do Douro, além de vários criptojudéus que manifestaram desejos de ingressar no judaísmo oficial. Os estatutos foram aprovados pelo Governo Civil do distrito em 20 de Março de 1928⁶⁵. Havia um arquivo para registo dos membros da

64 Idem, o autor cita também naquele texto os trabalhos de Schwarz e Casimiro de Morais Machado.

65 Leite de Vasconcelos (1982). *Etnografia Portuguesa* (Vol. IV). Imprensa Nacional-Casa da Moeda. [Em nota de rodapé, o autor acrescenta que “Diz-se que a realização desta aspiração dos Cristãos-Novos de Trás-os-Montes se ficou devendo, principalmente, ao esfor-

Comunidade. Em 1932 estavam inscritos 139, 71 varões e 68 fêmeas. Destes, uns frequentavam regularmente a sinagoga, outros não. Usavam nomes hebraicos apelidos portugueses: Aarão, Moisés, Ester; Lopes, Pereira, Pinto, Furtado, Teixeira, Carvalho, Silva, Cruz, Santos, Franco, Dias, Oliveira, Graça, Pires, Lima, Barros, Neves. A direção era formada de *presidente, vice-presidente, 1.º secretário, 2.º secretário, tesoureiro e cinco vogais*, e a assembleia geral, de *presidente, vice-presidente e dois secretários* (p. 179)⁶⁶.

O autor acrescenta, por outro lado, que

a Comunidade era constituída apenas por Cristãos-Novos de Trás-os-Montes. Havia neste tempo um esboço de outra em Vilarinho dos Galegos [e] ainda se sepultavam, cerca de 1936, em cemitério cristão.

A 2 de agosto de 1932 chegou a Bragança, mandado pela Comunidade judaico-portuguesa de Amesterdão, o rabino Jacob Xababo. As orações começaram a ser rezadas em hebraico segundo o rito *sefardi*, para o que o novo rabino dava apontamentos manuscritos. A 4 de agosto de 1932 iniciava-se o ensino da língua hebraica, por iniciativa, diz-se, do referido capitão Basto. O curso começava com 42 alunos dos dois sexos. Nenhum dos participantes da Comunidade sabia aquele idioma. Algum tempo depois de 1932 ainda se não tinham começado a circuncidar. Chamavam missa à reza oficial na sinagoga: *Vamos à nossa missa; ir à missa da sinagoga*. Parece que em 1936 Xababo já se não encontrava em Bragança (p. 180)⁶⁷.

E como encararam os bragançanos o ressurgimento do Judaísmo? Segundo o autor, os Bragançanos encararam este movimento, a princípio, com ironia. Faziam zombaria dos Marranos, principalmen-

ço do capitão Barros Basto”, p. 179].

66 Idem.

67 Idem.

te o rapazio, pelo que se viam, às vezes, obrigados a cessar o culto e a dispersar-se, mas com o tempo essas ofensas cessaram.

Em 1929, a sinagoga estava modestamente instalada numa casa que fora loja e anunciava-se no letreiro: «Comunidade das Famílias Israelitas de Bragança». Um informador descreveu-a ao autor, dizendo que⁶⁸

é na sala que tem no chão para o lado do nascente a Arca da Aliança, que contém o livro da Lei, manuscrito pergamináceo antigo, oferecido pela comunidade israelítico-portuguesa de Pisa. Está suspensa do tecto uma lâmpada de azeite puro, sempre acesa. Quando se acende reza-se em hebraico uma oração que diz: *Bendito tu, Deus de Israel, rei do Universo, que nos santificais... e nos ordenais que acendamos a luz perpétua*. Em frente está na mesa um candelabro de cinco lumes completos com dois castiçais volantes: ao todo sete luzes». [o autor fornece ainda outras informações] Entre livros impressos havia uma Bíblia usual, não muito antiga, e um livrinho intitulado *Lições de Um Pai a Uma Filha Sua na Primeira Idade*, em dois tomos. É seu autor Roque Ferreira Lobo. [...] O autor da presente obra visitou em 1932 a sinagoga e deixou escrita a seguinte nota: «Visitei a sinagoga ou esnoga e fiquei com boa impressão da excelente ordem com que se executou o serviço religioso; e é notável sob o aspeto histórico. Admiro-me de como se pôde manter por tantos séculos, quase sempre agitados, este grupo étnico firme e sem indício de secar» (p. 181).

Parece-nos pertinente continuarmos este assunto, ou seja, contextualizarmos o ressurgimento da Comunidade Judaica de Bragança nos finais dos anos vinte do século XX, em Bragança. Assim, é de referir que Artur Carlos de Barros Basto⁶⁹ inaugurou, nessa cidade, em 22 de junho de 1928, a sinagoga Shaaré Piedon ou «Portas do Resgate», “através das quais passariam todos os que em Bragança desejassem redimir-se, voltando assim à religião dos seus antepassados. Muitos

68 Leite de Vasconcelos (1982). *Etnografia Portuguesa* (Vol. IV). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

69 Barros Basto: o Capitão Mal-Amado – Parte I – RTP Arquivos.

foram, estima-se em cerca de 800 pessoas, mas o sonho foi breve e passados alguns anos a pressão do Estado Novo fazia regressar o culto à clandestinidade das origens”⁷⁰.

No estudo de Pignatelli (2019) lê-se que

a Comunidade Israelita de Bragança foi a primeira a ser constituída e legalizada pelo oficial do exército e pela sua Obra do Resgate, a 18 de outubro de 1927 e, de todos os centros criptojudaios, foi também esta congregação a que mais tempo assegurou a continuidade das suas estruturas étnicas (p. 49)⁷¹.

A autora assegura ainda que

depois de organizar a [comunidade] do Porto, Barros Basto visitou e estabeleceu pontes com diversas localidades no interior onde sabia haver numerosos criptojudaios: Covilhã, Belmonte, Fundão, Aveiro, Vila real, Chaves, Rebordelo, Vinhais, Macedo de Cavaleiros, Mogadouro, Vilarinho de Mogadouro, Lagoaça, Moncorvo (que fora sede de Rabinato Provincial de Trás-os-Montes), Cedovim, etc., incitou-os a que se organizassem e desenvolvessem, através da criação de uma rede de mensageiros e de um meio de comunicação, à época eficaz, que promoveu para o efeito: o boletim *Há-Lapid* (pp. 49-50)⁷².

Barros Basto chegou a Bragança, segundo o Boletim *Há-Lapid*⁷³,

no dia 16 de outubro, [de 1927], à noite [...] acompanhado pelo Dr. Ernesto Augusto Rodrigues [descendente de criptojudaios de Vilarinho

⁷⁰ Mea, Elvira (1995). Cristãos Novos no Nordeste Transmontano. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 165-182.

⁷¹ Pignatelli, Marina (2019). *Cadernos de Orações Cripto-Judaicas e Notas Etnográficas dos Judeus e Cristãos-Novos de Bragança*. Etnográfica Press.

⁷² Idem.

⁷³ Boletim *Há-Lapid* (n.º 6, 1927).

dos Galegos]. No dia seguinte [17 de outubro] fez o nosso Nassy várias *demarches*, após as quais se fizeram as Circuncisões dos seguintes cripto-judeus: José Furtado Montanha, 45 anos, Diretor da Agência do Banco de Portugal em Bragança; José de Oliveira Neves⁷⁴, 52, negociante; Artur de Oliveira Neves, 26 anos, filho do precedente, empregado bancário; Albino Borges, 43 anos, empregado nos Correios; Eugénio Carvalho, 32 anos, pequeno industrial. Nesse dia 17, à noite, fez-se numa sala do 2.º andar da residência do sr. Oliveira Neves⁷⁵ a oração de Ar-bith. A sala estava repleta. Assistiram algumas pessoas distintas, entre elas o comandante militar de Bragança [...].

Na noite do dia 18, ainda na

residência do sr. Oliveira Neves, reuniram os israelitas presentes em Bragança, fazendo-se representar os Dr. Macias Teixeira, professor José Ruano e Delfim Furriel, a convite do capitão Barros Basto deliberaram constituir a Comunidade Israelita de Bragança; deliberaram mais que nela se faria uso do rito sephardy, rito usado pela Comunidade de Bragança antes de 1496. Em seguida procedeu-se à eleição do Mahamad (Junta Diretora) da Comunidade, que ficou assim constituído: Presidente – José Furtado Montanha; Vice-Presidente – Dr. Ernesto A. Rodrigues; 1.º Secretário – Cesário Lopes; Tesoureiro – Artur de Oliveira Neves; Vogais – Albino Borges e Ruano. [...] Na manhã seguinte [19 de outubro] partiu de Bragança para Macedo de Cavaleiros, acompanhado do Dr. Rodrigues, o nosso Nassy, o Mensageiro do Resgate, ao qual fizeram uma afectuosa despedida na gare muitos judeus e cripto-judeus bragançanos bem como várias pessoas de categoria no meio cristão⁷⁶.

74 Pai de Artur Mirandela.

75 Segundo a família de Artur Mirandela, a notícia do Boletim *Há-Lapid* referia-se à casa na rua Abílio Beça, n.º 106-108 da família Mirandela.

76 Boletim *Há-Lapid* (n.º 6 de 1927).

José António Furtado Montanha tornou-se, assim, o primeiro presidente da Junta Diretora da Comunidade Israelita de Bragança a partir de 1927.

Nascido em Bragança, em 6 de maio de 1882, Furtado Montanha era filho de José Cândido Fernandes Montanha e de Felismina Augusta da Assunção Furtado e o esposo de Elisa Fernandes Montanha. Segundo o texto da homenagem prestada pelo *Boletim Amigos de Bragança*⁷⁷, fez a instrução primária e o curso do liceu e aos catorze anos foi viver com o tio farmacêutico, António Guilhermino Furtado, que o terá iniciado na manipulação dos remédios, embora lhe estivesse destinada, na verdade, uma carreira de cinquenta e três anos ao serviço do Banco de Portugal, cuja folha de funcionário aponta a sua estreia no dia 10 de março de 1902. Segundo o mesmo texto, Furtado Montanha “viveu em plenitude a vida do seu Banco, com dedicação e inteligência que ganharam em breve a estima dos seus superiores hierárquicos, numerosos amigos, pelas suas altas qualidades de simpatia, de caráter e bondade”.

Ao consultarmos Barroso da Fonte (2001)⁷⁸, percebemos que Furtado Montanha se distinguiu “pelo seu espírito regionalista e pelo sentido de benemerência” (p. 231). A Agência do Banco de Portugal, em Bragança, à qual se dedicou durante décadas, fora instalada provisoriamente no edifício do Governo Civil em 2 de novembro de 1893, contudo, em 14 de janeiro de 1903, nesse mesmo local decorreria a arrematação da obra para o novo edifício do Banco de Portugal, na presença de Adães Bermudes, autor do projeto⁷⁹. Com o passar dos anos, a agência conheceria outras localizações dentro da cidade, tendo em conta a descrição que o Arquivo Histórico do Banco de Portugal aponta

as instalações da Agência funcionaram primitivamente em salas do Governo Civil – instalado em parte do antigo convento de S. Bento – e devidamente adaptadas. Em 1902, o Banco comprou um terreno com uma capela no Largo de São João, na cidade, para construção de um

77 Maio 1970, (13), 2-4.

78 Barroso da Fonte (2001). *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses* (Vol. II). Editora Cidade Berço.

79 Sousa, Fernando (Coord.) (2013). *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)* (Vol. I e II). Câmara Municipal de Bragança, pp. 679-680.

edifício de um piso cujo projeto foi entregue ao arquiteto Adães Bermudes. Em 1907, funcionavam os serviços, já nas novas instalações, mas cedo começaram a ser necessárias obras. Os serviços foram então transferidos para um imóvel, comprado pelo Banco, em Março de 1921, na Rua 1º de Dezembro, procedendo-se, em 1923, à venda do antigo edifício a um dos agentes, dado a escassez de casas de habitação na cidade. Em 1939, o Banco comprava à Santa Casa de Misericórdia, um edifício na zona histórica da cidade, na Rua Abílio Beça, conhecido como o solar dos Vargas⁸⁰.

O mesmo Arquivo fornece também uma caracterização do distrito de Bragança

inserida num distrito predominantemente agrícola, de pequena propriedade, com grande volume de emigração, as suas culturas assentam na vinha, amêndoa, oliveira, castanha e centeio. O comércio, quer o armazenista quer o retalhista, era considerado desafogado em contraste com uma indústria praticamente inexistente. Apesar das potencialidades do subsolo, nunca ele foi devidamente explorado. Igualmente o turismo, com enormes potencialidades, nunca se desenvolveu dada a deficiente rede viária e ferroviária⁸¹.

Familiar ascendente de Emídio Garcia, patrono do Liceu e do Centro Republicano, José Montanha sentia-se naturalmente ligado ao movimento de 5 de outubro de 1910, uma vez que, “desde a sua fundação pertenceu a muitas Direções do Centro Emídio Garcia⁸², que

80 Agência do Banco de Portugal em Bragança - Banco de Portugal - Archeevo (bportugal.pt).

81 Idem.

82 Leia-se a propósito a informação que surge no telegrama 1476 de 30 de outubro de 1921, que o Centro Emídio Garcia dirige ao Presidente da República, e que se encontra arquivado no Museu da Presidência da República (Sem título - Museu da Presidência da República - Archeevo (presidencia.pt)): “Centro Emídio Garcia apresenta a V. Exa sentidas condolências pela morte ignominiosa dos honrados republicanos e grandes portugueses Machado

se tornou o foco das mensagens culturais que a República criara em Bragança”⁸³. Por outro lado, o seu nome ficaria conhecido para a História da cidade, tendo em conta o enorme empenho demonstrado na publicação de *Memórias* do Pe. Francisco Manuel Alves. No Tomo I⁸⁴ dessa obra consta exatamente essa informação

os maiores promotores e divulgadores do Abade e da sua obra foram os mecenas, sobretudo Raúl Teixeira e José Montanha. Foi esta amizade-total, esta entrega, este empenho aturado no homem e na obra que o levou à consagração. Foram eles que geriram financeiramente a publicação das *Memórias*... (sobretudo a partir do 3.º volume), o auxiliaram diariamente na gestão e afirmação do Museu e da sua imagem pública (p. xxi).

Além disso, é fundamental salientar a sua atividade na obra do Museu Regional, bem como a sua dedicação enquanto sócio da Cruz Vermelha e o facto de ter sido agraciado em 1924 e em 1934. Na página oficial do Museu Abade de Baçal consta a seguinte informação: “A Sala do Abade homenageia os fundadores do Museu, com particular atenção à figura de Francisco Manuel Alves, o Abade de Baçal, e Raúl Teixeira que com José Furtado Montanha formam o conjunto das personalidades que marcam a origem deste espaço museológico”⁸⁵.

Em 1935 foi atribuída a Furtado Montanha uma Comenda⁸⁶ e re-

Santos, António Granjo, Carlos Maia e Freitas Silva ao mesmo tempo roga a V. Exa em nome sagrados interesses pátria e defesa constituição política da república se conserve desempenho altas funções em que foi investido pelo congresso da república. Presidente direção José Furtado Montanha.”

83 Furtado Montanha fez também parte da Comissão de consulta política do Governador Civil, juntamente com Francisco Morgado, António Bastos Pereira, Eduardo Ernesto de Faria, António Augusto Teixeira e Augusto César de Matos que, em 26 de março de 1919, publicou o número único do *Boletim Republicano do Distrito de Bragança* (Sousa, Fernando (Coord.) (2013). *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)*. Vol. II, p. 552.

84 Alves, Pe. Francisco Manuel (2000). *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Tomo I.

85 Exposição Permanente – Museu do Abade de Baçal (museuabadebacal.gov.pt).

86 No Arquivo Histórico da Presidência da República pode ler-se: Proposta do Minis-

velou-se a alma da criação da chamada “Sopa dos Pobres”, “a fim de evitar na cidade o cortejo dos pedintes pelas portas”. Contudo, parece-nos ainda relevante destacar um período em que a sua audácia se fez especialmente notar. Terá acontecido já durante o período em que a 1.^a República começava a manifestar indícios de dificuldades de governação decorrentes da instabilidade também gerada a partir da participação na I Guerra Mundial. Oliveira Marques (1995) assegura que

Em Portugal [...], o esforço de guerra e a conjuntura internacional acarretaram consequências internas desastrosas. Havia escassez de géneros, de primeira e de segunda necessidade, até ao extremo da fome entre as classes inferiores urbanas⁸⁷ (pp. 568-571).

Como é, talvez, do conhecimento geral, aquele acontecimento provocou um agravamento da situação política, económica e social do país, uma vez que a agricultura se apresentava pouco produtiva, a indústria parcamente desenvolvida e a balança comercial era claramente deficitária devido ao elevado número de importações. A impopularidade de Afonso Costa “ia crescendo, sobretudo entre as massas urbanas que mais sentiam os efeitos da guerra. A agitação social conturbou as grandes cidades e até a província, sobretudo nos meses de verão e outono de 1917”⁸⁸. Para agravar este quadro juntaram-se ainda a desvalorização da moeda, a diminuição do poder de compra dos assalariados e da classe média. Este conjunto de fatores conduziria à decadência da República e a tentativas de restabelecimento da Monarquia com Paiva Couceiro e com a chamada “República Nova” de Sidónio Pais em 1917, que proclamava um regime autoritário de cariz presidencialista.

Pouco depois, em 1919, o governo de Sidónio Pais caracterizar-

tro do Interior de 25 de abril de 1930, para o grau de Oficial. Foi proposto que a condecoração fosse feita na Ordem de Santiago. Nova proposta de 30 de julho de 1930 para o grau de Cavaleiro. Sem seguimento. Nova proposta de 6 de maio de 1935 para o grau de Oficial. Publicado no DG n.º 266, de 14 de novembro de 1935. José António Furtado Montanha (Agente do Banco de Portugal em Bragança) - Arquivo Histórico da Presidência da República - Archeevo (presidencia.pt).

87 Oliveira Marques, A. H. (1995). *Breve História de Portugal*. Editorial Presença.

88 Idem, p. 569.

-se-ia como repressivo e a “censura de guerra, que Sidónio abolira ao tomar conta do poder, foi restabelecida e alargada, na prática, a assuntos não militares”⁸⁹. Em Bragança, perante o avolumar da agitação social e política, Furtado Montanha propôs a um colega da Agência Banco de Portugal “inutilizar todas as notas para não caírem em poder dos inimigos da República cuja chegada estava iminente, combatendo-se rijamente em Mirandela”⁹⁰. Em, *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)*, surgem outros pormenores relativos a esse período

em 19 de janeiro de 1919, na sequência do assassinato do presidente da República, Sidónio Pais, as Juntas Militares, que tinham sido criadas em 1918 para apoiar aquele contra os seus inimigos, proclamaram a Monarquia. No Norte de Portugal, Paiva Couceiro organizou uma Junta Governativa do Reino, com sede no Porto, que governou durante um mês e meio a região – Minho, Trás-os-Montes (com exceção de Chaves) e parte da Beira até ao Rio Vouga⁹¹ (p. 597).

Os autores indicam ainda os acontecimentos da madrugada de 21 de janeiro de 1919 em Bragança – os “vivas” à Monarquia e a D. Manuel II -, bem como os acontecimentos que surgiriam posteriormente

A proclamação da Monarquia em Bragança foi seguida de assaltos a casas de republicanos. Contudo, a sua vigência reduziu-se a dois dias, uma vez que, em 23 de janeiro de 1919, apesar dos esforços de José Aurélio Machado para sufocar os republicanos, o regimento de Infantaria n.º 10, com o 6.º grupo de Metralhadoras comandado pelo major Carlos Vergueiro, e alguns civis, levantaram-se aos gritos de “vivas à República” e ocuparam a Cidade, [...]. Na aniquilação do movimento monárquico de 21 de janeiro e da resistência republicana em Mirandela, importa salientar o papel desempenhado pelos civis bragançanos que combateram pela República, [...].

89 Idem, p. 571.

90 (1970) *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (13), 3.

91 Sousa, Fernando (Coord.) (2013). *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)* (Vol. I e II). Câmara Municipal de Bragança.

A situação ficou totalmente normalizada em Bragança com a restauração da República a 21 de fevereiro do mesmo ano, quando Desidério Augusto Ferro de Beça tomou posse de Governador Civil como alto-comissário do Governo neste Distrito, após as forças militares fieis ao Governo e um “grande número de civis” terem obrigado as tropas monárquicas a abandonarem a Cidade, no dia anterior, refugiando-se em Espanha⁹² (p. 600).

Ora, para informar os seus superiores hierárquicos do que se passava em Bragança, sobretudo na Dependência do Banco de Portugal, Furtado Montanha

partiu a cavalo para Espanha, seguindo para Badajoz donde voltou a Portugal por Elvas seguindo para Lisboa onde deu conta do sucedido à Administração, que por tal facto o louvou, [pouco depois, as hostes revolucionárias surgiam em Bragança], apropriando-se dos 100 contos do Banco de Portugal de que ficou recibo autenticado pelo outro Agente e pelo Chefe da Repartição de Finanças⁹³ (p. 4).

Há outras facetas do espírito empreendedor de Furtado Montanha que devem ser salientadas. Referimo-nos, por exemplo, à *aliança* surgida entre o Abade de Baçal, Raúl Teixeira e o próprio José Montanha, constituída em 1925 - o Grupo dos Amigos dos Monumentos e Obras de Arte de Bragança -, “imediatamente antes de o primeiro iniciar funções como diretor do Museu Regional”⁹⁴.

Sobre a relação entre Furtado Montanha e Artur Mirandela haverá, certamente, várias peripécias para relatar, uma vez que partilhavam o mesmo espaço laboral e as mesmas convicções políticas e religiosas. Posto isto, uma notícia publicada em *O Cardo*, Jornal do Nordeste, em 1996, dá conta de um episódio anedótico que os terá

92 Idem.

93 (1970) *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (13), 4.

94 Sousa, Fernando (Coord.) (2013). *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)* (Vol. I e II). Câmara Municipal de Bragança, p. 289.

envolvido

O sr Artur Mirandela trabalhava no Banco de Portugal com o seu amigo Zezinho Montanha. Um era o gerente (o rabi) outro, o tesoureiro (Artur Mirandela). O fundador do Museu pelava-se por um bom petisco e Artur Mirandela por uma boa partida. Ora, em tempo de cinto apertado Artur Mirandela levou com todo o cuidado uma canja saborosa para o banco. A dita canja soube que nem “canja” ao senhor Zezinho. Os méritos de Artur Mirandela foram convenientemente realçados pelo gastrónomo exigente que era o esteta Montanha. Passados uns meses o senhor Zezinho lembrou-se de solicitar nova canja ao seu amigo. A resposta veio rápida: “agora não as há”. “Não há o quê?” A interrogação ficou suspensa no ar durante segundos e o gerente esperou pelo esclarecimento de Artur Mirandela. “Não há cobras”, diz o interpelado. Ao que parece, Zezinho Montanha fazia uma cara enjoada e agoniada sempre que passava junto de Artur Mirandela!

No que respeita à participação mais ativa de Artur Mirandela na Comunidade Judaica de Bragança sabe-se, através da leitura de um excerto incluído em *Identidade e memória Sefardita: História e Atualidade* (2017)⁹⁵, que

Manuel Mirandela, [...] filho de Artur Mirandela, um dos líderes da comunidade judaica local em tempos de Barros Basto, [confessou] que a fidelidade do seu pai à Lei de Moisés se manifestou na adesão à pequena comunidade judaica local, e na sua liderança durante os momentos de maior crise (p. 124).

No mesmo documento, o autor refere também, em nota de rodapé, que

95 Stuczynski, Claude (2017) Bragança: “Metrópole do Criptojudaísmo”. In Reis, M.^a de Fátima; Mendes Pinto, Paulo (Coord.), *Identidade e Memória Sefardita: História e Atualidade*. Congresso Terra(s) de Sefarad/Encontros de Culturas Judaico-Sefardita (pp. 119-127). Câmara Municipal de Bragança. ISBN 978-989-96552-6-3.

durante a segunda metade dos anos 1930, Artur Mirandela foi presidente da Congregação Judaica de Bragança e tinha sido preso, acusado de comunista pela sua ajuda a refugiados republicanos (p. 124).

Em *Bibliografia do Distrito de Bragança: Série Documentos* (1996)⁹⁶ consta que em 20 de março de 1928 “por alvará desta data, o Governador Civil de Bragança aprova os estatutos da Comunidade Judaica desta cidade”. Acrescenta-se que “a Sinagoga foi inaugurada pelo presidente da comunidade, José António Furtado Montanha, dia 22 de junho [...]. Pouco depois, uma “Comissão de senhoras” pedia, sem êxito, o seu encerramento” (p. 313).

A estranheza que o novo espaço de culto causaria em 1928 não se coadunava com o que, alguns anos antes, em 1910, o Ministro da Justiça havia endereçado por telegrama ao Governador Civil, Dr. João de Freitas

Peço a V. Exa. dê instruções para que o culto seja respeitado em todas as igrejas e lugares a ele destinado, proibindo quaisquer manifestações contra o exercício desse culto, seja de que religião for. O governo da República respeita a religião de cada cidadão como caso da consciência contra o clericalismo e reação por serem contrários à liberdade humana, à paz e à ordem social⁹⁷.

O que sabemos sobre o período (desde os finais dos anos 20 até aos anos 40 do século passado) em que a Comunidade Judaica de Bragança funcionou como tal? Como decorreram esses anos em Trás-os-Montes? O que terá contribuído para o que o “sonho” de Barros Basto se desvanecesse?

Jesus Ferreira (1999)⁹⁸ menciona a chegada a Bragança, em

96 Fernandes, Hironidino (1996). *Bibliografia do Distrito de Bragança Série Documentos, 1871-1950* (Tomo II). Câmara Municipal de Bragança.

97 *Gazeta de Bragança*, 19 de outubro de 1910.

98 Jesus Ferreira, Margarida (1999). *Amílcar Paulo, uma Vida da Defesa de um Povo Proscrito*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Seminário de Minorias Re-

1930, do Rabino Ben-Jacob que

logo entra em desacordo com as comunidade criptojudáicas, já que estas em vez que seguirem o judaísmo ortodoxo, ao qual ele exigia absoluto cumprimento dos seus preceitos, continuavam a insistir nas suas heterodoxas práticas ancestrais (p. 33).

Pouco depois, em 1931, foi a vez do Rabino Jacob Shebabo que, segundo a mesma autora, ao tomar contacto com a Comunidade de Bragança “também não gozaria de consideração por parte dos marranos” (p. 33). Em 1937, o Conselho Superior de Disciplina expulsa o Capitão Barros Basto do exército português, tendo em conta uma “carta anónima dirigida ao comandante da Região Militar do Norte” (p. 35). Apesar de nenhum dos atos de que era acusado ter sido provado e o Tribunal Militar Territorial do Porto o absolver, tudo isso significava

o descrédito total de um homem de reconhecida bravura militar e de fé convicta que tanto esforço tinha empenhado no sentido de concretizar vários objetivos em prol do movimento do resgate dos marranos portugueses (p. 35).

Em 1937, Barros Basto é então expulso do exército português e “não sendo, ou não podendo ser, dadas como provadas as atitudes de “intimidades exageradas”, Barros Basto seria condenado por ser oficiante da religião judaica na prática da operação da circuncisão aos seus alunos”⁹⁹ (p. 124). Mais notório ainda seria o facto da “tomada de consciência de uma atmosfera política nacional de ditadura e repressão, e a situação penosa em que acabou por se encontrar Barros Basto”, uma vez que aumentou no seio da minoria judaica “de forma agravante, o medo e a ânsia do segredo”¹⁰⁰ (p. 35). Tudo isto contri-

ligiosas e de Pensamento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

99 Canelo, David (1996). *O Resgate dos Marranos Portugueses*. Edição do Autor.

100 Jesus Ferreira, Margarida (1999). *Amílcar Paulo, uma Vida da Defesa de um Povo Proscrito*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Seminário de Minorias Religiosas e de Pensamento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

buiria para consolidar ainda mais a constatação de que “os marranos de Trás-os-Montes e Beiras [...] tinham uma religião própria, já muito consolidada, em séculos de terror e perseguição inquisitorial, sendo quase impensável, trazê-la à prática de um judaísmo oficial, que desconheciam e de que desconfiavam”¹⁰¹ (pp. 35-36).

É ainda importante salientar, no nosso ponto de vista, sobre esta temática, o facto de Barros Basto apoiar a prática de um “judaísmo normativo”, assim como “a prática das tradições antigas”, que, no entender de Jesus Ferreira (1999) esta forma de estar desencadearia “repercussões contestatárias por parte dos seus opositores” (p. 36). Em 1946, o “sonho ia-se desvanecendo”, mesmo em Trás-os-Montes e a conjuntura mundial marcaria o judaísmo – “o holocausto e a criação do Estado de Israel, que acabaram por conduzir o fenómeno do cripto-judaísmo em Portugal para segundo plano”¹⁰² (p. 37).

Além do exposto acima, Canelo (1996) confirma o envolvimento de Artur Mirandela e do seu pai, José de Oliveira Neves, no restabelecimento da Comunidade Judaica de Bragança, bem como da circuncisão de ambos

nesse mesmo dia, 17 de outubro de 1927, o Dr. Ernesto Augusto Rodrigues, que acompanhou Barros Basto na visita a Trás-os-Montes, circuncidou José Furtado Montanha, José de Oliveira Neves (52 anos, negociante), Artur de Oliveira Neves, filho do precedente (26 anos, empregado bancário), Albino Augusto Borges (43 anos, funcionário público dos Correios) e Eugénio de Carvalho (32 anos, pequeno industrial)¹⁰³ (p. 108).

Logo a seguir, o relato dos acontecimentos desse dia continua, tendo como espaço a casa do pai de Artur Mirandela

à noite, nesse dia, no 2.º andar da casa de Oliveira Neves, numa sala

101 Idem.

102 Idem.

103 Canelo, David (1996). *O Resgate dos Marranos Portugueses*. Edição do Autor.

cheia de cripto judeus e na presença do comandante militar de Bragança, o Coronel Teixeira, também ele de origem marrana, Barros Basto celebrou o serviço de *Arbith* e discursou sobre assuntos religiosos, tendo os presentes ficado bastante satisfeitos¹⁰⁴. (p. 108)

Em 1929, a Comunidade Judaica de Bragança foi agraciada com a generosa quantia de 500 dólares “em resultado do apelo de Paul Goodman, infatigável secretário do *Portuguese Marranos Committee, a Central Conference of American Rabbi* [...] como desejo de que esta Comunidade seja um centro judaico das povoações circunvizinhas onde habitam cripto judeus”¹⁰⁵ (p. 204).

Em 1928 (quando da sua inauguração) a Sinagoga de Bragança

situava-se na então rua da Estacada e manifestou a sua existência pública através de uma placa identificativa bem visível onde estava escrito “Comunidade Israelita de Bragança”. Em março de 1929 a sede da comunidade mudou da rua da Estacada para a rua Direita, onde ficou melhor instalada”. [...] Esse era, aliás, um dos pressupostos de Barros Basto, “a proliferação de sinagogas, cada uma das quais reproduzia as características de organização da Comunidade do Porto (por exemplo, a autonomia e os orçamentos, etc.)”¹⁰⁶ (pp. 112-113).

Em 1932, 23 de maio, *O Repórter X*, Semanário das grandes reportagens, num artigo intitulado “O que se passa entre os hebreus de Lisboa e os “marranos” do Norte?”, citado também por Teixeira Mendes (2007)¹⁰⁷ refere que

104 Idem.

105 Canelo, David (1996). *O Resgate dos Marranos Portugueses*. Edição do Autor.

106 Teixeira Mendes, Alexandre (2007). *Barros Basto, a Miragem Marrana*. Ladina, Associação de Cultura Sefardita.

107 Idem.

Porém nota mais curiosa a frisar é o que se passa em Bragança. Esta cidade representa para Israel o que Braga representa para Roma, são, por assim dizer, a Jerusalém e a Roma portuguesas. Sem receios de exagerado erro, pode-se calcular que toda a população é de origem judaica. A maior parte daquela gente conservava o uso, embora deturpado, das suas rezas, das suas orações ao Adonai, seu Deus, que praticavam muito às escondidas. Vários manuscritos têm aparecido contendo orações usadas nas práticas de culto, mas no geral, apenas gente humilde arrancou a máscara de falsos cristãos, e vai à sinagoga. A outra, a elite, essa continua frequentando as igrejas, e parece até que a sua crença em todos os santos da corte celeste, redobrou (pp. 116-117).

Apesar daquela notícia, dois anos antes tinha surgido o Relatório do *Portuguese Marranos Committee* que, sobre Bragança, informava que

a Comunidade Judaica é constituída por antigos marranos, a sinagoga, denominada Shaaré Pidyon (Portas da Redenção), mudou para melhor casa, situada na rua Direita, na melhor parte da cidade. A Comunidade de Bragança teve a boa sorte de receber uma ajuda financeira da *Central Conference of American Rabbi*, a qual, por intermédio do seu presidente, Dr. H. G. Enelow, votou uma quantia de quinhentos dólares do *Trust Littauer*, que pôs à sua disposição, e um donativo de duzentos e sessenta dólares do seu próprio fundo. Um desgosto doméstico tem, durante algum tempo, privado a Comunidade dos enérgicos serviços do seu presidente, Sr. José Furtado Montanha, mas o encorajamento tem-no recebido da Comunidade irmã do Porto, que tem mantido a energia da Comunidade de Bragança e obtido alguns novos aderentes¹⁰⁸ (p. 117).

108 Canelo, David (1996). *O Resgate dos Marranos Portugueses*. Edição do Autor.

O alvorecer da Comunidade Judaica de Bragança teve, como se percebe pelos vários estudos que consultámos, um alvorecer temporário, porque “para o Estado Novo, a Obra do Resgate tinha de ser silenciada e acabar. Era patente que o alvo imediato era Barros Basto. A liquidação deste retirava a alma ao movimento e levaria ao seu colapso”¹⁰⁹ (Guerra, 1997: 253). Por isso mesmo, Barros Basto

viu-se pessoalmente desonrado e humilhado [e com] ele eram arrastadas as comunidades judeu-marranas, para quem ele era o líder venerado e aceite: o seu Nassi. [O que o Estado Novo fez foi] atingir de um modo certo o coração do movimento. O clima persecutório torna-se agora mais evidente e apertado estendendo-se também aos centros judeu-marranos. As pessoas destas comunidades, na razão direta da sua proximidade com Barros Basto e envolvimento na Obra do Resgate, são agora acusadas de serem políticas, de serem contra o Estado Novo, maçónicas e comunistas [...]. Decapitado o movimento da Obra do Resgate conseguia-se assim o seu colapso. Para os judeus-marranos, o Homem que personificava a esperança, que os havia feito acreditar que a Inquisição e as perseguições religiosas não haviam vencido, estava agora ele próprio vencido por razões idênticas¹¹⁰ (p. 255).

Além do “descrédito”, em que mergulhou o profissionalismo de Barros Bastos, há que destacar que

o salazarismo apoiou tacitamente a tradição popular do antissemitismo eclesiástico e das pregações católicas antissemitas: requeria, à primeira vista, resumir e articular, o argumento pseudocientífico da pureza do sangue e, sobretudo, impor a figura do bode expiatório (a demonização do judeu enquanto cidadão indesejável). Tal situação não deixou e acarretar a formulação de novas teorias de exclusão; a

109 Guerra, João (1997). O Capitão Barros Basto e o Movimento Judaico da Obra do Resgate. In *Actas III Congreso Internacional Rutas de Don Quijote y Caminos de Libertad*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 247-256.

110 Idem.

coação, a repressão e a intimidação no meio marrano¹¹¹ [...] (p. 110).

A propósito, e para contrapor a citação anterior, citamos Pires (1984)¹¹², que se revela apologista de uma ideia de comunhão entre as diferentes religiões

se nós vivêssemos de coração imerso na grande alegria que os anjos anunciaram pelo nascimento do Salvador, seríamos mais sensíveis ao Amor e à Paz entre os homens, como preceitua o Evangelho que não distingue judeus nem gentios, gregos ou romanos, porque todos são filhos de Deus (p. 481).

Posto isto, durante a II Guerra Mundial, “o movimento da Obra do Resgate e as suas comunidades rapidamente se desarticulam e extinguem. A Comunidade do Porto declina até uma quase não-existência”¹¹³ (p. 256). Longe iam os tempos em que Furtado Montanha escrevia pela primeira vez a Barros Basto¹¹⁴

venho agradecer o cartão de V. Exa., e logo que vá ao Porto irei pessoalmente procurá-lo e travar com V. Exa. as minhas impressões. Por agora limito-me a afirmar-lhe, que na verdade sou descendente pelo lado materno de família hebraica, no que tenho grande orgulho.

Aqui fico, pois, ao dispor de V. Exa. com o maior desejo de o conhecer

111 Teixeira Mendes, Alexandre (2007). *Barros Basto, a Miragem Marrana*. Ladina, Associação de Cultura Sefardita.

112 Pires, Carolina V. (1984). Os Judeus no Distrito de Bragança – Análises e Comentários. Revista *Brigantia*, IV (3), 473-481.

113 Guerra, João (1997). O Capitão Barros Basto e o Movimento Judaico da Obra do Resgate. In *III Congreso Internacional Rutas de Don Quijote y Caminos de Libertad*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 247-256.

114 Carta de 21 de novembro de 1926 no Arquivo da Comunidade Israelita do Porto e citada por Mea, Elvira (2020). *O Porto Judaico: Encruzilhadas de Vidas nos Caminhos da História*. Evoluta Edições.

pessoalmente...

PS. Aproveito a oportunidade para pedir licença para lhe oferecer um livro publicado por um padre e grande arqueólogo – e que não esconde a admiração pela nossa raça. Sob Confidência vão juntas umas folhas que foram substituídas pelo preâmbulo que dá início ao livro, em virtude dos católicos tentarem desviá-lo das suas afirmações, o que conseguiriam se não fosse o meu esforço e de outras pessoas (p. 315).

E longe iam também os tempos em que Barros Basto acreditava que o *medo* passaria

Inaugurei a sinagoga, que se chamará *Shaare Piedon*, Portas do Resgate. A casa onde se instalou a sinagoga é uma velha casa. A sala estava cheia de judeus e de criptojudeus... Os criptojudeus ricos não apareceram com medo. Esta psicologia é muito curiosa. Há em Bragança uma família criptojudia, da nobreza rural, que tem um general, já reformado e um comandante; as mulheres nunca iam à igreja, mas como o Sr. Montanha desenvolveu a propaganda em Bragança, estas senhoras vão agora à igreja e, às escondidas, chamam as mulheres criptojudias para sua casa e rezam orações marranas.

É o medo. Mas tenho a certeza que com o tempo passará. É precisa paciência e tenacidade. Julgo que a Comunidade de Bragança terá um bom futuro¹¹⁵ (p. 320).

Apesar de todas as vicissitudes aqui deixadas pela mão dos vários autores consultados, apesar de o Estado Novo ter colocado “a ‘máquina’ do poder ao serviço da Igreja católica (com a educação religiosa obrigatória nas escolas)”¹¹⁶, apesar de o Estado novo ter voltado criteriosamente as costas à História religiosa do país,

115 Idem.

116 Teixeira Mendes, Alexandre (2007). *Barros Basto, a Miragem Marrana*. Ladina, Associação de Cultura Sefardita, (Carta de António Telmo ao Autor da obra).

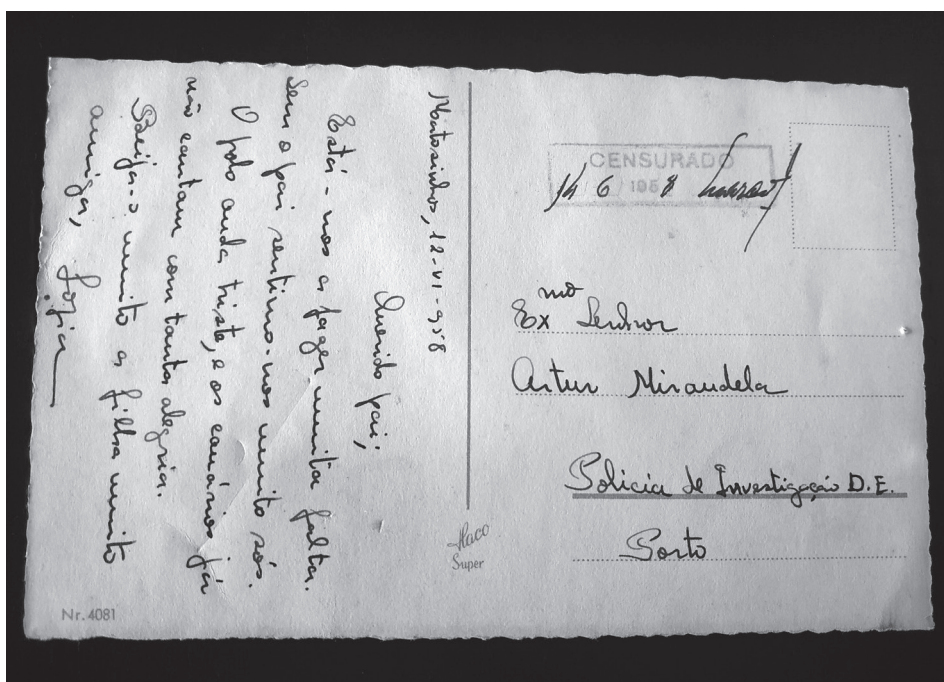
ARTUR MIRANDELA

Portugal, terra das três religiões do livro até D. João Terceiro, tornou-se, pelas sucessivas investidas da Inquisição, o país marrano por excelência, o país secretamente judaico, subconscientemente judaico, embora disso só tenham consciência os cabalistas da noite que, desde 1857, durante cento e cinquenta anos, até Pedro Sinde, Pedro Martins, [...] têm sabido compreender o que é o movimento da filosofia portuguesa que Sampaio Bruno fundou e Álvaro Ribeiro criou¹¹⁷.

117 Idem (Carta de António Telmo ao Autor da obra).



*Medalha comemorativa de uma primeira homenagem
a Artur Mirandela em 1996*



Postal da filha, Sofia Mirandela, ao Pai preso em 1958

ARTUR MIRANDELA

O Homem e a Obra

PARTE II

E, conta Artur Mirandela nos seus papéis, que tendo Maria de la Libertad «apenas quatro anos, a polícia, brincando com ela, assim a levou até ao posto e ali perguntaram-lhe, entre muitas coisas, quem era a sua mãe». Respondera: «A senhora Antoninha Mirandela.» «E o teu pai?» «Que disparate! Se a minha mãe é a senhora Antoninha Mirandela, quem querem que seja meu pai? Essa agora! É o senhor Artur Mirandela, ouviram!»

Viale Moutinho, J. (2013). *Primeira Linha de Fogo: Da Guerra Civil de Espanha aos Campos de Exterminio Nazis*, Betrand Editora, p. 185-190.

De Profundis...

Apetece cantar, mas ninguém canta.

Apetece chorar, mas ninguém chora.

Um fantasma levanta

A mão do medo sobre a nossa hora.

Apetece gritar, mas ninguém grita.

Apetece fugir, mas ninguém foge.

Um fantasma limita

Todo o futuro a este dia de hoje.

Apetece morrer, mas ninguém morre.

Apetece matar, mas ninguém mata.

Um fantasma percorre

Os motins onde a alma se arrebatava.

Oh! maldição do tempo em que vivemos,

Sepultura de grandes cinzeladas

Que deixam ver a vida que não temos

E as angústias paradas!

Miguel Torga¹¹⁸

118 (1949) Revista *Seara Nova*, (1116).

Em 9 de junho de 1960¹¹⁹, Artur Mirandela escreve à família de Manuel Ponciano, recorda os tempos que passou à lareira entre amigos e confessa o seu amor pela serra

Sempre me lembro de vós, e tantas vezes o faço! – sinto umas saudades tão imensas que por vezes me correm as lágrimas pelas faces! Acenam-me esses cerros, chamam-me as fontes, os outeiros e os prados, vejo o riso franco e acolhedor de todos vós, recordo-me das noites passadas na lareira em comunhão de família, as histórias contadas em redor dos cepos que crepitam enquanto o vento lá fora sacode os negrilhos seculares e tantas outras coisas que ficaram gravadas no coração para todo o sempre. Os anos passam e as saudades vão aumentando cada vez mais!

É isto que se leva desta vida. O resto é matéria, e o nada. Viver com amizade íntima e abraçarmo-nos em concórdia, é que é tudo..

Eu gostaria de passar por essas terras o resto de minha vida. Aqui nada me seduz. Embora tenha grandes amigos por aqui, e com a minha *enfemeridade* o verifiquei, pois fui amparado com um carinho inigualável pelos médicos que nada me levaram e até me deram os medicamentos, quer por toda a outra gente, nem mesmo assim eu trocaria esta vida aqui por essa outra que poderia viver lá por esses cerros e junto de todos vós. [...] Logo que arranje emprego para a Sofia, ficarei apenas eu e a Helena. Depois já poderei pensar em ir para essas terras acabar os últimos dias de vida [...].

O desejo de passar os últimos dias de vida nos *cerros* não chegou a concretizar-se, uma vez que a saúde escasseava e exigia que se mantivesse perto dos cuidados médicos¹²⁰. Contudo, no passado, ainda por encerrar, vinham certamente, por essa altura, à memória todos

119 Cf. pp. 181-182.

120 “Felizmente isto vai arribando algo. Já lá vão três meses neste inferno. Quando não são os rins, são achaques reumáticos que não queiras saber.” Carta de Artur Mirandela ao capitão Domingos Ferreira de 10 de julho de 1960. TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613.

aqueles que, de uma forma ou de outra, ajudara a encaminhar para a liberdade ou, pelo menos, a fugir das balas que os calariam para sempre. A partir de 1936¹²¹, Artur Mirandela, caçador e bom conhecedor dos caminhos mais recônditos do distrito de Bragança, daria início a um conjunto de ações junto daqueles que lograriam alcançar território nacional evadidos do cenário de perseguição e guerra que se vivia em Espanha. O apoio a foragidos prolongar-se-ia no tempo e marcaria a vida de Artur Mirandela, da família e de todos aqueles que, direta ou indiretamente o auxiliariam.

Não é difícil encontrar vestígios do cidadão consciente das atrocidades que se cometeram durante a Guerra Civil espanhola, ou a II Guerra Mundial, bem como vestígios da importância que as eleições nacionais protagonizadas pelos generais Norton de Matos e Humberto Delgado assumiram na sua vida de opositor ao regime, então em vigor em Portugal.

Os relatos que nos chegaram encontram-se muito dispersos em bibliotecas particulares, aconchegados sobretudo em memórias, por terem passado de geração em geração, e em alguns artigos, principalmente os que surgiram em 1996 no momento da homenagem que, em 25 de julho desse ano foi prestada a Artur Mirandela organizada pelo executivo da Câmara Municipal de então, juntamente com a Associação «Os Caminos de Cervantes», concretamente no III Congresso Internacional «Cervantes, Don Quixote: La Libertad», tal como já havia acontecido no congresso anterior (1994), em cujo livro de atas se encontra o artigo¹²² de Manuel Correia das Neves (Manuel Mirandela) que exploraremos a seguir.

O filho de Artur Mirandela, Manuel das Neves, aponta possíveis motivos que terão levado o pai a envolver-se *indiretamente* na Guerra Civil espanhola

A eclosão da Guerra Civil espanhola, quer pela sua condição de filho de mãe espanhola, quer pela situação geográfica da terra onde vivia – Bragança – marcou profundamente o seu humanismo. Quem viveu es-

121 Aventuramos o ano que marca oficialmente o início da Guerra Civil de Espanha como sendo o momento em que a intervenção de Artur Mirandela, no que respeita ao resgate e abrigo de refugiados, terá tido também o seu início.

122 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 205-207.

ses tempos como ele os viveu conheceu o crime hediondo a calar a voz da liberdade e a vergonhosa caça aos homens que se opunham à ditadura do general Franco, de um e de outro lado da fronteira¹²³ (p. 207).

Na edição de 2 de agosto de 1996 do jornal *Mensageiro de Bragança* (MB) é corroborada a opinião de Manuel Mirandela

Era conhecida e notória a sua preocupação em dar «pousada» aos espanhóis que procuravam fugir à perseguição movida por um regime cruel e uma guerra civil sem precedentes.

E foram, precisamente, as perseguições a todos quantos se opunham à ditadura do General Franco que levaram Artur Mirandela a tornar-se um «revolucionário» e, em simultâneo, um bom «samaritano».

No entender de Manuel Mirandela, “centenas de refugiados espanhóis encontraram em Artur Mirandela o acolhimento a dar força para sobreviverem, na sua palavra coragem para não desfalecerem na Justiça dos seus ideais e o secreto refúgio que salvou a vida a muitos deles”¹²⁴ (p. 207). O MB, de 2 de agosto de 1996, afirma que Artur Mirandela “constituiu mesmo uma autêntica muralha para salvar todos quantos se dirigiram em pânico aos povos fronteiriços portugueses a pedir proteção, comida e dormida”. E em *A Voz do Nordeste* (AVN), de 6 de agosto de 1996, recorda-se a generosidade e abnegação de Artur Mirandela na “sagrada tarefa de poupar vidas dos republicanos espanhóis durante a Guerra Civil, quando procuravam refúgio em Portugal, onde era preciso protegê-los de Salazar e seus sequazes que, a encontrá-los, os repatriavam pelas tropas franquistas”.

Durante a homenagem, em 1996, o jornal AVN, publicou também a mensagem de Mário Soares, que vai ao encontro do combate pela liberdade encetado por Artur Mirandela, naqueles tempos de grande insegurança e incerteza

123 Idem.

124 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 205-2017.

Associo-me à justa homenagem que hoje é prestada ao residente e grande combatente pela liberdade Artur Mirandela, figura de grande coragem e frontalidade que tive a honra de conhecer durante as campanhas presidenciais de Norton de Matos e Humberto Delgado.

Tendo ainda em conta o relato de Manuel Mirandela sabemos que

o destino de grande parte daqueles que se refugiaram em casa de Artur Mirandela foi a fixação em países Ibero-Americanos, como Argentina, México, Venezuela e Cuba. Não terminou aqui a relação com esses refugiados, pois, dos países para onde emigraram enviaram as suas economias para familiares que ficaram, através dos então cambistas da cidade do Porto – Pinto de Magalhães Lda. e Cupertino de Miranda de quem Artur Mirandela era correspondente e que fazia chegar às mãos dos beneficiários pelos meios competentes, as importâncias transferidas¹²⁵ (p. 208).

Ao longo de vários anos (pelo menos durante a Guerra Civil espanhola e II Guerra Mundial), Artur Mirandela semeou liberdade e, à sua maneira, e com os meios de que dispunha, juntamente com os que foi reunindo, tentou aplacar a dor de todos aqueles que conseguiram entrar em território nacional e cuja situação de horror chegou ao seu conhecimento. Não nos esqueçamos de que atingir território português não era sinónimo de segurança, uma vez que era conhecido o “clima de conveniência” vivido entre os dois países. Na verdade, a cruzada de Franco, em Espanha, identificava-se com a cruzada de Salazar, em Portugal¹²⁶.

Neste sentido, não é preciso calcorrear muitas páginas da História para entender esse clima, também de medo e de morte. Por exemplo, em *Primeira Linha de Fogo*, Viale Moutinho (2013) dá voz a “um

125 Idem.

126 Reportamo-nos ao programa “Portugal e a Guerra de Espanha”, no qual são entrevistados Iva Delgado e José Viale Moutinho, Arquivos RTP, 2006.

velho republicano” de Sanabria

O Paco conseguiu fugir das mãos dos que foram carrascos de quase toda a sua família. Introduziu-se em Portugal, foi logo nos primeiros dias, ainda apanhou a vossa polícia meio distraída. Chegou a Matosinhos e depressa arranjou barco que o levasse para a América do Sul. E nunca mais voltou, também para que é que havia de voltar? O Paco era republicano, socialista, tal como eu, e bom cristão, sabe? (p. 14)¹²⁷.

A Guerra Civil de Espanha alvoreceu no dia 18 de julho de 1936 e, nas palavras de António Costa Pinto¹²⁸ começava “bárbara e sangrenta de norte a sul do país”. Tratou-se de uma guerra ideológica que envolveu comunistas, anarcossindicalistas, socialistas, democráticos, fascistas, católicos sociais, forças armadas “com grande receio da hipótese da democratização da sociedade espanhola”. Foi também uma guerra em torno do que é “um estado-nação” uma guerra entre “duas conceções de um estado”; uma guerra entre uma Espanha que “com a democracia teria necessariamente que descentralizar, teria necessariamente que dar voz às autonomias linguísticas e culturais das diversas nacionalidades espanholas” e uma guerra do outro lado de uma Espanha “imperial, repressiva destas identidades locais”. Na opinião do autor, foi uma guerra que “antecipou os grandes conflitos sociais do século XX”; uma guerra entre uma “Espanha rural”, entre uma “Espanha latifundiária” e uma “Espanha urbana”, uma “Espanha católica” e uma “Espanha laica”.

Segundo a mesma linha de pensamento, a Guerra Civil de Espanha foi também sinónimo da “primeira grande manifestação de internacionalismo democrático e ideológico do século XX” e, ao mesmo tempo foi o espaço onde confluiu o “apoio decisivo dos exércitos e da força aérea de Hitler e Mussolini – o apoio que ditaria a vitória de Franco de forma inequívoca, a vitória da repressão”.

Depois de terminada (se alguma vez se pode considerar uma guerra terminada, pelo menos na memória daqueles que a viveram),

127 Viale-Moutinho (2013). *Primeira Linha de Fogo: da Guerra Civil de Espanha aos Campos de Extermínio Nazis*. Bertrand Editora.

128 Programa “Guerra Civil de Espanha – A Fronteira: Memórias”, Arquivos RTP, 1999.

quantos foram os que tombaram na Guerra Civil de Espanha? – “Como se apenas contassem cabeças, como se tivessem sobrevivido todos aqueles que não foram abatidos e tantos dos que sucumbiram não tivessem atingido determinada importância nos caminhos da imortalidade. Um milhão de mortos, a contagem por alto, decerto a que não anda longe da complexa realidade”¹²⁹ (p. 12).

Regressamos ao testemunho de Manuel Mirandela e aos artigos jornalísticos publicados em 1996, porque é necessário continuar a calcorrear os caminhos de

uma grande figura de quem não nos podemos esquecer que é um Artur Mirandela em Trás-os-Montes, que é também uma figura importantíssima, aliás, um grande precursor da oposição portuguesa, desde a Guerra Civil, passando pela II Guerra Mundial, no apoio aos refugiados que vinham para cá¹³⁰.

Posto isto, parece-nos importante lembrar que, de acordo com Sousa (2013: 801), os guerrilheiros espanhóis entravam muitas vezes pela fronteira bragançana “com o objetivo de se esconderem durante períodos de tempo mais ou menos alargados, servindo igualmente para recuperarem de ferimentos tidos em surtidas contra os que designavam como ‘ocupantes’”. Outros, sem grande formação política, refugiavam-se em Portugal por questões de “segurança pessoal e da família [...] convictos de que rapidamente surgiria a paz e com ela o regresso às suas terras”¹³¹. Como se percebe,

por detrás destes movimentos constantes de vaivém tinha forçosamente de estar uma rede local que os protegia, escondia, tratava, alimentava e avisava, sempre que a sua segurança parecesse estar em pe-

129 Viale-Moutinho, José (2013). *Primeira Linha de Fogo: da Guerra Civil de Espanha aos Campos de Extermínio Nazis*. Bertrand Editora, p. 12.

130 Programa, “Portugal e a Guerra Civil de Espanha”, José Viale Moutinho, RTP Arquivos, 2006.

131 Sousa, Fernando (Coord.) (2013). *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)* (Vol. II). Câmara Municipal de Bragança.

rigo [e] estas [...] redes sociais transfronteiriças constituíram o apoio e suporte de variadas estratégias de sobrevivência em pequenos locais onde toda a gente se conhecia¹³² (p. 802).

Segundo Valentina Paiva, citada também por Sousa (2013), “existia em Bragança um homem que era a cara e bandeira de ideais e grupos que na clandestinidade lutava por um País livre, mais justo, onde os portugueses fossem cidadãos de pleno direito, senhores do seu destino de Homens” - falamos de Artur Mirandela, evidentemente. Ainda segundo o testemunho de Valentina Paiva, muitos dos espanhóis acolhidos (e, pouco depois, refugiados da II Guerra Mundial) “ficaram a dever-lhe a vida e alguns [...] ainda vivos [...] não esquecem que Artur Mirandela foi uma forte muralha a que se acolheram”¹³³ (p. 802).

Para Manuel Mirandela a faceta humana e altruísta de Artur Mirandela “ficou registada na perfilhação de uma criança espanhola a quem os seus pais haviam dado o nome de Liberdade”¹³⁴. E é Viale Moutinho¹³⁵ quem, em 2013, publica o episódio que relata as origens familiares dessa criança e a forma como viria a integrar a família Mirandela

[...] a polícia portuguesa vigiava mais de perto Artur Mirandela que era tesoureiro do Banco de Portugal em Bragança. Oposicionista, bem relacionado e respeitado, evitava cometer imprudências. Assim, registou [a criança] como sua filha legítima, mas sob outro nome e com os seus apelidos. As autoridades portuguesas, na mira de o apanharem em falso, requereram as certidões dos filhos de Artur Mirandela, mas deram com uma série completa de documentos que integravam a miúda. Até o atestado de um médico que *assistira ao parto* da esposa (p. 187).

132 Idem.

133 Idem.

134 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 205-2017.

135 Viale-Moutinho, José (2013). *Primeira Linha de Fogo: da Guerra Civil aos Campos de Extermínio Nazis*. Bertrand Editora.

Entre os refugiados que Artur Mirandela acolheu “sem qualquer retribuição monetária”¹³⁶ encontra-se, por exemplo, Milin ou Manuel Fernandez, natural de Rio de Onor de Cima, Espanha, cujo filho se disponibilizou para nos relatar os horrores vividos na aldeia raiana durante a Guerra Civil, não apenas pelo pai, mas pela população em geral, uma vez que a vigilância era extremamente apertada. Assim sendo, os foragidos, como Milin, permaneciam escondidos nos montes com receio de serem capturados e fuzilados. Com o passar do tempo, Milin tornar-se-ia um aliado da causa que Artur Mirandela defendia e ajudá-lo-ia no resgate de outros foragidos.

Em 1939 eclodia a II Guerra Mundial e, Manuel Mirandela¹³⁷ explica como “os contactos de Artur Mirandela com os elementos da resistência francesa, tomaram corpo e vida através de uma transmontana de Labiados, de nome Benigna Marrão Costa, com o nome de guerra – Marcelle – em França” (p. 208). Benigna Costa e o marido geriam cantinas pertencentes ao Estado francês para assistência aos técnicos e operários das Obras Públicas – pontes, barragens e canais no país, o que lhe possibilitou a criação de contactos muito diversificados

era prima da mulher de Artur Mirandela e foi ela quem transportou na moto que conduzia, os primeiros planos a pôr em prática, na região de Bragança, por Artur Mirandela a quem ela os confiou e de quem recebeu o apoio incondicional, formando ambos um dos tentáculos da resistência orientada pelas forças Aliadas (p. 209).

O início da II Guerra Mundial traria, pois, um outro período de grande perseverança para Artur Mirandela e para a família, também revestido de muitos constrangimentos, sacrifícios e incomodidades que “poderia facilmente afastar não fora a tenacidade e a dignidade postas na luta por aquele ideal de liberdade que sempre acalentou”¹³⁸,

136 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 205-2017.

137 Idem.

138 Patrício, Ângelo Vítor (1990). Comunicação apresentada ao Congresso «Porto na

segundo a apreciação de Patrício (1990). Aliás, o autor, refere-se àquela faceta de Artur Mirandela, expondo que

aquando da Guerra Civil de Espanha e depois com a 2.^a Grande Guerra pôs-se incondicionalmente ao lado dos refugiados espanhóis (na 1.^a) e de franceses, ingleses e belgas (na 2.^a), que nele encontraram não apenas a palavra amiga, mas teto acolhedor e pão que lhes mitigasse a fome! E tudo isto sem olhar a perigos e incompreensões [...] (p. 72).

Os sacrifícios mencionados prendiam-se, por exemplo, com a venda de “propriedades familiares, para fazer frente a encargos enormes, derivados do «fazer bem» que sempre norteou a sua vida” (p. 72)¹³⁹.

Vários anos depois daqueles episódios funestos, e passados também os anos em que Artur Mirandela recolhera à prisão, e ainda vinte e três anos após o seu desaparecimento, o Dr. Manuel Bento, casado com Ester Mirandela, organizou o processo que se destinava a homenagear o Pai pelo Presidente da República. Um dos testemunhos chegaria pela mão de Poeta e Amigo Miguel Torga, em 1987

Pedes-me um depoimento para juntar ao processo que vai ser organizado para que o Presidente da República possa homenagear Artur Mirandela. E confesso-te que estou aflito ao escrever estas linhas. É que o teu pai não cabe nas palavras. Era uma personalidade que transcendia o comum. Quem o conheceu, como eu, e teve ocasião de lhe avaliar ao natural a grandeza da alma e a capacidade de abnegação pelo semelhante, só pode admirá-lo em silêncio. A começar pela tua adoção com as peripécias que a rodearam e a acabar nas dezenas de condenados da Guerra Civil Espanhola que salvou da morte certa, tudo nele foi nobreza e humanidade. Por isso, apesar de como dizes, ele já estar entronizado no coração de quantos ajudou a arrastar a cruz da vida, aplaudo com entusiasmo que lhe seja rendido preito por quem, representando

Época Contemporânea». Revista *Brigantia*, X(3), 70.

139 Idem.

a pátria, nos representa a todos.¹⁴⁰

Também de 1987 é a carta¹⁴¹ do professor catedrático Bragança Tender, cardiologista, com consultório na rua Sá da Bandeira, Porto, a partir da qual transcrevemos algumas passagens que vão ao encontro da opinião de Miguel Torga

[...] Artur Mirandela não era um político mas sim um Homem que ultrapassou as ideologias todas trocando-as por uma bandeira sua, uma bandeira que erguia bem alto na sua cruzada contra tudo o que não estava certo, contra a tirania, a ambição pessoal, a corrupção e a violência.

Odiava o nazismo que não considerou nunca uma forma de política, mas sim uma forma cruel de estar na vida “cruelmente”, contra os outros seres humanos. [...]

Considere-o sempre incapaz de odiar, talvez porque o ódio não cabia num coração tão cheio de amor pelo seu semelhante.

Aquele amor impregnado de Cristianismo e Fraternidade que o levou ao Registo Civil para intercalar, entre os seus muitos filhos, um pequeno ser perseguido e sem família. [...]

Nos anos 40, a sua casa era um ponto de passagem na linha de fuga para o reembarque de aviadores aliados caídos em paraquedas na noite de França e, após terminar a II Guerra Mundial, foi recebido em Paris por um ministro do Presidente De Gaulle, antigo aviador aliado que estivera algumas semanas à lareira transmontana, com os pingos das alheiras a caírem-lhe na cabeça. [...]

Muitas façanhas praticou, uma delas tão extraordinária e ousada que impressionou aquele brilhante homem de letras [Miguel Torga] ao ponto de prometer ao nosso saudoso Artur Mirandela que iria sobre

140 Idem.

141 Cf. pp. 192-197.

esse episódio escrever um conto¹⁴², logo que a orientação política mudasse. Suponho que a sua mulher o informou sobre a façanha em questão [...]. Amor ao próximo, combate à violência e à injustiça, filantropia pura, simplicidade pessoal impregnada de irradiante simpatia, desinteresse, eis o retrato do nosso inolvidável amigo [...].

Talvez de 1987¹⁴³ data a carta de Mário Cal Brandão que deixa clara a oposição que ambos, em conjunto, traçaram ao fascismo

depor sobre Artur Mirandela seria fácil, se o tivesse feito bastantes anos atrás, em que a memória, por certo, não me traiçoeira, já que então tinha bem presente todos os factos e situações em que estivemos envolvidos, durante aqueles longos anos de resistência ao fascismo, e que cimentaram a nossa grande amizade que só terminou com a sua morte.

O depoimento de Cal Brandão prossegue, deixando clara “a ação” de Artur Mirandela, entre 1936 e 1945 para “todos aqueles que por efeito da Guerra Civil de Espanha ou da II Guerra Mundial tiveram de se refugiar ou atravessar o nosso País”. Contudo, continua o advogado e político português,

para que se possa apreciar bem o que foi essa sua ação é preciso recordar o ambiente que se viveu durante todos esses anos da Guerra Civil espanhola, sobretudo, nas regiões fronteiriças, criado pelo terror fomentado pelos esbirros da PIDE empenhados na caça ao homem – matar logo ou levar à fronteira para que lá os matassem [...].

Durante os anos em que a ação de Artur Mirandela mais se fez

142 O conto de Miguel Torga a que Bragança Tender se refere é, certamente, “Requiem” incluído na obra *Pedras Lavradas* (1976).

143 O testemunho do Dr. Mário Cal Brandão surge em papel timbrado da Assembleia da República, mas não apresenta data. Atribuímos-lhe, contudo, a mesma data dos restantes documentos reunidos para a condecoração a Artur Mirandela, em 1987.

notar “não foi um ou dois que bateram à porta da sua «choupana», foram muitos, além daqueles que ele ia socorrer ao meio da serra com alimentos e «palavras de consolação»”. Mais adiante na mesma carta, Cal Brandão afirma que Artur Mirandela “se empenhou na assistência aos refugiados dos territórios ocupados pela Alemanha e que se serviam de uma linha estabelecida através da França, Espanha e continuada por si em Portugal para seguirem por via marítima aos seus destinos [...]”¹⁴⁴.

Sobre as linhas ou rotas estabelecidas, Manuel Mirandela assegurou no seu artigo, “Artur Mirandela, Hombre de Libertad”¹⁴⁵ tratar-se de

uma cadeia clandestina através da qual altas personalidades comprometidas na resistência francesa passavam por Bragança nas suas missões secretas que Artur Mirandela estava encarregado de fazer conduzir desde as fronteiras [de] França e Espanha até ao bom posto das Embaixadas ou Consulados dos Aliados, no nosso País, donde seguiam. [...] [Artur Mirandela] foi a cabeça dessa operação no norte de país e por sua casa ou propriedades fizeram estadias, mais ou menos prolongadas, belgas, franceses, holandeses, polacos, judeus e não judeus. Correu perigos, aventurou a sua própria família nessa colaboração e despendeu dinheiro tão generosamente que a fortuna que possuía em propriedades rústicas, se foi sumindo pela venda das mesmas para satisfazer tantos encargos. A luta pela liberdade exigia tudo e *quixotesca* até os próprios filhos ofereceu ao General De Gaulle para combatentes, se necessário (p. 209).

Concretamente, Manuel Mirandela menciona as grandes linhas e várias sublinhas:

1. França-mar

Os refugiados “vindos dos diversos pontos do país, nomeada-

144 Cf. pp. 183-185.

145 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 211-217.

mente do maciço Central, entravam no Golfo de Gironde pela cidade de Royan [...] onde tinham colaboradores e elementos armados das forças da resistência. Mantinham-se cerca de Bordéus distribuídos pelas diversas localidades até receberem instruções para seguir para Arcachon e daí até à fronteira espanhola [...]”.

A rota continuava da seguinte forma:

- 1.1 Bordéus / Arcachon (praia)
- 1.2 Arcachon / Mimizan
- 1.3 Mimizan / Cap-Breton
- 1.4 St. Jean-de-Luz / Hendaye (onde terminava a intervenção de Benigna Costa, Marcelle).

2. Fuenterrabía – fronteira franco-espanhola

Don Ferando Montezo “servia de local de receção não só para aqueles que chegavam por mar, mas também servia em situação de emergência àqueles que, pertencendo à organização armada de Toulouse tinham urgência em fazer chegar às entidades responsáveis em Portugal, mensageiros ou documentos com destino aos altos comandos em Inglaterra, que deveriam ser entregues no Consulado do Porto ou Embaixada de Lisboa pelos Agentes Colaboradores em Espanha e Portugal [...]. O responsável pela linha de Fuenterrabía / Santander tomava conta das instruções e com toda a precaução e urgência fazia chegar ao seu destino pessoas ou documentos”¹⁴⁶.

- 2.1 Fuenterrabía / Santander
- 2.2 S. Sebastian
- 2.3 Bilbao

3. Santander e Santander – Mar Cantábrico

Sobre esta linha, Manuel Mirandela explica que “não foi fácil a organização nesta localidade e foi mais difícil ainda conseguir um guia de confiança para transportar com urgência e segu-

146 Idem.

rança pessoas qualificadas que eram portadoras de documentação valiosa para os preparativos de desembarque das Forças Aliadas na Europa”. Don Roldan e o seu administrador “aceitaram a tarefa de transportar somente até Leon, contornando os Picos da Europa, seguindo por Santillana del Mar, Cuevas de Altamira, Desfiladero de la Hermida até Potes e Fuente Dé [...] até Cisterna”¹⁴⁷.

4. León

“O senhor Queiroz organiza o seu trabalho com rapidez e perfeição, transportando as pessoas e documentação por dois caminhos distintos tomados como precaução. Se fosse cortada uma linha, tinha outra como recurso”¹⁴⁸. As linhas estabelecidas eram:

4.1 León, Valdevimbre, Villamañán, S. Cristóbal e Benavente.

4.2 León, Astorga, La Bañeza, Benavente, tendo com recurso a localidade de Santa María del Páramo.

5. Benavente

Artur Mirandela, de origem espanhola por parte da mãe, era muito conhecido na região e “era também procurador e administrador de uma das mais poderosas famílias daquela região, conhecidos por ‘Romero Grande de España’. [...] Foi Don Manuel Romero Grande, a pedido do velho amigo Artur Mirandela que aceitou ajudar [a] levar a bom termo a missão que este lhe propôs realizar. [...] Os recursos que Don Manuel Romero Grande possuía eram grandes. Industrial e comerciante, com empresas de camionagem, com grande prestígio no meio social, de um e de outro lado da fronteira, movimentava-se com facilidade e segurança. Artur Mirandela aproveitou-se desse facto e com os amigos que possuía naquela região, montou duas linhas, uma por Rio de Onor e outra por Zamora” (p. 214)¹⁴⁹.

147 Idem.

148 Idem.

149 Idem.

6. Rio de Onor

Manuel Fernandez, mais conhecido por ‘Milin’, “comerciante em Rio de Onor de Cima (Espanha) conhecia todos os caminhos que podia usar, aproveitados durante longos anos no negócio de contrabando e outros”. Além disso, mantinha uma amizade próxima com Artur Mirandela “por este o ter ajudado quando da sua fuga para Portugal no período da guerra espanhola. Manteve-o durante cerca de dois anos na sua casa comercial, até seguir para Argentina”. Milin, ajudado por David Manuel [Preto] e João do Campo, [...], ambos dedicados ao contrabando dos dois lados da fronteira, auxiliavam na passagem dos “elementos da resistência mais qualificados que transportavam documentação valiosa. Contavam com a ajuda de autoridades fronteiriças da Guarda Fiscal de Rio de Onor e Guadramil ‘simpatizantes da Causa dos Aliados’”. Chegados a Benavente, os membros da resistência aguardavam Milin e Preto “numa das propriedades de Don Manuel Romero Grande” que “os transportariam via Ugilde, Santa Cruz e Rio de Onor”. A partir daí, “pela calada da noite” seguiam para Guadramil com o apoio do “senhor Daniel Preto e também Don Pedro Sabanillas da povoação espanhola de Rio Manzanas” e depois rumavam “à povoação da Petisqueira” e eram “entregues ao senhor Alferes Gomes que condicionava a viagem”. Ou seja, “se não houvesse cuidados especiais a tomar, o guia David Preto continuava a caminhada por Labiados até à povoação de Sacoias entrando pela porta das Eiras que fazia parte integrante da residência¹⁵⁰ da família de José Leal, cunhado de Artur Mirandela”. Contudo, “se o primeiro trajeto tivesse de ser alterado, o guia David Preto seguia pela aldeia de Santa Cruz (Espanha) utilizada como recurso, seguindo pela serra da aldeia de França, lameiras da aldeia de Aveleda, povoação de Baçal, até Sacoias, final da viagem do guia”¹⁵¹.

Assim sendo, percebe-se que a aldeia de Sacoias se transformou no “ponto fulcral para todas as decisões a tomar segundo as instru-

150 Cf. p. 167.

151 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 209-215.

ções recebidas pelas entidades responsáveis do Porto ou Lisboa, ou as transportadas secretamente pelos resistentes”¹⁵² (p. 215).

É claro que surgiam complicações, imprevistos que requeriam decisões de última hora. Um desses imprevistos diz respeito à “doença súbita que atacou o Dr. Roger Veillard, que teve de ser transportado para Bragança, para casa de Artur Mirandela, onde teve os cuidados clínicos dados pelo Dr. António Pires, cunhado dos senhores João e Manuel Pires, da firma João Miguel Pires & irmãos”, de Bragança. Com o passar do tempo, a doença agravou-se e “foi posta pelo Dr. Pires a possibilidade de o doente não resistir”. Se essa situação se verificasse “ficou decidido que em caso de morte o Dr. Roger Veillard seria enterrado na adega da casa para mais tarde ser transportado para onde o indicassem”¹⁵³.

Durante a sua longa narrativa, Manuel Mirandela afirmou que “após quatro meses de cuidados intensivos que o Dr. António Pires sabia dar, o nosso doente estava livre de perigo e pronto a seguir viagem”¹⁵⁴ e foi Manuel Mirandela quem acompanhou Roger Veillard

até junto do Agente de Ligação, Engenheiro Alfred Gerassi, ao quilómetro 149, na estrada do Marão, quatro ou cinco quilómetros abaixo da Pousada do Marão, onde o esperava um automóvel do Corpo Diplomático. [...] [Explicou Manuel Mirandela que] dita a senha de apresentação, entregaram-me a contra senha – metade de um cartão que junto ao meu completava a Cruz de Lorraine¹⁵⁵ (p. 216).

Antes de concluir o seu relato, Manuel Mirandela refere-se ainda à linha de Zamora, que foi criada tendo em conta o facto de a linha de Rio de Onor ter de ser desativada por questões de segurança, “denúncia, [ou] fiscalização rigorosa”. Foi com Don Rafael Bermudez “com uma propriedade na margem do Douro, cerca de Zamora” que Artur Mirandela estabeleceu contacto, uma vez que “Bermudez

152 Idem.

153 Idem.

154 Idem.

155 Idem.

conhecia bem toda a região e aceitou transportar os resistentes que chegavam a Benavente, que naquela altura eram em grande número”. Quando fosse oportuno, Rafael Bermudez fazia transportar os resistentes “para as propriedades que possuía na fronteira portuguesa, seguindo pelas povoações de Fonfria, Santa Cruz, Sejas de Aliste, Latedo e moinho do Rio Manzanas, junto à povoação portuguesa de Paradinha de Outeiro”. Aquela linha não foi muito útil, visto que, [após] uma denúncia, Rafael Bermudez foi preso e condenado a dois anos de prisão e os resistentes foram entregues às entidades competentes e seguiram o destino que era costume dar-lhes”¹⁵⁶ (p. 217).

Encerramos este longo relato, citando as palavras que o Embaixador da Embaixada Britânica em Lisboa, N. Ronald, dirigiu a Artur Mirandela, em janeiro de 1949,

Há mais de três anos que a guerra acabou, e receio que esteja com a impressão de que toda a assistência moral e material que prestou ao meu País durante esse tempo trágico, não tenha sido devidamente apreciada por nós. Posso, contudo, assegurar-lhe com a maior sinceridade que não era esse o caso, e lamento profundamente que tivesse sido necessário, por razões várias, independente à minha vontade, esperar até agora para a agradecer aos muitos e dedicados Amigos que muitas vezes, até com o risco das próprias vidas, auxiliaram a causa dos Aliados.

Finalmente devo dizer-lhe que me sinto verdadeiramente feliz, por lhe apresentar em Nome de Sua Majestade O Rei, e do Seu Governo no Reino Unido, o meu agradecimento mais sincero pela amizade que nos mostraram, e pelos vários serviços prestados ao Povo Inglês, numa época tal, que tornou esses serviços ainda de maior valor. Espero que esta carta fique como um testemunho da gratidão a que V. tem direito.

Da carta acima transcrita seria enviada uma cópia, pela mão do próprio Artur Mirandela, ao General Norton de Matos, a 26 de março do mesmo ano, já após as eleições que aquele encabeçou

156 Idem.

Não me conhece pessoalmente e não deve ter provas suficientes para poder avaliar até onde vai a minha lealdade e dedicação, quer por uma pessoa que admiro como Vossa Excelência, quer pelo ideal pelo qual me venho batendo há mais de trinta anos.

Uma coisa posso asseverar a Vossa Excelência é a de que durante a nossa propaganda eleitoral o servi desinteressadamente e com a maior das lealdades, o que hoje ainda existe em mim para o continuar a servir em tudo quanto humanamente me seja possível.

Para provar a forma franca como costume servir uma causa, tomo a liberdade de enviar uma cópia de uma carta recebida hoje mesmo da Embaixada Britânica em Portugal, a qual por si só prova que não hesito em tomar parte em qualquer luta desde que esta seja para bem da humanidade e daí eu vislumbre que passará a haver mais respeito pela vida alheia.

Pode Vossa Excelência ter a certeza de que não servi com mais amor a causa Aliada do que a nossa em que Vossa Excelência se propôs Candidato à Presidência da República, e que para mim a ganhamos moralmente.

Estou no mesmo posto, e sempre pronto a servi-lo.

Não é a vaidade que me leva a enviar a Vossa Excelência a cópia junto, mas sim provar-lhe a forma como costume assumir responsabilidades e qual a minha conduta através da minha vida política a qual é norteadada pelo desejo de que os homens se abracem em verdadeira concórdia.

Julgo um dever enviar a Vossa Excelência a referida cópia, para me poder julgar e já porque depositou em mim toda a confiança durante o período de propaganda a favor da Candidatura de Vossa Excelência¹⁵⁷.

Dedicaremos ainda algumas linhas ao político francês Roger Veillard e ao médico que o tratou, com a discrição que os tempos exi-

157 Representação digital - Carta de Artur Mirandela ao General Norton de Matos - Arquivo Municipal de Ponte de Lima - Archeevo (cm-pontedelima.pt).

giam, bem como a todos os refugiados que acorriam à casa de Artur Mirandela, em Bragança e da sua família em Sacoias –, referimo-nos ao Dr. António da Circuncisão Pires.

Quem chegar ao fim de *Pedras Lavradas*, de Torga [...], lê o conto “Requiem” como ficção. Mas Lourenço Varandas tem um nome real, Artur Mirandela, e a esposa Filomena é D. Antónia Leal. Os seus oito filhos eram mesmo oito, só que um deles, Manuel, amparava o recém-chegado não com «duas balas no lombo», mas broncopneumonia. Pirenéus, frios, chuvas, más condições. Esteve às portas da morte, mas não morreu nem foi enterrado na adega, como vem no conto. Esteve de facto por um fio e de cova aberta, por Manuel Mirandela e por um irmão do médico, debaixo dos pipos. Mas salvou-se. O médico era o Dr. António Pires, que acabaria por lhe encontrar cura. Foram seis meses, na casa de Artur Mirandela em Bragança, sem ninguém dar por nada.

Diário de Notícias, 12 de maio de 1995

Roger Veillard nasceu a 14 de março de 1908, em La Ferté-sous-Jouarre (Seine-et-Marne) e faleceu a 11 de agosto de 1994, em Duralvel (Lot), aos oitenta e seis anos. Foi, acima de tudo, um político e um advogado francês, secretário da Federação Socialista a partir de 1935 e membro da Resistência Libération Nord durante a II Guerra Mundial e um nome que certamente não é ignorado por todos aqueles que pretendem aventurar-se pelos caminhos da história que Artur Mirandela foi traçando ao longo da sua vida como opositor.

Se por um lado, Roger Veillard é mencionado com algum detalhe por Manuel Mirandela no texto¹⁵⁸ que já citámos, por outro lado, o tempo vivido no seio da família Mirandela é relembrado por Patrício na comunicação apresentada ao Congresso “O Porto na Época Contemporânea” (1990: 72)¹⁵⁹, tendo em conta as palavras do Dr. Bragança Tender, como já referimos em páginas anteriores.

158 Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In *Actas II Congreso Internacional*, Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad, pp. 211-217.

159 Patrício, Ângelo Vítor (1990). Comunicação apresentada ao Congresso «Porto na Época Contemporânea». Revista *Brigantia*, X(3).

Pignatelli (2019)¹⁶⁰ refere o membro da resistência francesa que esteve alojado na casa de Artur Mirandela aos cuidados do Dr. António Pires devido a uma broncopneumonia. Segundo a autora, “anos mais tarde, Veillard veio a ser deputado e integrou o governo do General De Gaulle, sem nunca esquecer quem o salvou” (p. 53). A mesma informação pode, aliás, também ser lida no *Diário de Notícias* (12 de maio, 1995), “Roger Veillard, dirigente da Resistência francesa, mais tarde ministro de De Gaulle esteve seis meses em Sacoias a recuperar de uma broncopneumonia”¹⁶¹.

No conto de Miguel Torga, “Requiem”, os últimos momentos da personagem moribunda representam a esperança de, um dia, não ser necessário acolher refugiados, “sem ninguém dar por nada” ou por qualquer outra razão

Ele ao ferro e ela à pá, abriram durante muito tempo a cova necessária de sete palmos. E já quase de madrugada, quando o dia começava a querer atravessar as frinchas da parede, tinham acabado. Faltava apenas colocar sobre a sepultura a grande tulha do pão, que ficou ali como um monumento de esperança (p. 197)¹⁶².

Além do caso protagonizado por Roger Veillard, tomámos conhecimento de outro caso que terá acontecido alguns anos antes. Assim, é de 30 de outubro de 1987 o depoimento do General António Lopes dos Santos, amigo próximo de Artur Mirandela e frequentador da sua casa. Conta o General que, no início de 1937, num período de férias em Bragança, uma vez que era aluno na Faculdade de Ciências do Porto, soube que Artur Mirandela

[...] tinha “escondido” na quinta da Candaira, cerca de 4 km de Bragança, um espanhol fugido à ação franquista, pois toda aquela área de Castela a Velha, confinante com a zona de Bragança, estava na sua mão.

160 Pignatelli, Marina (2019). *Cadernos de Orações Cripto-Judaicas e Notas Etnográficas dos Judeus e Cristãos-Novos de Bragança*. Etnográfica Press.

161 Como já mencionámos, uma parte desse tempo, foi passada na casa de Artur Mirandela, em Bragança, devido às complicações de saúde de Roger Veillard.

162 Miguel Torga (1976). *Pedras Lavradas* (3.ª Edição). Edição do Autor.

A Guerra Civil de Espanha, no seu começo foi sanguinária e corria permanente risco a vida dos que haviam estado ligados ao antigo governo republicano de frente popular ou eram considerados afetos aos “rojos”.

Não era possível manter por muito tempo aquele fugitivo sem haver uma inconfidência a seu respeito e sem a sua presença chegar ao conhecimento da Polícia Internacional e de Vigilância do Estado de então.

Lembrou-se o Artur das Neves de recorrer ao jovem amigo em quem depositava total confiança, como ele disse, com vista a obter o Visto do Consulado do governo franquista de Espanha no Porto, nos documentos de identificação do D. Fernando, formalidade indispensável para permitir a sua circulação em Portugal.

Estava o Artur convencido de que, apesar da minha juventude, o meu aspeto sisudo e capacidade de reação, além de falar um pouco de espanhol, possibilitariam o cumprimento da missão.

Depois de uma conversa séria mas breve, e da definição da forma como eu deveria atuar, o Artur entregou-me os documentos, assumindo eu o compromisso de fazer todo o possível para obter o Visto. Não era uma tarefa agradável nem fácil, pois a situação dos residentes espanhóis era cada vez mais vigiada face à guerra civil cuja evolução não era fácil prever, com ódios de lado a lado, os quais se traduziram desde o princípio da guerra, a partir de julho de 1936, em vinganças sangrentas, de ambos as partes.

O certo é que me desloquei ao Consulado, perto do jardim de S. Lázaro, se a memória não me falha, e observei e estudei “in loco” a melhor forma de atuar e, na altura que julguei adequada, tudo se passou com naturalidade e relativa simplicidade, pois as declarações – em castelhano (!) – do jovem estudante acerca de D. Fernando (que ali se não pudera deslocar por estar doente (!) foram tidas em boa conta pelo Consulado, e o “Visto” concedido.

O Artur das Neves recebeu em mão o documento de identificação devidamente visado, sem passar pelos Correios, através dum mensageiro de confiança que ignorava o conteúdo da mensagem enviada.

ARTUR MIRANDELA

Não me recordo se o D. Fernando se manteve por muito tempo em Bragança ou se emigrou para a América Latina, lembrando-me sim de que ele depois passeava à vontade por Bragança, com a sua boina à espanhola, sem que fosse incomodado.

Não sei se chegou a ser convocado pela PIVE, mas o Artur das Neves deu, desde a entrada clandestina do D. Fernando em Portugal, total cobertura à sua pessoa, assumindo assim os riscos políticos inerentes.

Este é um caso concreto demonstrativo da personalidade política do Artur das Neves, sempre pronto a correr os maiores riscos na defesa dos seus ideais.

Ó musas da Ribeira, Avintes e da Maia
Que tão bem afinais a lira aos menestréis!...
Trazei-me inspiração p'ra pontos desta laia,
Com métrica ideal, que exalte os bacharéis!

Ó clínicos de raça, ó lentes catedráticos!...
Vinde a ele p'ra colher a certeza dos factos...
Deixai a imperfeição dos livros hipocráticos.

Este doutor concebe e firma ideias novas;
Para ele o bisturi, as sondas e os tratados
São enxadas brutais que vão abrindo covas!...

Assim – ó multidão raquítica e doente,
Corre com esta corja d'ímpios e malvados,
E abraça o ceticismo... se a febre te o consente!

Poema dedicado ao Dr. António Pires¹⁶³

António da Circuncisão Pires nasceu na aldeia de Parâmio, em Bragança, a 10 de dezembro de 1898 e casou com Maria Teresa Pires. Era filho de João Evangelista Pires e de Cândida Amélia de Magalhães. Iniciou a sua atividade profissional na Guarda Nacional Republicana, em Lisboa, como Cabo, mas datam de 10 de outubro de 1924 e 11 de dezembro de 1928 os Bilhetes de Identidade de aluno das Faculdades de Medicina de Lisboa e do Porto, respetivamente.

Em 1981, o médico João Gonçalves dedica-lhe um parágrafo

Nesta Instituição [Guarda Nacional Republicana] se conservou até

163 *Livro dos Quintanistas de Medicina, 1929-1930, p. 57.*

que fez os preparatórios do curso de Medicina. Nessa altura deixou a Guarda e passou a frequentar a Faculdade de Medicina do Porto. Para se manter precisou de lecionar estudantes do Curso Geral de Liceu e receber auxílio pecuniário de familiares muito dedicados – cunhado e sogro.

[Ao seu funeral assistiu] uma grande multidão de pessoas que veio tributar-lhe o seu reconhecimento pelas atenções dele recebidas, como médico e como amigo¹⁶⁴ (p. 60).

O MB, de 22 de dezembro de 1950, avançou com a notícia do seu desaparecimento e proporcionou aos leitores um retrato do seu percurso académico e profissional,

Em 1910 e 11 frequentou e concluiu o primeiro e segundo anos respetivamente, no Liceu de Bragança. No meio de seus condiscípulos teve lugar de distinção: pelos merecimentos de inteligência e de trabalho, era dos primeiros da turma; pela seriedade e franqueza de caráter, conquistou confiança e estima que é só para o companheiro leal.

Razões íntimas de família impuseram-lhe o sacrifício da suspensão dos estudos. O estudante digno de ontem entra numa espera de novas atividades, os trabalhos agrícolas da sua casa. Não se sente comprometido com isso, pois também aqui lhe é dado ensejo de pôr à vista o seu valor real. [...]

Entrado na idade de serviço militar, assentou praça no Regimento de Infantaria n.º 10.

Por esta ocasião resolveu dar novo rumo à sua vida e, por enlace matrimonial realizado na Igreja de Santa Maria desta cidade, desposou a Exma. e virtuosa senhora D. Maria Teresa Pires (falecida em 21 de junho de 1948).

E porque ocorreu então uma ampla reorganização dos serviços da

164 Gonçalves, João (1981). *Retalhos da Vida Transmontana no Passado e no Presente*. Edição do Autor.

G.N.R., foi obrigado a enquadrar-se nela e a fixar residência em Lisboa. Concluída a instrução como guarda nacional republicano, começou [a] prestar serviço de amanuense na secretaria da unidade a que pertencia. Foi aí que concebeu e pôs em prática a ideia de retomar os estudos liceais, resolvido a levá-los até onde pudesse. O tempo que lhe restava da vida oficial era minguado, os recursos financeiros de que dispunha não permitiam grandeza [...]. Conseguiu obter os livros aprovados para o ensino liceal, relacionou-se depois com um estudante matriculado no liceu, pactuando com ele a entrega de módica remuneração em troca das informações que lhe deveriam ser fornecidas sobre o modo e progresso do ensino nas respetivas aulas. [...]

E foi com [...] método de vida e sem auxílio de professor ou lecionista que, num só ano, fez com aproveitamento o terceiro e o quinto do liceu, e noutro finalmente, o sétimo.

Ainda em Lisboa entrou no curso superior. O cenário da vida mudou por completo, as dificuldades de tempo e de dinheiro tornaram-se mais sensíveis. Reconhece, por isso, incompatibilidades entre as obrigações da vida oficial de guarda nacional republicano e as de estudante universitário. Optou pelas segundas, procurando e conseguindo o lugar de arquivista na Companhia de Seguros Adamastor e, por especial deferência do gerente, prestava serviço em horas noturnas. [...] Com os esforços conjugados de todos [esposa, cunhados e sogro], em 1930, o universitário Circuncisão Pires recebe o prémio de longo e penoso trabalho, ao receber, com distinção, a sua licenciatura em Medicina. [...]

A sua bondade, delicadeza, carinho, caridade e inteligência no trato com os doentes, granjearam-lhe uma clientela tão numerosa que, durante o dia e até altas horas da noite, dificilmente a sala de espera do seu consultório se encontraria despovoada.

A ele tinham acesso os humildes e os grandes do mundo, os que podiam pagar e os que não podiam, e para todos a mesma respeitosa atenção, a mesma caridade, a mesma assistência carinhosa. E se não, que fale o Dispensário Antituberculose que há muitos anos dirigia; que

fale o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, que o digam os pobrezinhos de Bragança; que o diga o nosso Seminário Maior [...]; que o digam os antigos companheiros da G.N.R e a própria Corporação [...]; que o digam os antigos competidores de lutas desportivas.

Pouco tempo antes da sua morte, e em carta dirigida à mãe, dá conta de um último tratamento ao qual se iria submeter, “vou, pois, submeter-me a um tratamento que tanto me pode beneficiar, como abreviar ou provocar a morte. Seja o que Deus quiser, estou resignado e disposto a enfrentar todos os sacrifícios e martírios que Deus me tenha reservado”¹⁶⁵.

As instituições que serviu durante a sua atividade profissional foram também lembradas no seu testamento, bem como todos aqueles que assistiu e que dispunham de menos recursos, sem descurar a necessidade de apoiar o trabalho e o estudo

Deixo ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Bragança 10.000 escudos, deixo ao Seminário Maior S. José de Bragança 5.000 escudos para que durante cinco anos seja distribuído um prémio de 1.000 escudos em cada ano ao seminarista melhor classificado. Deixo ao Seminário Maior de S. José de Bragança 10.000 escudos, ao Patronato de S. António, instaladora Casa de Trabalho Dr. Oliveira Salazar 5.000 escudos, ao Dispensário Antituberculose de Bragança, do qual atualmente sou médico e fundador, a importância de 50.000 escudos que deverá ser entregue ao seu diretor Dr. Albano Castelo Branco ou ao meu grande amigo e colega Dr. José Rocheta. [...]

Deixo 5.000 para serem distribuídos pelos mais pobres da cidade de Bragança no primeiro Natal depois do meu falecimento”¹⁶⁶.

A este gesto de profundo altruísmo juntavam-se outros (não só os que concretizou junto dos refugiados que conheceu e tratou em

165 Citamos um documento gentilmente cedido pelo sobrinho-neto do Dr. António Pires.

166 Documento com data de 23 de outubro de 1950, cuja citação foi autorizada pelo sobrinho-neto do Dr. António Pires.

Sacoias ou em Bragança), como por exemplo, a conta aberta na Farmácia Acácio Mariano¹⁶⁷ para fazer face às despesas com os medicamentos dos pacientes necessitados que atendia no consultório e as duas crianças austríacas refugiadas que acolheu em casa durante a II Guerra Mundial.

Resta-nos acrescentar que o espólio do consultório (pelo menos uma parte dele, segundo o que se julga saber) foi oferecido ao Dr. Simão Silva¹⁶⁸ de Macedo de Cavaleiros.

Faleceu na sua casa, na companhia da sobrinha da esposa, Francisca de Lourdes Pousa, que lhe prestou, tal como à esposa, os cuidados necessários até ao último momento. Francisca Pousa faleceu em Bragança a 4 de maio de 2018, aos 91 anos.

¹⁶⁷ Acácio Augusto Mariano, segundo as palavras do Pe. Francisco Manuel Alves foi um “Farmacêutico pela Escola Médica do Porto. Nasceu na Adeganha, concelho de Moncorvo, a 9 de junho de 1882. Fez o curso liceal em Bragança e o da especialidade no Porto, onde concluiu em 1906, vindo fixar residência a Bragança, onde casou. Tem servido de administrador do concelho e governador civil substituto, distinguindo-se por obras de grande iniciativa industrial”, (1957) *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (14), 5-6.

¹⁶⁸ Cf. pp. 208-218.

Nos finais de 1961, Humberto Delgado entrou clandestinamente em Portugal para tomar parte na revolta de Beja, que por falta de intervenção de outras unidades no movimento, acabou por fracassar. Fugitivo, conseguiu durante quinze dias iludir a vigilância da PIDE, permanecendo escondido em Matosinhos, na casa de Artur Mirandela, que fora o tesoureiro da candidatura.

Iva Delgado¹⁶⁹

Antes, contudo, de expormos a correspondência e demais documentos elucidativos da campanha eleitoral de 1958, parece-nos pertinente retroceder no tempo e referirmos a campanha eleitoral para eleger o General Norton de Matos, que decorreu a 13 de fevereiro de 1949 e na qual Artur Mirandela participou. Posto isto, damos conta de um documento¹⁷⁰ da PIDE, com data de novembro de 1945, cuja leitura nos remete para uma “reunião de propaganda democrática”, no cineteatro Camões, em Bragança, presidida pelo Dr. Adrião Martins Amado, Acácio Mariano (farmacêutico) e Dr. Armando Moreno, “assistindo também o representante da autoridade”. Na informação lê-se ainda que se verificou

menos assistência do que na primeira reunião – cerca de 400 pessoas – a maioria composta por operariado, não se vendo quaisquer militares do ativo ou reserva. Discursaram todos fazendo referências, mais ou menos, ao significado da palavra “LIBERDADE” os seguintes indivíduos:

169 Delgado, Iva; Pacheco, Carlos; Faria, Telmo (1998). *Humberto Delgado e as Eleições de 58*. Vega.

170 Cf. p. 191.

Dr. Adrião Martins Amado

Dr. Alexandre Faria, advogado em Bragança

Dr. Ferreira da Silva, médico em Macedo de Cavaleiros

Dr. Manuel Machado, médico em Vinhais

Artur Augusto das Neves, “O Artur Mirandela”, funcionário do Banco de Portugal

Frutuoso Teixeira, operário

Dr. José Faria, advogado em Bragança

Poucos anos depois dessas reuniões no cineteatro de Bragança, Artur Mirandela escreveu uma carta, no dia 3 de janeiro de 1949¹⁷¹, na qual dava a entender ao General Norton de Matos o quanto estava empenhado no sucesso da sua campanha e na luta pela Liberdade, ao mesmo tempo que manifestava a sua indignação,

Por certo dirá de Vossa Excelência para consigo mesmo: - Este homem nunca mais me deixa! É verdade, meu Ilustríssimo General, cá estou eu mais uma vez a molestar Vossa Excelência, e quantas elas já são! – para informar de mais uma injustiça, a juntar a tantas e tantas outras, que comigo mesmo hoje se passou: - o Senhor Doutor Adrião Martins Amado, Presidente da Comissão, recebeu um telegrama de Vossa Excelência em que lhe comunicava que tinha início, a partir de hoje, a propaganda eleitoral. Quis eu afixar cópias desse telegrama para elucidar o público e aproveitar o dia de hoje por ser aqui mercado e haver mais gente das aldeias aqui vizinhas, mas foi-me proibido assim fazer pelo Ilustríssimo Senhor Comandante da Polícia de Segurança Pública, alegando este Senhor que não se podia fazer propaganda pública, mas sim em recinto devidamente fechado e depois de pedir autorização a Sua Excelência, o Senhor Governador Civil deste Distrito. Mas, em face desta atitude, que espécie de liberdade é esta?

171 Representação digital - Carta de Artur Mirandela ao General Norton de Matos - Arquivo Municipal de Ponte de Lima - Archeevo (cm-pontedelima.pt). Cf. p. 190.

Não sei se este senhor agiu de sua vontade ou são instruções recebidas, mas que seja uma coisa ou outra, já por aqui podemos tirar a prova do que será a liberdade que pensam dar-nos!!! O recinto fechado, como exigem, dá-lhes a facilidade de averiguarem as pessoas que ali vão, para, como quando foi do M.U.D., poderem perseguir as mesmas pessoas com a certeza de que assistiram às reuniões. Proibir fazer-se propaganda publicamente, é cortar-nos aquilo de que mais necessitamos. Não sei se o Senhor Doutor Adrião Martins Amado lhe comunicará o sucedido, mas já aqui fica para Vossa Excelência poder avaliar da liberdade que pensam dar-nos.

Artur Mirandela, cidadão entrosado nos assuntos da comunidade, dava a conhecer o lado que apoiava. A carta é finalizada com a convicção de que estaria sempre ao dispor de Norton de Matos e da sua campanha, “Como sempre, aqui me tem Vossa Excelência ao seu inteiro dispor, podendo ordenar sempre que lhe aprouver ao que é, de Vossa Excelência, criado grato”¹⁷².

Datada de janeiro de 1949, encontra-se na Fundação Mário Soares, uma “carta de vários indivíduos, sendo o primeiro subscritor o advogado Manuel Eduardo Gonçalves, dirigida à Comissão dos Serviços Centrais da candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República, sobre a tomada de posse da Comissão Concelhia de Bragança”. Entende-se que

os que subscrevemos esta carta resolvemos constituir-nos em Comissão Concelhia provisória e requerer à Comissão Central dos Serviços de Candidatura do Sr. General Norton de Matos que se digne conceder-nos poderes bastantes para nos ser possível dirigir os trabalhos de propaganda próprios de uma comissão como a nossa e dentro da nossa área natural de ação.

Na mesma carta é acrescentado,

172 (1949), S/ Título, Fundação Mário Soares / AMS - Arquivo Mário Soares, Disponível em <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=02548.001.012> (2023-6-2). Carta ao General Norton de Matos

Pedimos a Vs. Exas o favor de uma deliberação rápida a este respeito, porquanto estamos quase no fim da presente campanha e uma demora seria prolongar até ao cabo o tristíssimo estado de coisas neste concelho.

Os sete subscritores despedem-se com “Saudações democráticas” e entre as assinaturas consta a de Artur Mirandela¹⁷³.

De 18 de janeiro de 1949 é também a carta que o Agente José Gomes Carvalheiro¹⁷⁴ escreve a dar conta do envio de uma carta por parte de Artur Mirandela na qual

se queixava de que o Presidente da Comissão Distrital de Bragança dos Serviços de Candidatura não estava a exercer qualquer atividade e que sempre que alguns membros da mesma Comissão ou da Comissão concelhia se avistavam com ele para tratarem de assuntos de propaganda era respondido “que tivessem calma e deixassem ver em que isto parava”. Informava também que o conselheiro Dr. Artur Lopes Carlos atualmente residente nas suas propriedades de Cedães, daquele concelho de Bragança, elemento de grande influência política no Distrito, ainda não tinha exercido qualquer atividade, pelo que achava conveniente que o General Norton de Matos lhe escrevesse e que na maior parte das aldeias o povo tinha receio em receber a propaganda da Oposição, por causa das represálias exercidas, citando o facto de na freguesia de Izenha um comerciante ter sido chamado à Polícia de Vigilância por ter colocado na parede do seu estabelecimento o jornal “República” e um comunicado da Comissão Distrital do Porto dos Serviços de Candidatura, recortado do “1.º de janeiro”. Indica [Artur Mirandela] os seguintes indivíduos, como fazendo parte da Comissão Concelhia de Bragança: Nuno Teixeira Neves; Manuel Eduardo Gonçalves; Artur Mirandela; Álvaro Garcia; Mário Pércles da Cruz.

Com a mesma data e pela mão do mesmo agente surge também,

173 (1949), S/ Título, Fundação Mário Soares / AMS - Arquivo Mário Soares, Disponível em <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=02548.001.012> (2023-6-2).

174 TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. pp. 188-189.

no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, outra informação¹⁷⁵ sobre os próximos acontecimentos no que respeita à candidatura do General Norton de Matos. Segundo o agente José Gomes Carvalheiro tinham sido

expedidas várias circulares [...], comunicando a chegada ao Porto, ao meio da tarde, do dia 22 do corrente mês, do General Norton de Matos, o qual no mesmo dia à noite daria receção à Comissões Distritais do Norte, concelhias do Distrito do Porto e de freguesias desta cidade, assistindo no dia 23, às 14,30 horas, a um comício público, onde discursaria [...]. Informava também que o General Norton de Matos se hospedaria no Hotel do Porto e que o local da receção e comício seriam indicados oportunamente.

O representante do distrito de Bragança na receção a que o documento se refere era Artur Mirandela.

A 23 de janeiro do mesmo ano, Norton de Matos discursava perante uma multidão reunida no Porto – um *manifesto* sobre direitos dos cidadãos

[...] que os direitos e as garantias fundamentais dos cidadãos sejam absolutos e possam ser exercidos sem a menor diminuição e sem peias de qualquer espécie, [...] que na Nação una haja sempre os direitos de ampla expressão e discussão de opiniões diversas e de formação de partidos políticos, e que se evite o mais possível que o Povo viva vida conventual sob uma autoridade conventual, sob uma autoridade ditatorial, férrea disciplina e regras inflexíveis, espiada e policiada nos mais íntimos pormenores, na qual um só nome se possa pronunciar, uma só oração se possa rezar, uma só saudação se possa fazer – a do braço estendido -, vida esta de que tão fartos estamos todos¹⁷⁶.

175 Idem. Cf. pp. 188-189.

176 (1965) Revista *Seara Nova*, (1438).

Dizem que as cartas são violadas pela PIDE, - nunca me interessou saber isso para dizer a verdade. Quando muito, podem ser eles os primeiros a sabê-lo. Mas se aquilo que aqui está escrito é o que eu pessoalmente lhe digo, que diabo me importa a mim que abram ou não as cartas! É um crime se assim procedem. Mas não depende de mim evitá-lo.

Artur Mirandela¹⁷⁷

Algues em Portugal, 1 de janeiro de 1962

Portugueses! Escrevo esta escondido, miseravelmente escondido, em casa mais do que pobre do ponto de vista material, casa em que o vento faz ranger as janelas sem vidros e onde eu tenho de andar em bicos de pés, sem acender luzes. Mas estou em Portugal nesta sagra Terra que é Vossa, e Nossa, embora dela despossados pelo TIRANO feroz, sanguinário, que a transformou em sua propriedade, e da PIDE.¹⁷⁸

Humberto Delgado

177 Carta ao Capitão Domingos Ferreira. TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 219.

178 “Disse que voltava e voltei”, Memória redigida por Humberto Delgado em Matosinhos em 1962 e publicada pelo *Diário de Notícias* de 27 de abril de 1995. Na abertura da notícia lê-se: “No valioso espólio que D. Helena Mirandela guarda como sinais de duas extraordinárias figuras da sua convivência, seu pai, Artur Mirandela, e Humberto Delgado, avulta este documento. Conforme o autor, deverá ter sido iniciado num refúgio alentejano, logo após a revolta de Beja. Em Matosinhos o General, acabou de o redigir. Porém, por qualquer razão, rasgou-o, lançando-o no cesto dos papéis. Aí foi recolhido e reconstituído pela filha do seu hospedeiro e sua interlocutora atenta. E trinta anos estas doze folhas manuscritas estiveram escondidas. É o momento de as revelar, tanto mais que nas numerosas diligências efetuadas ficámos com a convicção de que nunca foi divulgado, salvo o parágrafo inicial”.

Ao regressarmos ao testemunho de Mário Cal Brandão¹⁷⁹, embrenhamo-nos noutros momentos importantes da atividade de Artur Mirandela no que respeita ao seu papel enquanto opositor à Ditadura, já mencionados em páginas anteriores. Acrescenta o Dr. Cal Brandão, no mesmo depoimento

Continuou aqui [em Matosinhos] a sua militância contra a Ditadura mantendo a ligação com os elementos da Oposição no Distrito do Porto. E, assim, veio a fazer parte em 1958 da Comissão Distrital do Porto da Candidatura do General Humberto Delgado, tomando para si a responsabilidade de dirigir os serviços de secretaria e tesouraria instalados na sede da Praça de Carlos Alberto. Era aqui que se distribuía a propaganda e se recolhiam os fundos que se cobravam com a entrega da mesma, atingindo diariamente verbas elevadas que sustentaram as despesas da campanha. Esta tarefa na execução da qual era auxiliado pela sua filha Sofia, também já falecida, não passou despercebida da Polícia – a entrada na sede era franqueada a toda a gente que se amontoava para receber a propaganda – que no meio da campanha o foi prender.

Sobre a prisão de Artur Mirandela num momento de tão grande agitação da política nacional, Cal Brandão refere que “foi mantida para além das eleições e com ele outros se lhe foram juntar, mesmo depois do ato eleitoral”. Algum tempo após as eleições, o General Humberto Delgado, “depois do insucesso da Revolta de Beja teve de procurar abrigo para as bandas do Porto e ali foi bater [à casa de Artur Mirandela] com já tantos outros o haviam feito”. Segundo a família, o General terá optado por se instalar no quarto cuja janela estava voltada para a rua principal [França Júnior] com o posto da Polícia do outro lado dessa rua.

O apoio integral ao ideal de Liberdade para o qual o testemunho de Mário Cal Brandão nos remete terá sido mantido até aos últimos momentos de vida de Artur Mirandela, assim como a vigilância contínua de que era alvo, como, aliás, se poderá verificar através de um

179 Cf. pp. 183-185.

relatório da PIDE de 9 de julho de 1964¹⁸⁰

Cumpre-me informar V. Exa. de que no dia 7 do corrente, pelas 22h45, presenciei que o advogado Mário Cal Brandão, acompanhado doutro indivíduo e três senhoras, os quais não reconheci, entraram para a residência de Artur Mirandela, [...], onde se demoraram cerca de quinze minutos. Quando saíram, as mesmas pessoas, despediram-se à porta da filha do Mirandela, e dirigiram-se para junto da porta principal do mercado daquela vila, lado sul, tomaram o automóvel N.º EA-30-33, marca Anglia, vermelho, seguindo pela rua de Brito Capelo, em direção ao Porto.

Através das cartas do Procurador do General Humberto Delgado, da carta de Sofia Mirandela a Furtado Montanha e de outros documentos que consultámos no Arquivo da Torre do Tombo, clarificámos informações que exporemos, citando aqueles documentos e outros que nos conduzirão à atividade de Artur Mirandela no decorrer da campanha eleitoral de Humberto Delgado.

Menos de dez anos após a campanha eleitoral do General Norton de Matos, Artur Mirandela envolvia-se, pois, ativamente na campanha eleitoral do General Humberto Delgado, participando, inclusivamente, nas reuniões de preparação, como aliás, se depreende do documento consultado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de 26 de março de 1958¹⁸¹. Ao mesmo tempo, o documento revela outros pormenores importantes relacionados com o apoio à nomeação do próprio General

Há quatro semanas houve uma reunião no Porto presidida pelo General Humberto Delgado a que assistiram entre outros, Artur Mirandela [...] Drs. Pedro Veiga e Amílcar de Castro. Teve por fim tratar da candidatura à presidência da República do referido General. O Dr. Pedro Veiga em princípio discordava, em virtude do general já ter hostilizado

180 TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 174.

181 Idem. Cf. p. 180.

os comunistas, mas a instâncias do Mirandela acabou por concordar. O general no fim da reunião convidou o Mirandela a passar uns dias em sua casa em Lisboa.

No dia 15 do corrente houve outra reunião na mesma cidade, à noite, presidida pelo Comandante Câmara Reis, sendo convidado para falar o Mirandela. Um tal Miguel Garcia (residente em Matosinhos) aconselhou o Mirandela a não ir lá em virtude de à mesma assistir o Dr. Pedro Veiga, conhecido como comunista. Naquele dia, algumas horas antes da reunião, o Mirandela recebeu um telegrama que dizia: - sua comparência imprescindível.

Além das reuniões de preparação, Artur Mirandela participou também em sessões de propaganda em prol da mesma campanha, como a promovida “pela comissão eleitoral feminina do Porto [...] a favor da candidatura do sr. Dr. Arlindo Vivente”, que decorreu em 25 de maio de 1958¹⁸²

[...] no palco sobressaia um grande retrato do candidato da Oposição Democrática à Presidência da República. Assumiu a presidência da mesa a Sr.^a D. Emília Ferreira dos Santos Silva Verdial. Ladeavam-na as Sras. D. Lília da Fonseca, de Lisboa, e D. Manuela Marques, de Coimbra; e o sr. Artur Mirandela, da comissão distrital do Porto da candidatura do sr. General Humberto Delgado.

Usaram da palavra as Sras. D. Emília Ferreira dos Santos Silva Verdial e D. Lília da Fonseca, o sr. Artur Mirandela [...]. Todos os oradores expuseram os mais instantes problemas relacionados com a situação atual da mulher portuguesa [...].

No dia 21 do mesmo mês, em Ramalde¹⁸³, Artur Mirandela já ti-

182 TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 178.

183 TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 177.

nha participado numa “sessão de propaganda do Candidato Independente”, durante a qual usou a palavra para fazer

elogiosas referências à figura do sr. General Humberto Delgado [e] salientou algumas injustiças que, em sua opinião, se têm cometido, e, depois de afirmar que o Povo Português não pode continuar à mercê dos interesses de um só partido, disse:

- O sr. General Humberto Delgado, pela sua elevação moral, pela sua envergadura intelectual, conseguiu ser o português ilustre que, dotado de excelsas virtudes, personifica a ânsia de Liberdade e de Justiça que sentimos e é o penhor da honestidade que todos desejamos. Basta observar o Movimento Democrático Independente que se está desenhando por todos os recantos do País.

A estes momentos de declarado apoio à candidatura do General Humberto Delgado juntaram-se outros também de carácter público, por exemplo, 20 de maio de 1958 e 22 de maio de 1958. Parece-nos, contudo, pertinente destacar o que Mário Cal Brandão mencionou no depoimento anteriormente salientado - Artur Mirandela esteve preso “durante a campanha eleitoral”, como se pode comprovar também através de um documento de 12 de dezembro de 1958¹⁸⁴ que relata uma conversa aparentemente casual entre Artur Mirandela e o “agente Moraes”, e que comprova, mais uma vez, a vigilância contínua de que era alvo e a amizade que o unia ao General Humberto Delgado. Dessa conversa destacam-se assuntos relacionados com a governação do país que preocupavam os dois opositores ao Regime de Salazar e cujas ideias e críticas pretendiam talvez fazer chegar (dissimuladamente) ao próprio Presidente do Conselho. Artur Mirandela terá tido com o “agente Moraes” a seguinte conversa, da qual transcrevemos alguns excertos

[...] Que há dias almoçando com o General Humberto Delgado em Lisboa, ele lhe afirmou que o Dr. Pedro Teotónio Pereira tinha já pedido a sua demissão por duas vezes e que ultimamente continuava a insistir em tal pedido, que viria a ser um facto, visto o Dr. Teotónio Pereira entender

184 TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. pp. 175-176.

que deve ser dado um aumento substancial aos funcionários públicos, para poderem fazer face à vida atual, mas que o Senhor Presidente do Conselho não concorda, alegando não o poder fazer por falta de fundos.

O problema do aumento de vencimentos tem desgostado bastante o Senhor Doutor Teotónio Pereira, como se poderá depreender da última conferência que teve com o Senhor presidente do Conselho sobre tal assunto, visto ter saído do seu gabinete bastante aborrecido.

O General Humberto Delgado comentando essa falta de fundos, afirmou ao Artur Mirandela – “porque não vão buscar aqueles que mandaram para Espanha e Inglaterra durante a guerra civil e a mundial, pois essa dívida continua a manter-se”.

O General Humberto Delgado referindo-se ainda ao Doutor Teotónio Pereira, disse ao Artur Mirandela que aquele membro do Governo era uma pessoa bem intencionada, mas que nada poderá fazer só, a bem do povo.

Que são amigos pessoais, tratando-se até por “tu”, por isso o conhece muito bem. Que o Doutor Teotónio Pereira num dos últimos encontros lhe disse: “não me visites oficialmente, pois fica registada a tua entrada e saída, assim como a de qualquer outra pessoa que me venha falar, para se evitarem os comentários, quando quiseses falar-me, encontramo-nos cá fora e falaremos então à vontade.

O General Humberto Delgado mostrou ao Artur Mirandela uma cópia duma carta que tinha endereçado há dias ao Dr. Teotónio Pereira, na qual lhe dizia que já era tempo de se acabar com os campos de concentração e cemitério de famintos.

Mudando de conversa o General Humberto Delgado disse ao Mirandela que o Dr. Sebastião Ribeiro tinha escrito um livro no qual era visado o Senhor Diretor desta Polícia, mas que tinha sido esperto, pois mandou um exemplar ao Senhor Presidente do Conselho com uma carta na qual lhe dizia, que por força do seu temperamento fora obrigado a escrever aquele livro e que possivelmente o Senhor Capitão Graça ao tomar conhecimento do mesmo o mandaria prender, mas se tal acontecesse uma

vez restituído à liberdade, novamente escrevia outro livro. O General Humberto Delgado em tom de galhofa disse que o nosso Diretor é amigo dum coronel e que este para o arrelhar lhe disse: “vou proporcionar-te um encontro com o Dr. Sebastião Ribeiro” – ao que o nosso Diretor com ar de zangado lhe respondia exaltado: “eu nem sequer quero ouvir falar nesse cavalheiro”.

Segundo o Artur Mirandela, o General Humberto Delgado não tem qualquer rancor para com esta Polícia pois até havia agentes que eram seus amigos e com quem conversava e que lhe diziam, que tinham vindo para a Polícia por não terem outra coisa. Que os agentes encarregados de o vigiar lhe seguiam todos os passos, espreitando-o com ares de provocação, mas que também havia outros que lhe pediam desculpa por o andarem a vigiar, mas como eram mandados tinham de obedecer. [...]

O General Humberto Delgado referiu-se ainda ao processo disciplinar que lhe foi instaurado, dizendo ao Mirandela que o General inquiridor era seu amigo. Que a primeira vez em que foi ouvido nada ficou escrito, e que ao ser perguntado porque tinha feito aquilo, respondeu ao General inquiridor: “tudo o que fiz e o que tenho feito é para bem do povo”. Que ambos se riram e ficou assente de lá ir outra vez a fim de ser levantado o auto para o assunto ficar arquivado.

Foi também abordada a posição do General Humberto Delgado em relação ao partido comunista pelo Artur Mirandela, que lhe diz: “você não se acredite nos comunistas. Agora apoiam-no para derrubar o Governo, se morresse em combate levantar-lhe-iam um monumento, se não morresse pregariam consigo no tribunal, para o liquidarem depois, com o pretexto das hipotéticas atrocidades cometidas por si durante a Guerra Civil espanhola e pelo tempo que esteve ao lado da Situação.

O General Humberto Delgado em face da afirmação do Artur Mirandela retorquiu-lhe: “eu sei disso, mas eu só tenho que me sacrificar pelo povo, pois, ele mostrou quanto me estima e eu tenho que fazer por ele tudo o que puder, custe o que custar”¹⁸⁵.

185 Documento de 12 de dezembro de 1958. TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613.

Artur Mirandela continuaria a empenhar-se politicamente, para lá de 1958, mesmo sabendo que a sua liberdade poderia correr novos riscos¹⁸⁶.

O epígrafe [Artur Mirandela] é uma dos signatários do manifesto intitulado “1.^a CIRCULAR DA FRENTE ELEITORAL INDEPENDENTE”, datado de 30 de setembro de 1960, alusivo às eleições para Deputados a realizar em 1961, chegado ao conhecimento desta delegação, antes da sua divulgação e impressão definitiva em 23/9/1960, e do qual foi enviada uma cópia à Direção com o ofício confidencial (Relatório), n.º 3.529.S.R., de 26/9/1960.

Sobre a amizade que unia os dois homens, além da luta pela Liberdade, citamos, uma carta do General datada de 2 de novembro de 1958

Não sei se esta carta lhe chegará breve às mãos, mas espero que pelo menos o seu conteúdo lhe será dito a despeito das infames regras deste país – possuído por um bando de canibais.

Sabe como me conquistou a sua maneira franca, viril, concreta de tratar com os assuntos. Sabe como estou ao seu dispor. Sabe como se precisar do sacrifício meu estou disposto a fazê-lo já que essa é a real prova de amizade.

Tenho sabido de si pelos seus amigos mas não quis deixar por esta forma, sei que o não posso fazer pessoalmente¹⁸⁷, vim trazer-lhe a presença da minha consideração, amizade e gratidão¹⁸⁸.

186 Documento de 23 de setembro de 1960, TTombo PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 179.

187 Na “Biografia prisional de Artur Augusto da Neves” detido “para averiguações” em diferentes momentos entre 1937 e 1958. Sabe-se, também, que, em 1958, foi preso a 4 de junho de 1958, ou seja, quatro dias antes das eleições, “pela Delegação do Porto para averiguações por crimes contra a segurança do Estado, tendo recolhido às prisões privativas daquela Delegação (O.S. 163/958). Restituído à liberdade em 21 de julho de 959 (O.S. 209/958)”, Livro Geral de Presos, livro 34, registo 6671.

188 Torre do Tombo, “Doação Artur Mirandela”, cx 77, doc. 16-2.

Apesar das múltiplas peripécias ocorridas em relação à vida social e política, quer de Artur Mirandela, quer de Humberto Delgado, é notória a afirmação das ideias de Liberdade entre ambos e o apoio incondicional que o primeiro dedicou sempre ao General. Na “informação secreta” de 3 de agosto de 1962¹⁸⁹, enviada à PIDE, é exposta essa ideia, assim como outras do mesmo âmbito,

Quanto ao Artur Mirandela que foi o tesoureiro dos serviços da propaganda da candidatura do Delgado, ao Oliveira Valença, que tinha a seu cargo a impressão da propaganda política subversiva dos mesmos, e com quem tive a ocasião de conversar no seu escritório, continuam sendo adeptos e admiradores do Delgado, cuja coragem dinamismo muito elogiam, concedendo a sua calorosa aprovação ao “programa político da Segunda República”. Quanto a estes dois, constatei que continuam sendo íntimos amigos e colaboradores do Artur de Andrade, tendo o último repudiado indignamente as suspeitas ou acusações que pesam sobre este, e considera infundamentadas e caluniosas, e que todos aqueles que nelas acreditam fazem o jogo da PIDE, que é fomentar a desconfiança e a divisão entre os democratas. O Artur de Andrade é um leal camarada e continua credor da nossa confiança e amizade. Continua a trabalhar dedicadamente pela vitória da democracia e pelo derrubamento do regime de Salazar, embora com as precauções e cuidados que a sua situação de incriminado e afeiçoado lhe impõem, pois qualquer passo em falso pode custar-lhe novamente a liberdade. Como V. sabe a P.I.D.E não dorme...

Tive ainda oportunidade de falar com o Dr. Olívio França e o Dr. Arnaldo Mesquita que me foram apresentados pelo Veiga Pires com quem estão em íntimas relações, tendo ambos manifestado o seu apoio [ao] “programa da Segunda República”, manifestado o seu pesar pela triste situação financeira em que se encontra o Delgado e censurando asperamente o governo brasileiro por não lhe ter obtido uma situação desafogada, compatível com a sua categoria de antigo general e chefe da oposição no exílio. Segundo me afirmaram, se a sua situação precária se mantiver e se confirmar, pensa-se em abrir uma subscrição no Norte a fim de se obter alguns fundos para lhe serem enviados...

189 TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 173.

Através de uma carta de Sofia Mirandela ao amigo José Furtado Montanha, datada de 1958¹⁹⁰ conseguimos aferir o grau de envolvimento e de ansiedade de Artur Mirandela em relação à campanha

O Pai anda doidinho! Deita-se às 3 da manhã e às seis já está erguido e pronto a partir a caminho da Propaganda!

Aqui no Porto e Matosinhos é uma loucura!

Aí vão 25 selos e um panfleto.

O Pai creio que mandou pelo Poças uns livros para o senhor e outros.

Só para Lisboa quer cem mil!! O Pai é quem os está a distribuir e dão cabo dele porque embora sejam duas tipografias a trabalhar dia e noite – não abastecem o mercado.

Batem-nos à porta a desoras a pedir livros!

Para Mirandela foram vinte da primeira vez e todos os dias pedem livros sem que queiram saber que é impossível atendê-los a todos.

Os de Braga não largam o Pai e já nem parece o mesmo! Fraco e sem forças.

Em *post-scriptum*, Sofia Mirandela acrescentou, “Não se olvide de nós, nós os camaradas que necessitamos do auxílio de todos para bem de todos”.

Também através da correspondência¹⁹¹ que chegou à rua França Júnior, proveniente da mão do Juiz de Direito e Procurador do General Humberto Delgado, Sebastião José Ribeiro, nomeadamente as cartas datadas de 28 de fevereiro de 1958, 9 de abril de 1958, 15 de janeiro de

190 O documento a que nos referimos faz parte do espólio da PIDE/DGS, “El. Presid. 1958 Pr 1546/57-SR PT 2 n.º 147” e terá sido censurado, contudo, retrata com clareza o grau de envolvimento de Artur Mirandela naquela campanha eleitoral. No remetente surge a morada da sede de campanha: Serviços de Candidatura Nacional Independente do General Humberto Delgado, Praça do Município, 267, 3.º Sala 7, Porto.

191 Cf. pp. 198-207.

1959, 29 de janeiro de 1959 e 16 de abril de 1961, uma troca de ideias entre os dois opositores à Ditadura (embora só tenhamos tido acesso às epistolas de Sebastião Ribeiro), é claro o ambiente político antes e após as eleições de 8 de junho de 1958.

Assim, a partir da carta de 28 de fevereiro de 1958, pouco tempo antes da campanha, recolhemos a seguinte informação

A oposição continua com falta de juízo. Uns com o firme propósito de perturbar, não sei com que intenções, a mais benigna de todas ainda será a estupidez que, no dizer de Camilo, é cruel, outros influenciados pelos primeiros, dos quais foram inconscientemente a jogo julgando que fazem o seu, e tudo apostado em embaraçar a oposição em benefício, claro está, do governo.

É por isso que a esta hora ainda não há candidato russo. Vamos a ver se por estes dias aparece – é a minha esperança. É claro que o candidato será um pretexto e nada mais. E poderia ser mais alguma coisa? Aí fica esse ponto de interrogação, a que só podem responder as pessoas de juízo.

Certo que tudo se esclareça dentro de poucos dias e trabalha-se nesse sentido ativamente [...].

Da carta de 9 de abril de 1958, dois meses antes da campanha eleitoral, retiramos

O que eu queria era um dos impressos que anunciavam a candidatura do General H. Delgado, impressos de que me deixaram um o nosso amigo Arq.to Andrade. Mas já não é preciso, porque o general cedeu-me o dele. Houve pois confusão ou na transmissão ou no entendimento dos telefonemas, naturalmente na transmissão. O assunto está pois arrumado. [...] Os documentos pessoais do general para a candidatura estão à minha ordem na qualidade de seu procurador, procuração que está já em meu poder.

Ele partiu hoje para a Ilha do Sal, donde regressa em breve – lá para 2.^a feira, creio eu.

Bom é que o número de adeptos vá aumentando e que sejamos bastantes para que a sua candidatura se imponha. Por aqui vai também tomando vulto e o diretório indicou já como preferível a candidatura do general mas eu queria mais alguma coisa. Vamos ver o que vem de lá [...].

No ano seguinte, a 15 de janeiro de 1959, Sebastião Ribeiro escrevia a Artur Mirandela para lhe dar algumas notícias relativas ao General H. Delgado que, aparentemente, já eram do conhecimento daquele,

[...] Poucas ou nenhuma novidade lhe posso dar. As mais importantes já as conhecemos. O General H. Delgado está na Embaixada do Brasil e ali aguarda a partida para o Brasil. Seguiu o caminho melhor para ele e pior para a situação. Estava na eminência de ser preso, ou de ser assassinado. Esta última hipótese é a que melhor se ajusta aos acontecimentos – sacrificou-se até ao que seria justo esperar dele. Mais, seria um sacrifício totalmente inútil. Não souberam apreciá-lo aqueles que mais o deviam admirar porque revelou uma coragem e um propósito que não estou habituado a ver. Todos os erros que se lhe podem apontar provieram da sua inexperiência ou mais propriamente do desconhecimento do meio em que teve de agir. Fora isso, foi admirável.

E não há mais nada que mereça a pena noticiar-lhe. A oposição ficou acéfala. Arranjar outro chefe será difícil e nenhum com as qualidades do que acabámos de perder.

Agora começam já a repeli-lo, mas poucos são, felizmente [...].

Citamos a partir da carta de 29 de janeiro de 1959 (mais de meio ano após as eleições), e pouco depois da carta anterior, o seguinte

Dei à esposa do General H. Delgado o seu recado e li-lhe a passagem

da sua carta que a ela se refere. Ficou muito sensibilizada. Agradece sua oferta e retribui os seus cumprimentos. O general agradece também o abraço e retribui.

A situação do general ainda não está resolvida, nem à vista a resolução.

O Capitão Galvão continua à solta, não se sabe por onde. Traz a cabeça a prémio – 10 contos a quem o encontrar, barato? Andam pelo país fora 4.000 fotografias, mas a polícia dá pouco pelo expediente, convencida como está de que quem o descobrir vai preveni-lo ou dá-lhe guarida.

Em Évora prenderam um homem que tinha semelhanças com ele. Rapidamente identificado, foi posto em liberdade [...].

Da carta de 16 de abril de 1961 extraímos o seguinte

Repondo à sua carta de 4 de abril.

Foi bastante movimentada a semana que hoje findou, cheia de alegres notícias que todos ouviram com muito prazer, nas quais também todos acreditaram menos eu.

Depois de tudo joeirado, talvez se possa acreditar que o nosso exército pensou em fazer alguma coisa, mas destacou uns generais para procurar Salazar e notificar-lhe um merecido mandado de despejo, mas os generais são estúpidos e, ainda para mais, medrosos.

O despejado recusou-se a sair e eles...não sei se fizeram alguma coisa daquelas que o medo provoca, caracterizada por um cheiro bastante estranho e indesejável. É isto que parece averiguado, parece, tome boa nota. [...]

Transmito-lhe em todo o caso a notícia das prisões sob reserva, porque para mim ainda não é caso averiguado. Quanto à demissão do Moniz, é que se me afigura verdadeira, porque me foi notificada pelo Diário do Governo, mas este periódico oficial já me não oferece a credibilidade de outrora.

Dos boatos da semana foi o resultado que ficou. Duas conclusões tiro do que deixo escrito: o exército se tomou qualquer atitude foi já sob a ação do medo ao saber da morte de alguns oficiais em Angola; mas essa atitude foi muito frouxa, porque o medo ainda pequeno, não é de aturar.

De maneira que, meu amigo, temos de esperar que o medo aterre os nossos valentes militares, para então os vermos praticar artes de heroicidade. E havemos de ver, não lhe teste dúvida. É questão de mais umas mortes em Angola e que eles se vejam com risco da mobilização.

Por Angola aquilo vai mal – vai de mal a pior, melhor dizendo. [...] Salazar foi o culpado de tudo isto que só ele não viu, com toda a sua sagacidade, que é muita, mas não chega para medir as consequências desastrosas de todos os seus atos.

Encerramos este longo período (1948-1958) com “Um dos discursos políticos proferidos por Artur Mirandela a favor da candidatura à presidência da República do Ilustríssimo Senhor General Humberto Delgado” em maio de 1958¹⁹². Pouco depois, seria preso e inevitavelmente afastado da campanha que ajudara a erguer,

O Povo não vive. Sufoca. E se não chora é porque um desespero e uma impotência de mais de trinta anos lhe secaram os olhos, ou o medo injetado por milhares de sobressaltos lhe sofria já as lágrimas como lhe sofreu as queixas.

Medo que quase tudo venceu. Medo pelo amigo que falou de mais, medo do vizinho que talvez o ouvisse, medo de quem para e de quem vai, medo dos olhos que nos veem e dos ouvidos que nos ouvem, medo do chefe que quer manter o lugar, medo do empregado que serve alguém que o colocou, medo dos subordinados ou dos pusilânimes, dos que disseram sim e dos que têm de dizer que sim, medo das paredes e deste céu azul de Portugal que há tanto tempo cobre meigamente tudo isto sem se sujar com tanta podridão!!

Medo! Medo que dominou as consciências de muitos e comprou a de alguns: o medo, o mal incomensurável que é necessário vencer, e que corrosivamente insidiosamente foi envenenado e entorpecendo o Povo Português, mergulhando-o no sono, na apatia, na indiferença amarga de quem desesperou de tanto esperar!

Mas o País tenta acordar agora desse sono. Cada grito de revolta que se solta tem abanado um pouco o gigante adormecido e a consciência da sua força e da sua razão já lhe intumesce as veias, já lhe agita os lábios, e os olhos, a pouco e pouco abertos, preparam-se para ver.

À sua frente, um Homem, a quem as mais altas funções não amoleceram a coragem, um militar ilustre em quem se espelham os seus anseios, pronto a dar-se e a sacrificar-se por el, numa luta em que todas as suas virtudes de lutador e de soldado vêm ao de cima interpretando como ninguém o juramento sagrado de a servir e de lutar por Ele até ao fim; o Homem que simboliza toda a gama de virtudes porque tem chorado: desinteresse, sacrifício, honestidade.

General Humberto Delgado!

Este nome anda agora na boca dos Portugueses, transformado em esperança, transformado em crença.

Do seu peito saíram todas as reclamações e apelos de justiça que queríamos soltar. A sua voz traduziu o que tinha sido recalcado por milhões. A sua personalidade forte resumiu e condensou todos os anseios dum Povo que, há tanto agrilhado, nele foi encontrar a mão pronta a partir-lhe as cadeias e pronta a jurar-lhe a fidelidade a que se desabituou.

Neste passo, sua Excelência é o símbolo. Contra Ele se aglutinam, como o têm feito sempre contra o Povo, os senhores da situação em discursos inflamados e malcriados às vezes, a que por todos os meios se dá a mais intensa propaganda. Mas essa propaganda, feita-como tudo-de fachada, já não se enquadra mais na barreira de medo que sempre a endeusou.

Essa barreira do medo foi transporta primeiro pelo Homem que nunca

ARTUR MIRANDELA

o teve, e nós vamos seguindo atrás seguros do nosso caminho, da terra firme que pisamos, na compreensão de que o sacrifício se transforma agora em libertação, na certeza de que a senda da justiça que seguimos não pode ser suja pelas palavras de quem insulta uma e outro.

Sua Excelência é o Símbolo!

O Homem sem medo fez perder o medo a Portugal.

Todos sentimos que na luta, há a luta dum Povo inteiro, a luta de consciência nacional esmagada há tanto tempo e que agora encontra quem a guie.

Virtudes ráticas de independência, de pundonor, de desassombro, esquecidas à força, torneadas, vilipendiadas vêm agora à tona.

Debalde se procura dispersar a multidão, debalde se cerceiam notícias e se escondem os triunfos que a passagem de Sua Excelência pelo País fera se levanta, numa onda de confiança, num aceno de fé em que velhos e novos se misturam, debalde se tapam as bocas, se entravam os passos, se emudecem ou se alcinham de boatos as apoteóticas saudações que o guiam. Ele vai na frente, Sua Excelência o General Humberto Delgado, o Homem sem medo, O Presidente dos Portugueses sem medo, e nosso Presidente.

Viva Portugal!

Viva a República!

Viva o General Humberto Delgado!



General Humberto Delgado, Artur Mirandela e Dona Antoninha.

PARTE III

Com os seus noventa e três anos bem medidos, a tia Albertina guarda as ovelhinhas, remenda, faz meia, fia linho e lã e, sempre que as forças ajudam, lá vem com o seu feixito de lenha para aumentar o sequeiro junto à porta da humilde choupana.

Conheci-a quando viajei pela Lombada a cabo e durante uma estadia de vinte dias lá no alto daquela região, na povoação de Vila Meã, concelho de Bragança, levado pelo desporto cinegético e pela necessidade de tonificar o sangue e refrescar a alma com a brisa das serras.

À noite, quando na cozinha enegrecida, e à luz mortiça duma velha candeia, pendurada nas gramalheiras, a Tia Albertina contava-nos as suas histórias e cantava-nos as canções da sua juventude.

Artur Mirandela, “A Tia Albertina”, *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, outubro de 1956.

Súplica

Agora que o silêncio é um mar sem ondas,
E que nele posso navegar sem rumo,
 Não respondas
 Às urgentes perguntas
 Que te fiz.
 Deixa-me ser feliz
 Assim,
Já tão longe de ti como de mim.

Perde-se a vida a desejá-la tanto.
Só soubemos sofrer, enquanto
 O nosso amor
 Dorou.
 Mas o tempo passou,
 Há calma...
Não perturbes a paz que me foi dada.
Ouvir de novo a tua voz seria
Matar a sede com água salgada.

Miguel Torga¹⁹³

Reservámos para a última parte deste trabalho algumas curiosidades de âmbito literário e cultural, embora Artur Mirandela nunca se tivesse afirmado no mercado livreiro e nunca tivesse dado nota de tais pretensões. Contudo, além da vertente política amplamente explanada em jornais da época e noutros documentos aqui exibidos, surgiram publicados alguns contos de carácter singelo.

A propósito, o *DN* de 12 de maio de 1995, descreve Artur Mirandela como escritor nas horas livres e caçador “viciado, [que] emparceirava espingardas com Miguel Torga, a quem deu o *Nero*, esse cão imortalizado em *Os Bichos*”. Na verdade, o cão dava pelo nome de Polo (mais tarde seria substituído pelo Dique) e era o companheiro fiel das caçadas, das reuniões com os amigos, o elemento sempre presente em casa ou na rua, independentemente das circunstâncias, até as mais adversas.

Ao lermos os contos publicados, por exemplo, em *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, Polo quase que assume contornos de personagem. Um dos contos em que o seu papel é destacado é em “O Negro de Milhão”¹⁹⁴, do qual retiramos um pequeno excerto

[...] Pessoas abastadas há que chamam a si aquilo que não lhes pertence; e, mendigos existem a quem não se agarram as limalhas do ouro alheio.

Tenho conhecido pela vida fora estes dois tipos de indivíduos; e, embora haja muitas pessoas que se descobrem à passagem do primeiro, outras há que apenas respeitam e consideram o segundo.

Não vai longe o dia em que quando eu e um bom amigo passeávamos numa rua citadina, observamos que um mendigo, a quem faltavam ambas as pernas, movimentando-se de rastos e a muito custo, chamava uma pobre e andrajosa velhinha para lhe dar da sua esmola! Quanto não vale mais para o género humano esta lição, do que a grandeza eloquente dum discurso ainda que proferido pelo mais eminente filósofo?

Este ato de tão pura abnegação, trouxe-me à mente a generosidade de

194 Mirandela, Artur (1960). O Negro de Milhão. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (26), 6-16.

um outro mendigo que encontrei em plena serra: quando me dedicava ao desporto da caça, lá para Trás-os-Montes, distante de povoados e vinhedos, onde já os sinos dos campanários não se ouvem nem se adivinham, afogados em urgueiras e debaixo dum sol abrasador, - perdi-me dos companheiros e do paquete que transportava a merenda.

Já cansado e cheio de fome, consegui alcançar o caminho da Breia pelo qual segui na esperança de encontrar algum carvoeiro, ou pastor, a quem pudesse pedir um naco de pão.

Tudo quanto me cercava era um mundo sem gente!

Cerros e mais cerros desmedidos e quedos!

O Polo, meu único companheiro e fiel amigo, parecia, naquele sara-cotear da cauda e no seu doce olhar, compreender o meu desespero.

Tentei, com palavras e umas palmadinhas na cabeça, convencê-lo de que nada havia a preocupar-me. Mas o instinto dizia-lhe o contrário: mirava-me com uma certa inquietação, entristecendo pouco a pouco!

Sempre que possível, procurava com os seus olhos encontrar os meus - para melhor compreender e poder, como sempre, partilhar do meu sofrimento.

Como a natureza foi pródiga dando a estes companheiros e amigos o sentimento da afetividade, para vergonha de tantos e tantos homens!

Já eram as dezassete horas e a fraqueza sacara-me todas as forças!

Ao alupar o primeiro carvoeiro, senti tão profundo alívio como se nele enxergasse a minha salvação! Quedei-me aguardando a sua chegada, uma vez que caminhava na minha direção. Quando já perto de mim, saudei-o:

- Ora venha com Deus, santinho! [...]

- Oiça lá: Não traz consigo um naco de pão?

- E vê-lo? Trouxe pela manhã um cibo que logo comi ao chegar à serra, e assim estou! Mas venha daí que lá em casa ainda tenho meia fogaça.

- Obrigado.
- Porquê? Quer vir?
- Não. Doutra vez.
- Então, adeusinho!
- Deus o acompanhe.

O Polo compreendeu a oferta, e desafiava-me a seguimos o pobre carvoeiro.

Sempre que o afagava e lhe lançava a mão à coleira, esforçava-se puxando por mim como tendo a certeza de que sem o seu auxílio não completaria a caminhada.

Ainda hoje não sei porque Deus deu alma a certos indivíduos que nunca souberam identificar-se com o Polo, para assim poderem ser úteis a si e aos outros! Pois até no seu olhar há um vislumbre de humanidade que não se encontra em todos os indivíduos! [...]

A muito custo lá consegui andar mais uns passos. Forças, quê delas?

Mas Deus, sempre que quer, acode às maiores necessidades.

Um tendeiro ambulante, mulher e um filho, aproximam-se de mim.

- Ora boa tarde, ou boa noite – ele a coisa já é difícil saber-se!
- Vivam lá!
- O senhor está enfermo?
- Tenho uma grande fome que chega bem para uma dúzia!
- Ó diabo! Só levo aqui um naco de pão e um pedacito de bacalhau cru. Já estão bastante duros, mas é o que há. [...]
- Então ainda não comeu hoje?
- Absolutamente nada. [...]

O naco de centeio estava duro, e o bacalhau talvez mais. O Polo, logo

que alupou na mão aquela tão desejada ração, já nem parecia o mesmo! Procurámos uma fonte ali perto, daquelas que a água parece dizer-nos: Bebei-me! Coloquei de molho ambos os nacos. Passados alguns minutos, já estávamos atirados à refeição que foi a melhor de toda a minha vida!

Quando já nos sentíamos aptos a efetuar o resto do percurso, cinco quilómetros até à povoação de Sacoias, sinto que se abeira de nós o rapazito que transportava a merenda.

- Então?

- Corremos tudo à sua procura! Trago aqui a sua merenda.

- E eu e o Polo a morrermos de fome todo o dia! [...]

Os contos escritos por Artur Mirandela espelham principalmente as pessoas com quem, de alguma forma, se cruzou ao longo da vida. Para além dos textos publicados pelo *Boletim do Grupo Amigos de Bragança* entre 1950 e 1960, há a considerar os contos publicados sob a denominação – *Trás-os-Montes, Pessoas e Bichos* (1963), *Confissão* (1961), *Anjos e Demónios* (1964). Falamos de publicações singelas, nas quais estão também incluídos contos cujas personagens, tempos, espaços e temáticas vão ao encontro das dificuldades experienciadas pela população de Trás-os-Montes, em tempos de guerra, de escassez de alimentos, de condições dignas de habitabilidade, também na região de Bragança. Apesar de nos situarmos no plano da narrativa, há uma grande dose de verosimilhança se pensarmos na forma como Artur Mirandela vivia e convivia em sociedade e como as pessoas lhe eram úteis para chegar a outras pessoas, numa tentativa de resolver problemas de diversa ordem.

A obra *Trás-os-Montes, Pessoas e Bichos* surge mencionada numa notícia do *Jornal de Notícias* de 17 de outubro de 1963¹⁹⁵,

Nado e criado lá nas serras, sou, nem mais nem menos, um naco de cerro com vida, coração e alma» - assim se apresenta Artur Mirandela, autor dum volume de crónicas raianas arrancadas à sua rica experiên-

195 TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 223.

cia de homem de larga e vária sociabilidade.

«Trás-os-Montes: pessoas e bichos» - obra para que Ramos de Almeida escreveu o seu único prefácio - é como o saudoso escritor aí afirma, um «livro simples e despretensioso, mais documento humano do que literário» - e que, a nosso ver, é apenas uma pálida amostra da larga galeria de casos, aventuras, dores e desesperos, que Artur Mirandela conserva na sua rica memória, património duma vida intensa decorrida pela maior parte em terras bragançanas e sanabresas, durante tempos descuidados ou revoltos.

Gostaríamos que este livro - onde nos revela algumas abnegadas e corajosas de serranos e serranas - fosse como experimentar da pena para obra mais pessoal ainda, em que nos testemunhasse o que foi a sua época na sua terra natal e como reagiu àquela população que reúne ao seu pronunciado subdesenvolvimento, formas e noções notavelmente humanas de convívio e justiça. Os dramas das serras nordestinas - de carvoeiras, lavradores, pastores e contrabandistas - poucos os poderão testemunhar com tanta soma de pormenores verídicos, fora de qualquer artifício literário, como Artur Mirandela, que os presenciou de perto, ou neles participou um pouco, assim como a outros, esses mais pungentes ainda, de que é uma das raras testemunhas bem informadas.

Homem caracterizado por um misto muito seu de larga sociabilidade com incómoda irreverência de casos e homens possibilitada ainda pelas contradições do cenário e do tempo em que decorrem. É o que, em amostra, mas apenas em amostra, verificamos nestas crónicas, que, repetimos com Ramos de Almeida, são muito mais um documento humano que literário, e valem sobretudo, acrescentamos nós, como treino para a obra de testemunho do seu tempo que esperamos de Artur Mirandela.

Na verdade, a natureza e as suas personagens mantinham o autor desperto para o que mais ansiava,

Parece-me que alupo as serras a acenarem-me e as suas fontes de água tão gelada e cristalina, a convidarem-me a refrescar a alma! Se ainda o não fiz, é porque a saúde não me tem ajudado. Mas logo que sinta forças, abalarei imediatamente. Está-me a fazer falta gozar a paz dos campos e a quietude dos seus desmedidos cerros. Quero ali passar uns dias isolado do mundo e dos homens. Depois, se arribar, darei início aos meus trabalhos para um outro livro sobre usos e costumes das gentes da serra¹⁹⁶.

Em *Bibliografia do Distrito de Bragança*, Fernandes (2012)¹⁹⁷ fornece-nos uma visão detalhada da bibliografia ativa e passiva relativa a Artur Mirandela. Sabemos que, para além de ter colaborado com diversos jornais, nomeadamente, “Diário de Coimbra”, “Gazeta do Sul”, “Independente de Águeda”, “Povo de Aveiro”, “O Primeiro de Janeiro”, “República” (p. 392), etc., é possível, dentro da chamada bibliografia ativa, aceder a outras publicações que espelham, na sua maioria, modos de vida das gentes transmontanas e a sua envolvimento com a natureza agreste.

Trás-os-Montes, Pessoas e Bichos é uma obra composta por um conjunto de contos que contém, além “A tia Albertina”, “O Caçador”, “O Veloso”, “Dois Contrabandistas”, “A Ludovina da Petisqueira”, “Carvoeiros”, “O Negro de Milhão”, “O Pólo”, “Gente da Raia”, entre outros. É de referir que, segundo Fernandes (2012), “alguns dos contos acima mencionados já haviam sido publicados na “Gazeta do Sul”, no ano de 1957, sob o título *Contos de Trás-os-Montes*. Também em 1957, o *Boletim Amigos de Bragança*, publicava “Rei dos Pastores” (n.º 14); “Dois Contrabandistas” (n.º 21); “O tio Velhinho” (n.º 23); “O Negro de Milhão” (n.º 26); “Zé Maria” (n.º 28); “A tia Rabichoula e o seu Antoninho” (n.º 30); “Escola humana. Suprema lição” (n. 37)” (p. 392).

Ainda segundo Fernandes (2012), há referências ao trabalho literário de Artur Mirandela, em 1963 (10.17, p. 11), no “JN”, em “Re-

¹⁹⁶ Carta de 10 de julho de 1960. TTombo, PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613. Cf. p. 219.

¹⁹⁷ Fernandes, Hironidino (2012). *Bibliografia do Distrito de Bragança Série Escritores Jornalistas Artistas* (Vol. V). Câmara Municipal de Bragança.

pública” (10.25), em “O Norte Desportivo” (11.14), em “O Cardo” (1989.08.31 e 09.26). E, em 1964, surge “Terras de Bragança. *Anjos e Demónios*” (p. 392).

Na bibliografia passiva, destacam-se, entre outras entradas, as “Actas del III Congreso Internacional [de la Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad (Zamora, Braganza, Puebla de Sanabria y Benavente, Julio de 1994)]; “Los Caminos de Cervantes y Sefarad; Actas del II Congreso Internacional”, 1995; Boletim «Amigos de Bragança», janeiro, 1965 e novembro de 1974; “Mensageiro de Bragança”, 1996.08.02, 1999.06.18 e 2004, 12.10; “A Voz do Nordeste”, 1996, 06.09; Barroso da Fonte, em *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses* (2003), etc. (p. 393).

Em o *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses*, Barroso da Fonte, (2001)¹⁹⁸, informa que “a Câmara Municipal de Bragança, deliberou, em reunião de 12-12-1984, atribuir o nome de Artur Mirandela a um bairro da cidade e foi homenageado, nos fins de 1988, pelo Presidente da República. Em 1963 escreveu um livro: “Trás-os-Montes, pessoas e bichos”, o que levou o jornal “A República” de 25-10-1963, a afirmar: “quem dera a muitos contistas que por aí andam ao lado de alguns livros publicados e todos eles vestidos por gente de certa importância, terem a facilidade que demonstra possuir o autor deste volume” (p. 249).

Apologista da divulgação da cultura, sobretudo da cultura transmontana, nas suas mais diferentes facetas, Artur Mirandela “organizou vários espetáculos teatrais” em Bragança e “em vilas do distrito”. Segundo o testemunho da neta, Marita Mirandela, “as receitas desses espetáculos revertiam a favor da Associação de Socorros Mútuos de Bragança para fazer face às despesas dos associados”. Além da produção, Artur Mirandela participou como ator amador nas peças “José Jorge” (referenciado no livro *José Jorge O santo ou o último condenado à força no distrito de Bragança*, de Calado (2023))¹⁹⁹ e “Santo António” ou a “vida de Santo António” no papel de Frei António. Sobre esta última peça de teatro, Marita Mirandela relatou outra peripécia

198 Barroso da Fonte (2001). *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses* (Vol. II). Editora Cidade Berço.

199 Calado, Fernando (2023). *José Jorge O santo ou o último condenado à força no distrito de Bragança*. CS-Editora.

Numa das ocasiões em que o Avô veio passar uns dias connosco a Bragança, acompanhei-o à aldeia de Milhão, para visitar uns amigos. Numa das paredes da sala, havia uma prateleira onde estava colocada uma pagela e, ao lado, ardia uma lamparina de azeite. A pagela tinha a seguinte inscrição: “Artur Mirandela no papel de Frei António”. O Avô perguntou à senhora da casa de quem se tratava. Ela respondeu-lhe que era o Santo António, santo da sua devoção, a quem rezava todos os dias e a quem pedia muitas graças. “Tudo o que lhe peço me concede”. Então o avô deu-lhe o seguinte conselho: “Continue a rezar ao Santo da sua devoção, mas, quando lhe pedir graças, não se esqueça de enumerar as boas ações que a senhora praticou nesse dia. O santo devolver-lhas-á em dobro”. Nunca me esqueci do alcance desta mensagem.

Não foi possível apurar outros dados relativos ao “Prémio Artur Mirandela”, instituído pelos seus herdeiros e ao dispor dos alunos do Liceu Nacional de Bragança. O primeiro prémio, ou um dos primeiros, foi, contudo, atribuído ao aluno José Lopes da Mota (atualmente Juiz Conselheiro) no dia 10 de junho de 1973, relativo ao ano letivo de 1971-1972 por ter obtido a classificação de dezassete valores, no 7.º ano.

Outro aspeto que não deve passar incólume é a mais alta condecoração recebida de que o *O Cardo, Jornal do Nordeste*, de 5 de agosto de 1996, dá nota ao destacar alguns aspetos da vida e obra de Artur Mirandela. O mesmo jornal não deixa de referir o seu parecer sobre a condecoração atribuída a Artur Mirandela a título póstumo

Conheci muito mal o antifascista Artur Mirandela. Sei que merecia mais reconhecimento e quanto à atribuição da Ordem da Liberdade, embora se lhe fosse dada justiça ficasse bem contente, o caráter de Artur Mirandela dispensa penduricalhos muitas vezes dados aos penetas de todas as espécies. E, quando assim é, as medalhas não passam de penduricalhos. No caso em apreço a medalha era mesmo uma medalha.

Artur Mirandela era presença assídua e um dos homens que

muito terá contribuído para o desenvolvimento da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança. Para melhor percebermos a sua atividade, reportamo-nos à informação divulgada na obra do Pe. José de Castro (1946)²⁰⁰ e ao texto “A Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança, sua grandeza e fatalidade” de Carvalho (1970)²⁰¹.

No último texto mencionado, Carvalho (1970) enquadra a criação da Associação de Bragança tendo em conta o que já no Porto e em Lisboa se havia feito. Posto isto, a Associação de Bragança foi criada em 19 de março de 1870 e dos seus estatutos “rezava não só a solidariedade na doença, fornecendo facultativo e medicamentos, e um subsídio de alimentação, como se propunha também cuidar da preparação intelectual dos seus associados, criando uma biblioteca e uma escola noturna para debelar o analfabetismo dos associados” (p. 21). Inicialmente, a Associação instalou-se em “parte do antigo convento de S. Francisco”, depois numa “casa da rua de S. Francisco” e a seguir construíram “a sua própria sede na parte da Estacada onde hoje está instalado o Patronato de Santo António”, mas rapidamente foi “cedido a troco do antigo teatro e terrenos anexos junto da atual Praça do Mercado, a fim de servir para Escola Normal Primária” (p. 21). Com o passar do tempo e com o “entusiasmo dos «artistas» não se deteve”, e “levantou o grande edifício que é hoje ainda a sua sede, composto de um teatro, de um salão de festas, e casa para o mordomo, além de outras dependências onde depois se instalou a Cooperativa Civil, ingloriamente desaparecida [...]” (p. 22).

Adiante, o autor menciona a última remodelação dos Estatutos, “feita um tanto cavilosamente” e que alteraria “bastante as disposições anteriores, introduzindo novas modalidades, entre elas a de obrigar o associado a pagar parte das receitas de farmácia, bem como de contratar médico privativo, sendo até então quase gratuito o serviço clínico prestado aos associados por médicos de boa vontade (p. 22).” Referem-se, a propósito, os nomes do Dr. António Cagigal, Dr. Francisco Moz, Dr. António da Circuncisão Pires, Dr. Alípio Abreu e Dr. Manuel Pires.

200 Castro, Pe. José de (1946). *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança*. União Gráfica.

201 Carvalho, Eduardo (1970). A Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (13), 21-23.

ARTUR MIRANDELA

Por sua vez, a obra do Pe. José de Castro ao fornecer-nos uma descrição pormenorizada da vida da Associação, permite-nos, por exemplo, perceber em que momento Artur Mirandela inicia a sua participação, tendo em conta que se tratava de uma atividade já enraizada pelo pai, José de Oliveira Neves. Encontramos, pois, o nome de Artur Mirandela pela primeira vez inserido no conjunto dos suplentes pertencentes à direção de 1927; ao conselho fiscal de 1932; ao conselho fiscal (suplentes) de 1936; ao conselho fiscal de 1937; ao conselho fiscal de 1942 e 1943, presidente da direção em 1944 (tendo como presidente da Assembleia Geral José Furtado Montanha); presidente da direção, novamente, em 1946.

Não perdi a razão, nem gracejo...
Acaso, meu senhor, não vedes, como eu vejo,
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadário,
O quer que seja de extra-humano e de lendário?
Maior que nós, simples mortais, este gigante
Foi da glória dum povo o semideus radiante.
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,
Seu torrão dilatou, inóspito montado,
Numa pátria... E que pátria! a mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!
Campos claros de milho moço e trigo loiro,
Hortas a rir, vergéis noivando em frutos d'oiro,
Trilos de rouxinóis, revoadas de andorinhas,
Nos vinhedos pombais, nos montes ermidinhas,
Gados nédios, colinas brancas olorosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,
Selvas fundas, nevados píncaros, outeiros
D'olivais, por nogais frautas de pegureiros,
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,
Eiras de sonho, grutas de génios e de fadas,
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,
E entre a harmonia virgiliana um povo rude,
Um povo montanhês e heróico à beira-mar,
Sob a graça de Deus, a cantar e a lavar!
Pátria feita lavrando e batalhando: Aldeias
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.
Cada vila um castelo. As cidades defesas
Por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas.
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,
Grimpas de catedrais, zimbórios de convento,
Campanários de igreja humilde, erguendo à luz,
Num abraço infinito, os dois braços da cruz!

Guerra Junqueiro²⁰²

202 Carvalho, Amorim de (Org.) (1972). *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Lello & Irmãos Editores, p. 542.

Não é desejável, nem possível, concluir a biografia de alguém como Artur Miranda pela clareza de espírito, pelos ensinamentos que distintamente deixou às gerações que, de uma forma ou de outra, seguiram as suas pegadas, porque são atitudes e ações que atravessam o tempo e constituem um exemplo de grande altruísmo. Alguém que aventura tudo, incluindo a sua segurança e a segurança da sua família, pela Liberdade numa época em que a Liberdade era racionada, é, sem dúvida, alguém maior. Na verdade, passearmo-nos na História de Portugal na primeira metade de século passado, é ler a vida de Artur Miranda, sobretudo desde 1936 até ao último dos seus dias.

Propusémo-nos, ao longo da parte I deste texto, dedicarmo-nos com atenção à esposa e à mãe, à companheira e à conselheira que terá sido Antónia Leal a partir de 1919, ano da sua união matrimonial com Artur Miranda e abordar alguns acontecimentos que moldaram a paisagem política, social e religiosa, após 1900, ano do seu nascimento. Apesar da localização do distrito – a enorme distância que qualquer pessoa ou acontecimento tinha de percorrer – tudo o que dizia, por essa altura, respeito ao país e à sua governação era também vivido em Bragança, talvez com o mesmo empenho e atenção com que era experienciado nos grandes centros geográficos.

Sendo Artur Miranda um homem do seu tempo, com provas dadas na sua intrusão em assuntos claramente preocupantes, sobretudo de carácter social e político, entendemos que não o poderíamos dissociar dos acontecimentos e das pessoas que gravitavam à sua volta, internamente, no seu país, na sua cidade, no país vizinho e no mundo. Eis, pois, a razão pela qual empreendemos breves percursos pela Implantação da República; a chegada do comboio a Bragança; o regresso do Judaísmo à cidade (de onde, afinal, nunca saiu, mas que conheceu momentos de afirmação clara a partir de 1927), os rabinos, as instalações da sinagoga; o Capitão Barros Basto; Furtado Montanha; o grande acontecimento que marcou a chegada da iluminação ao espaço público bragançano; as inúmeras caçadas em que Artur Miranda participou e organizou.

Na segunda parte deste texto, embrenhámo-nos em algumas das várias peripécias que pautaram o envolvimento de Artur Miranda na Guerra Civil de Espanha, da sua família, amigos e conhecidos e que marcaria o seu presente e o seu futuro. Elaborámos um resumo das diferentes rotas que serviram de apoio e ajudaram a salvar vidas durante a II Guerra Mundial, tendo em conta o relato do seu filho mais

velho e o clima de medo e de morte vivido nesse período em Bragança, no país e no mundo, uma vez que a uma guerra civil se seguiu uma guerra mundial, sem sequer um momento para respirar. Mais uma vez, fizemos referência àqueles que, por força das circunstâncias, chegaram à vida e à casa da família Mirandela e também àqueles que contribuíram para aliviar dores físicas e psicológicas de outros, como o Dr. António da Circuncisão Pires.

E em Portugal, quais foram os acontecimentos que verdadeiramente marcaram a vida de Artur Mirandela? A luta pela reconquista da Liberdade do povo português através de uma participação consciente das consequências que, várias vezes o privaram da família e da sua própria liberdade. Foi assim que se aventurou na política portuguesa, sem nunca querer ser um político e sem nunca ter sido verdadeiramente um político, ao lado de Norton de Matos e, mais tarde, ao lado de Humberto Delgado. Qualquer um dos momentos contribuiria para se tornar visado perante a PIDE e ter todos os seus movimentos controlados e observados, tal como os dos seus amigos e familiares. As últimas eleições custar-lhe-iam, além disso, vários meses de cativo.

A terceira parte deste texto teve como finalidade apresentar com mais detalhe algo que era também muito grato a Artur Mirandela – retratar o povo do concelho de Bragança, (com o qual conviveu, tendo em conta o seu passatempo predileto, mas também o auxílio que prestou inúmeras vezes a refugiados), através de uma escrita em conformidade com a natureza, sem pretender aventurar-se pelos caminhos da literatura; o *Prémio Artur Mirandela* ao melhor aluno do Liceu Nacional de Bragança; o seu contributo para a Associação de Socorros Mútuos de Bragança e a atribuição da Ordem da Comenda da Liberdade²⁰³ em 5 de abril de 2004, pelo Presidente da República Dr. Jorge Sampaio.

Colaboraram neste estudo e acompanharam-no dois netos que deixaram os seus testemunhos sobre um Avô que desapareceu há sessenta anos, sem, contudo, ter abandonado as suas memórias, possivelmente, por terem sabido ser um avô indignado, mas nunca apaziguador e nem sequer conformado. É o próprio Artur Mirandela que, em jeito de desabafo, se referiu à indignação que o terá acompanhado durante a vida,

203 Cf. pp. 220-222; 224-226.

Se Platão vivesse hoje, poderia saber quanto lhe custaria alcançar a verdade e dizê-la publicamente, desde que não agradasse ao despotismo de certos senhores [...] ou então, tentasse ele dar guarida a um refugiado político e saberia, também, até onde vai a ferocidade dos homens! No entanto, desde o principio do Mundo se bem dizendo que a hospitalidade é uma espécie de religião que torna sagrado o próprio inimigo para aqueles que o recolherem debaixo do seu teto! Também nos dizem que o direito de asilo é de inspiração Divina!²⁰⁴

Por nos ter sido facultado o acesso a diferentes testemunhos, pareceu-nos interessante mencioná-los, assim como a opinião de quem conviveu com Artur Mirandela, absorvendo e filtrando os bons e os maus momentos. Apresentámos, por isso, ao longo do texto, depoimentos da neta Marita Mirandela e de uma parte dos amigos, cujas cartas nos chegaram,

Aqui [Matosinhos] continuou a sua militância contra a ditadura, mantendo ligação muito próxima com os elementos da oposição do Distrito do Porto. Eram já amigos, pois, de vez em quando, encontravam-se todos presos nas instalações da PIDE, na rua do Heroísmo

Conviveu com os pescadores e protegeu-os. Chegou a acompanhá-los durante toda a noite nas saídas para a pesca. Viam em Artur Mirandela um “salvador”.

Procurou muitas vezes grandes médicos amigos (Professor Álvaro Rodrigues, Dr. Melo Pestana, Dr. Jaime Magalhães, Dr. João Costa, Dr. Ruela e outros) pedindo ajuda para doentes sem possibilidades económicas para pagar os cuidados de saúde necessários.

As suas convicções democráticas e republicanas, e sempre com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa e solidária, fizeram-no participar ativamente na Campanha de Candidatura do General Norton de Matos e fazer parte da Campanha Distrital do General Humberto

204 Mirandela, Artur (1964). *Anjos e Demónios*. Edição do Autor, p. 14.

Delgado, encarregando-se dos serviços de secretaria e tesouraria.

Recebeu do General Humberto Delgado grandes elogios atendendo à extraordinária atividade exercida por ele durante a campanha. Quando o General Humberto Delgado se deslocou ao Porto, durante a campanha, o Avô foi umas das pessoas que discursou da varanda da Sede da Candidatura para um mar de gente que enchia as ruas do Porto. A PIDE, a meio da candidatura, prendeu-o e a prisão manteve-se para além das eleições.

Depois da revolta fracassada em Beja, em 31 de dezembro de 1961, o General Humberto Delgado permaneceu escondido, durante alguns dias, em casa do Avô Artur, mesmo em frente à esquadra da Polícia, em Matosinhos.

O General Humberto Delgado foi o último fugitivo, clandestino, a quem Artur Mirandela abriu as portas de sua casa²⁰⁵.

Para nós, que lemos e consultámos inúmeros documentos e ouvimos outros tantos relatos, Artur Mirandela personificou o “povo montanhês e heróico à beira-mar, / Sob a graça de Deus, a cantar e a lavar! / Pátria feita lavrando e batalhando: Aldeias / Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias”²⁰⁶.

205 Testemunho de Marita Mirandela.

206 Carvalho, Amorim (Org.) (1972). *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Lello & Irmãos Editores, p. 542.

DEPOIMENTO

João Socorro da Costa

Neto de Artur Mirandela

Descendo a França Júnior para norte em direção do mercado, corria eu com umas moedas na mão a comprar um maço de “3 vintes” à tabacaria que outrora existia logo a seguir à esquina com a Conde São Salvador. Ficava com o troco que meu avô sempre me dava e guardava-o no meu mealheiro. Artur Mirandela levantava-se a meio da manhã e vestia sempre a rigor. Fato e gravata, camisa branca, gravata sempre negra e o seu inseparável chapéu. Se eu estava em casa acompanhava-o no seu passeio pela Brito Capelo, no seu café no Internacional e na visita que sempre fazia ao seu amigo Joãozinho chapeleiro do lado de lá da rua e que depois nos acompanhava passeio fora. Por vezes tínhamos a companhia do meu grande amigo Sérgio Bacelar, filho do coronel Bacelar, figura importante na então vila de Matozinhos e grande amigo da família.

Nos seus passeios pela Brito Capelo, parece que estou a ver o meu querido avô. Falava com toda a gente, cumprimentava a maior parte deles sempre com palavras amáveis e tempos a tempos parava no passeio escolhendo a entrada principal da PSP como palco privilegiado nas suas chamadas de atenção políticas. Falava clara e descaradamente das desgraças do quotidiano e apelava a quem passava pela necessidade de mudança. Ninguém o interrompia ou muito menos contestava. Era assim o meu avô. Para mim, jovem, o meu verdadeiro ídolo.

Em casa recebia gente humilde e sentava-os à mesa durante as refeições. Falava sempre devagar e claramente, detestava os sofismas do poder instituído, mas também o cinismo de quem se lhe opunha mas nunca levantava a voz. Por vezes pedia-me para ir com ele ao Porto. Ia ter com os membros mais ativos da oposição e apresentava-me orgulhoso. Miguel Torga, Santos Silva, Cal Brandão, Ruela e outros de quem não me lembra o nome. Outras vezes era eu, na companhia de familiares, que o ia visitar ao Porto, onde estava preso nas instalações e às ordens da PIDE, para interrogatório. Mesmo aí era tratado com respeito e nunca vi ou soube que, porventura tivesse sido alguma vez, maltratado fisicamente.

Recordo-o, claro, com muita saudade. Como um homem sem medo. Um homem de confronto, justo e defensor do bem. Sempre revoltado contra as injustiças, protegendo sempre quem necessitava de ajuda.

Falar de Artur Mirandela é fácil. Como verdadeiramente o conheci, ainda mais. Eu frequentava o Colégio Militar e desde muito novo, desde o antigo 1.º ano dos liceus e por minha escolha, sempre preferi passar as férias grandes em Matosinhos, na rua França Júnior 195, e nas traseiras da PSP. Era a casa dos meus avós onde para além da avó Antónia e do avô Artur, viviam a minhas tias Sofia, Helena e Patá.

Casa cheia de vida, onde me sentia bem e com todo o conforto. Aí comecei a ouvir as histórias que me contavam e também o testemunho direto de Artur Mirandela. Nunca lhe ouvi falar dele mesmo a não ser umas histórias sobre a caça e dumas brincadeiras da sua juventude. Eu que sou por certo dos ainda vivos da família, quem mais conviveu com Artur Mirandela, guardo mais dos outros que o tornaram um exemplo, as histórias fantásticas que tenho para contar. A começar pela maneira como “conquistou” a Dona Antoninha, minha querida e adorada avó. Reza a lenda que com um grupo de amigos cercou Sacoias, pequena aldeia local, montados a cavalo e raptou a sua amada de casa de seus pais que segundo consta, a haviam prometido a outro pretendente. Não sei se a história foi bem assim, mas na lenda é o que consta e eu, prefiro sempre as lendas ainda por cima quando se trata de Artur Mirandela que lá por de traz os montes os percorria por graça, por obrigação, por atenção e devoção sendo um exemplo de proteção aos que fugiam da sanguinária Guerra de Espanha. Por amor à terra recolheu uma pequena loba que sobreviveu a uma batida em

tempos de limpeza, de proteção e de defesa. Recolheu-a em sua casa em Bragança mas teve que a mandar já adulta para o jardim zoológico do Porto pois a loba só a ele obedecia e criava problemas a quem dele ou da casa se aproximavam. Conta a lenda também que uns anos depois e de visita ao Porto foi procurá-la no seu cativeiro. Junto às grades das jaulas dos lobos colocou dentro as suas mãos e gritou “Penhas Juntas”. Consta que uma loba se aproximou e fechando os olhos lhe lambeu as mãos. Consta que chorou de alegria e se calou quando meu avô se retirou. Não mais comeu e morreu poucos dias depois.

Por amor aos seres humanos, recolheu nos montes minha tia Patá, a quem deu o nome de Maria de Lurdes, o mesmo dado a minha mãe e para que a sua presença pudesse de alguma maneira ser justificada. Filha de perseguidos da guerra de Espanha foi recebida, tratada e educada como uma filha com quem sempre convivi na casa de meus avós em Matosinhos e a quem sempre tratei por tia.

A minha querida mãe, a mais velha das filhas, contava-me que meu avô recebia na sua casa de Bragança os refugiados da guerra e nunca lhes perguntava de que lado eram ou representavam. Recebia-os exaustos, feridos ou quase mortos. Chamava os médicos amigos e com a ajuda de amigos e da família tratava-os na sua convalescença. Depois já recompostos mostrava-lhes a porta de casa e a saída partindo confortado para os montes que patrulhava sem cessar e enquanto durava o conflito entre os seus irmãos espanhóis. Não procurava nem escolhia crenças ou diferenças. Para ele eram todos seres humanos. Talvez mesmo por isso ainda hoje o recordam e admiram.

Eu mesmo partilhei o convívio com Humberto Delgado a quem o meu avô sempre apresentou como um grande amigo e que tinha sempre um quarto reservado no 1º andar da casa da França Júnior. Na sala de estar e depois da campanha que apoiou desde o início, não faltavam fotografias de multidões na cidade do Porto e do General Humberto Delgado acenando às mesmas. Foi então que reconheci o grande amigo de meu avô.

Foi rara a convivência com meu avô em Bragança. De lá saí com dois anos quando meu pai foi mobilizado para a Índia portuguesa. Parti na companhia de meus pais e minha irmã e após uma passagem por Moçambique, regressámos a Oeiras, junto a Lisboa onde vim frequentar a 3ª classe. Lembro-me, porém, de o ter acompanhado a uma viagem a Bragança e de ter partilhado uma caçada com meu tio Ma-

nuel e do “fiasco” que foi já que, nem meu avô nem meu tio caçaram o que quer que fosse. Dos montes que subi e desci lembro-me bem. E do cansaço ainda mais. Lembro-me também do primeiro vinho que bebi oferecido por um ancião que meu avô lembrava em seus livros, que vivia nos montes e que dava tudo o que tinha a quem o visitava. Água era coisa que ele não tinha para dar.

Nada me chegou sobre as suas ligações ao judaísmo. Nem o meu avô tinha conversas comigo sobre o assunto. Sabia que ele não cria, como eu, em Jesus Cristo. Mas talvez por isso ele nunca falámos em religião.

São tempos que não vivi e crenças que nunca ninguém me confidenciou.

Ouvi falar muitas vezes em José Montanha e José Ruano. Mais no primeiro do que no segundo. Minha mãe não se cansava de os lembrar e de os apontar como grandes amigos de seu pai. Pouco ou nada sei sobre eles.

Da caça, apenas aquele episódio descrito e em que participei com o meu avô e meu tio Manuel. Passei fome e sede à procura de lebres e perdizes que naquele tempo abundavam pelos montes penso que quase todos os transmontanos são ou eram fanáticos pela caça. E também sei que em Bragança e quando a caçada era um sucesso, entravam pela porta grande orgulhosos das peças abatidas que traziam à cintura. Quando a coisa corria mal entrava-se pela porta secundária. Pode adivinhar a porta por onde entrei. Mas foi um prazer e orgulho único ter participado naquela caçada. A única que lembro com saudade.

Talvez influenciado por Torga que viu nele o amor pela terra e pelas suas gentes para além de uma vida que merecia ser contada, escreveu dois pequenos livros que nunca divulgou. Artur Mirandela era discreto no que acreditava serem os seus próprios valores. Modesto como os verdadeiros heróis, bastava-lhe o exemplo que tinha de si mesmo e do conforto e reconhecimento que via nos olhos de quem ou com quem cumpria a obrigação de cidadão. Escrevia muito como se uma obrigação o obrigasse a tal. Estou mesmo convencido que nunca saberemos o que verdadeiramente escreveu. Nunca tive acesso a qualquer simples esquiço. Como lhe disse um dia, a única coisa que foi dada como lembrança de meu avô foi uma boina velha e com buracos. Guardo-a mesmo ao lado dos meus bonés de piloto da Força

Aérea e da TAP e acredite, a boina é quem mais me chama a atenção. Parece que brilha.

Meu avô, para meu orgulho, será sempre e justamente homenageado. Dizem que só se morre duas vezes. A primeira quando “a mão do além nos ferra a unha” como dizia meu pai. A definitiva quando mais ninguém se lembra de nós. A si querida amiga, devo gratidão imensa porque mantém Artur Mirandela entre os vivos. Por isso estar-lhe-ei sempre e eternamente grato.

Como um cidadão acima da política. Como um homem preocupado com o seu semelhante. Como um exemplo!

A modéstia na sua grandeza foi o que mais me impressionou em Artur Mirandela.

A minha doce e querida Dona Antoninha, nome por quem todos a tratavam era a avó que todos queriam ter. Quando nas nossas traquinices de pequenos nos víamos perseguidos por qualquer das tias mais zelosas nos seus afazeres e cuidados pela casa fora, sabíamos para onde fugir e onde procurar abrigo. Para debaixo das saias da avó onde ninguém nos faria mal. Minha prima Mimi é minha testemunha e está comigo numa das ultimas fotografias que temos com a Dona Antoninha. Uma Santa como lhe chamávamos. Nunca levantava a voz, abraçava-nos sempre com amor, beijava-nos com imenso carinho e diga-me lá querida amiga, que lembrança mais doce poderemos ter de uma avó?

Mais uma pequena história à volta de Artur Mirandela. Meu avô tinha sempre um perdigueiro, um dos primeiros ajudou ao meu esforço nos primeiros passos que dei em Bragança. Dizem que chorou durante dias junto ao meu berço, após a minha partida para a Índia. Já em Matosinhos, outro Polo perdigueiro também, fez as nossas delicias nas brincadeiras de praia que partilhava com os meus companheiros. Já adulto e com a porta aberta saiu para um passeio. Todos os conheciam por essa altura e toda a gente sabia quem era o Polo naquela rua. Calcula-se que por lá tenham passado uns marinheiros, gente mais do que vulgar naqueles lugares e por certo viajantes dos muitos navios que aportam a Leixões. Certo é que o POLO desapareceu. Nunca mais ninguém o viu e meu avô e minha tia Helena choraram o desaparecimento do companheiro. Dois anos passados, a minha tia deu conta de que alguém batia à porta. Abriu. Alguém que assistia ao desespero de um perdigueiro perante uma porta onde roçava as unhas, ajuda-

ra o Polo. E o Polo entrou feliz e contente, casa adentro. Avô Artur e tia Helena não queriam acreditar no que viam. O Polo aparecera dois anos depois para alegria sua e daquela casa. Nas suas orelhas podiam ver-se tatuadas as mensagens de sítios como Copenhaga, Buenos Aires, Lourenço Marques ou Dar-es-Salam e a respetiva data de passagem. De regresso a Leixões o velho perdigueiro deve ter reconhecido o porto e o seu caminho para casa. Deixando tristes os que o tinham adoptado, regressou ao lar e fez esta extraordinária história. Seria o encanto de Artur Mirandela?²⁰⁷

207 Cf. p. 172.

AGRADECIMENTOS

Dizem que o fim, independentemente das circunstâncias, é sempre dramático. Não sei se é assim. No que a este texto respeita, o fim representa um turbilhão de emoções e de dúvidas, uma vez que me aventurei pela primeira vez a escrever sobre a vida de outra pessoa e a conhecê-la através de documentos, depoimentos, pequenas descrições, recordações perdidas nas memórias dos próprios descendentes e descendentes de velhos amigos, há muito esquecidos. Ainda assim, a compilação da informação foi desvendando o cidadão, o antifascista, o pai, Artur Mirandela - muito consciente e participativo na vida da sua comunidade, bem como na vida do seu país e nas questões mais prementes que assolaram a Europa e o mundo a partir dos finais dos anos 30 do século passado.

O empenho de todas as pessoas que contactei foi imensamente valioso. É por isso importante agradecer-lhes oficialmente, porque, sem esse empenho e contributos, este trabalho ter-se-ia revelado muito penoso ou até mesmo impossível, uma vez que uma grande parte dos documentos se encontrava em arquivos particulares, cujo acesso me foi amavelmente facultado.

O meu mais profundo agradecimento dirijo-o, pois, ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Bragança, Dr. Paulo Xavier, bem como à Sra. Vice-presidente, Dr.^a Fernanda Silva, que acolheram este projeto e o acompanharam; ao Gabinete de Apoio e Relações Externas da CMB, nomeadamente ao Dr. David Vaz; à Sr.^a Dr.^a Maria do Céu Matos, muito fiel depositária das recordações relativas ao Avô Artur Mirandela e que acompanhou com detalhe e paciência a teia que fui urdindo em torno da sua vida e obra; ao Sr. Comandante João Soeiro da Costa que se disponibilizou para colaborar de imediato e me facultou os contactos de outros familiares; ao Sr. Dr. José Viale-Moutinho cujos conselhos e bibliografia se revelaram muito importantes; ao Dr. Jorge Alves Ferreira que me propôs um dia escrever um artigo dedicado a Artur Mirandela, um judeu de Bragança; ao Sr. António Manuel

Pousa e à Sra. Professora Doutora Ana Maria Pires (familiares do Sr. Dr. António da Circuncisão Pires); ao Sr. Marcelo Carvalho e esposa; ao Sr. Dr. Jorge da Costa e à equipa do Museu do Abade de Baçal; à Sra. Dra. Ivone Brás e à equipa da Biblioteca Municipal de Bragança; à Sra. Dr.^a Élia Correia e à equipa do Arquivo Distrital de Bragança; à Sr. Dr.^a Fátima Catumba e à equipa da Biblioteca da Escola Superior de Educação de Bragança; à Sra. Dra. Mavilde Xavier; ao Sr. Dr. Neto Jacob; ao Sr. Professor Doutor José Monteiro e à Sra. Professora Doutora Maria do Loreto Monteiro; ao Sr. Doutor Juiz José Lopes da Mota, ao Sr. Professor Doutor João Cabrita; à Sra. Luísa Branco e ao Sr. Domingos Praça; à Família do Sr. Dr. Simão Silva; ao Sr. Professor Doutor Fernando Calado; ao Sr. Henrique Martins, cujo *blog* facultou o primeiro contacto com a família Mirandela; à Sra. Dr.^a Maria Cepe-da e ao marido; à Sra. Dr.^a Ana Maria Gomes e a todos aqueles que não identifiquei, mas que, de alguma forma, disponibilizaram o seu tempo para me ouvirem e/ou para partilharem comigo as suas memórias em torno de Artur Mirandela e do *modus vivendi* brigatino em tempos recuados.

ARTUR MIRANDELA

O Homem e a Obra

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

PIDE, SC, Delegação do Porto, PI 10254, NT 3613.

“Doação Artur Mirandela”, cx 77, doc. 16-2.

AHBP- Arquivo Histórico do Banco de Portugal

Posse e juramento de Artur Mirandela

Agência do Banco de Portugal em Bragança - Banco de Portugal - Archeevo (bportugal.pt)

FONTES IMPRESSAS

BIBLIOGRAFIA

Publicações Periódicas e em série

Boletim do Grupo Amigos de Bragança. 1955-2005.

Boletim Há-Lapid. 1927.

Brigantia – Revista Cultural. 1981-2012. Secretaria da Assembleia Distrital de Bragança.

Diário de Notícias. 1995.

Jornal República. 1964, 1963.

Jornal de Bragança. 1910.

Jornal O Bragançano. 1919.

Jornal *A Voz do Nordeste*. 1996.

Jornal de Notícias. 1963.

Mensageiro de Bragança: quinzenário católico regionalista. 1950, 1959, 1996.

O Cardo, Jornal do Nordeste. 1996.

Revista *Seara Nova*. 1949, 1965.

Artigos de publicações periódicas e em série

Alves, Pe. Francisco Manuel (1956). Abílio Beça. Mestre Venerando. Amigo Inolvidável e grande Benemérito de Bragança. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (n.º especial).

Alves, Pe. Francisco Manuel (1971). Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança – Tomo V- Os Judeus no Distrito de Bragança. *Boletim Amigos de Bragança*, (6), 10-31.

Carvalho, Eduardo (1965). Notas e documentos para a história dos Destinos de Bragança. *Boletim dos Amigos de Bragança*, (2), 13-23.

Carvalho, Eduardo (1970). Um bragançano Ilustre – O Exmo. Senhor José António Furtado Montanha. *Boletim Amigos de Bragança*, (13), 5-7.

Carvalho, Eduardo (1970). A Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança. *Boletim Amigos de Bragança*, (13), 21-23.

Carvalho, Eduardo (1984). Bragança – 1926. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (n.º comemorativo), 32-34.

Fernandes, Hirondino (1986). Bibliografia do Distrito de Bragança – Francisco Manuel Alves. Revista *Brigantia*, (1-2-3), 193-194.

Mirandela, Artur (1956). A Tia Albertina. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (7), 14.

Mirandela, Artur (1960). O Negro de Milhão. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (26), 6-16.

Paulo, Amílcar (1971). Os Marranos em Portugal – Reminiscências Judio-Portuguesas. *Boletim dos Amigos de Bragança*, (4), 7-15.

Paulo, Amílcar (1964). Os judeus em Trás-os-Montes, subsídios para a sua história: Da existência dos judeus no distrito de Bragança. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (12), 7-9.

Rodrigues, Ernesto (1985). O Nordeste no Diário de Miguel Torga. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (7), 35-39.

Patrício, Ângelo Vítor (1990). Comunicação apresentada ao Congresso «Porto na Época Contemporânea». Revista *Brigantia*, X(3), 70.

Pires, Carolina V. (1984). Os Judeus no Distrito de Bragança – Análises e Comentários. Revista *Brigantia*, IV (3), 473-481.

(1957). In Memoriam... Acácio Augusto Mariano. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, (14), 5-6.

Monografias

- Afonso, Ana Maria; Neto Jacob, João Manuel (2010). *A República em Bragança - Da Monarquia Final ao início do Estado Novo, no centenário de 8 de outubro a 31 de dezembro*. Museu do Abade de Baçal.
- Alves, Francisco Manuel (2000). *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança* (Tomo V). Câmara Municipal de Bragança.
- Barroso da Fonte (2001). *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses* (Vol. II). Editora Cidade Berço.
- Calado, Fernando (2015). *O Milagre de Bragança*. Cultiva Livros.
- Calado, Fernando (2023). *José Jorge O santo ou o último condenado à forca no distrito de Bragança*. CS-Editora.
- Canelo, David (1996). *O Resgate dos Marranos Portugueses*. Edição do Autor.
- Carvalho, Amorim (Org.) (1972). *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Lello & Irmãos Editores.
- Castro, Pe. José de (1946). *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança*. União Gráfica.
- Delgado, Iva; Pacheco, Carlos; Faria, Telmo (1998). *Humberto Delgado e as Eleições de 58*. Vega.
- Fernandes, Hirondino (1996). *Bibliografia do Distrito de Bragança Série Documentos, 1871-1950* (Tomo II). Câmara Municipal de Bragança.
- Fernandes, Hirondino (2012). *Bibliografia do Distrito de Bragança Série Escritores Jornalistas Artistas* (Vol. V). Câmara Municipal de Bragança.
- Gonçalves, João (1981). *Retalhos da Vida Transmontana no Passado e no Presente*. Edição de Autor.
- Guerra, João (1997). O Capitão Barros Basto e o Movimento Judaico da Obra do Resgate. In Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad (Ed.). *Actas III Congreso Internacional Rutas de Don Quijote y Caminos de Libertad* (pp. 247-256). Ediciones Monte Casino. ISBN 84-605-6558-0.
- Leite de Vasconcelos (1982). *Etnografia Portuguesa* (Vol. IV). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Livro dos Quintanistas de Medicina, 1929-1930*.
- Machado de Abreu, Luís (2019). *Portugal Anticlerical, uma História do Anticlericalismo*. Gradiva.
- Mea, Elvira (1995). Cristãos Novos no Nordeste Transmontano. In Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad (Ed.). *Actas II Congreso Internacional Rutas de Don Quijote y Caminos de Libertad* (pp. 165-182). Ediciones Monte Casino. ISBN 84-605-4488-5.
- Mea, Elvira (1997). O Judaísmo no século XX – A Fénix Renascida em Trás-os-Montes. In *Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda, Congresso Histórico, 1545-1995, 450 anos da Fundação, Actas* (pp. 713-735). Gráfica de Coimbra.

ARTUR MIRANDELA

- Mea, Elvira (Coord.) (2018). *Amílcar Paulo, O Delfim do Capitão Barros Basto: Coletânea da sua Obra*. Comunidade Israelita do Porto. Comunidade Judaica do Porto.
- Mea, Elvira (2020). *O Porto Judaico: Encruzilhadas de Vidas nos Caminhos da História*. Evoluta Edições.
- Mirandela, Artur (1961). *Confissão*. Edição de Autor.
- Mirandela, Artur (1963). *Trás-os-Montes, Pessoas e Bichos*. Edição de Autor.
- Mirandela, Artur (1964). *Anjos e Demónios*. Edição de Autor.
- Mirandela, Manuel (1995). Artur Mirandela, Hombre de Libertad. In Asociación Caminos de Cervantes y Sefarad (Ed.). *Actas II Congreso Internacional Rutas de Don Quijote y Caminos de Libertad* (pp. 205-217). Ediciones Monte Casino. ISBN 84-605-4488-5.
- Oliveira Marques, A. H. (1995). *Breve História de Portugal*. Editorial Presença.
- Pignatelli, Marina (2019). *Cadernos de Orações Cripto-Judaicas e Notas Etnográficas dos Judeus e Cristãos-Novos de Bragança*. Etnográfica Press.
- Sousa, Fernando (Coord.) (2013). *Bragança na Época Contemporânea (1820-2012)* (Vol. I e II). Câmara Municipal de Bragança.
- Stuczynski, Claude (2017). Bragança: “Metrópole do Criptojudaísmo”. In Reis, M.^a de Fátima; Mendes Pinto, Paulo (Coord.), *Identidade e Memória Sefardita: História e Atualidade*. Congresso Terra(s) de Sefarad/Encontros de Culturas Judaico-Sefardita (pp. 119-127). Câmara Municipal de Bragança. ISBN 978-989-96552-6-3.
- Teixeira Mendes, Alexandre (2007). *Barros Basto, a Miragem Marrana*. Ladina, Associação de Cultura Sefardita.
- Torga, Miguel (1976). *Pedras Lavradas* (3.^a Edição). Edição de Autor.
- Viale Moutinho, J. (2013). *Primeira Linha de Fogo: Da Guerra Civil de Espanha aos Campos de Extermínio Nazis*. Bertrand Editora.

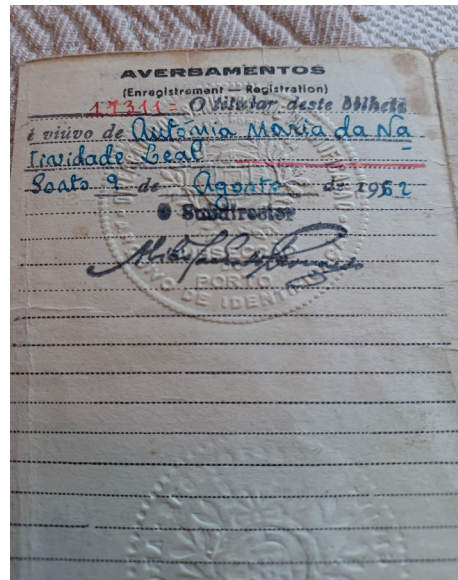
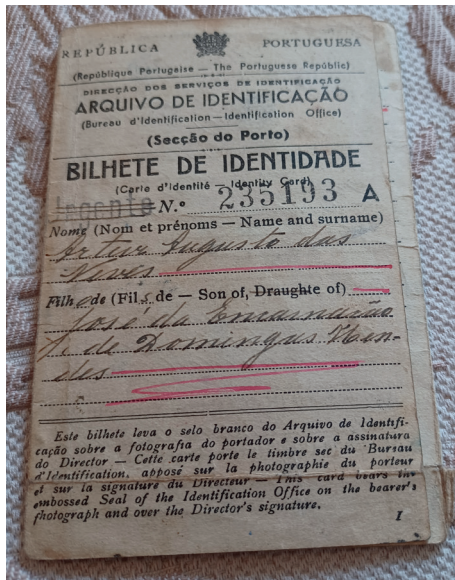
MEDIA AUDIOVISUAL

- Série “O Lugar da História”, Barros Basto: o Capitão Mal-Amado – Parte I – RTP Arquivos. 7-10-1996.
- Série “Juízo Final”, Guerra Civil de Espanha – A Fronteira: Memórias”, Arquivos RTP. 19-11-1999.
- Série “O País em Memória”, Portugal e a Guerra de Espanha, Arquivos RTP, 24-07-2006.
- Súplica - Portal da Literatura - <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1578>.
- Representação digital - Carta de Artur Mirandela ao General Norton de Matos - Arquivo Municipal de Ponte de Lima - Archevo (cm-pontedelima.pt).
- (1949), S/ Título, Fundação Mário Soares / AMS - Arquivo Mário Soares, Disponível em: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=02548.001.012> (2023-6-2). Carta ao General Norton de Matos.

ELEMENTOS FOTOGRÁFICOS

O conjunto de fotografias que se elenca a seguir é uma amostra de alguns momentos da vida de Artur Mirandela enquanto: esposo, cidadão empenhado em causas de carácter político e cívico, funcionário do Banco de Portugal em Bragança e detentor de um vasto grupo de amigos.

ARTUR MIRANDELA



Bilhete de Identidade de Artur Mirandela

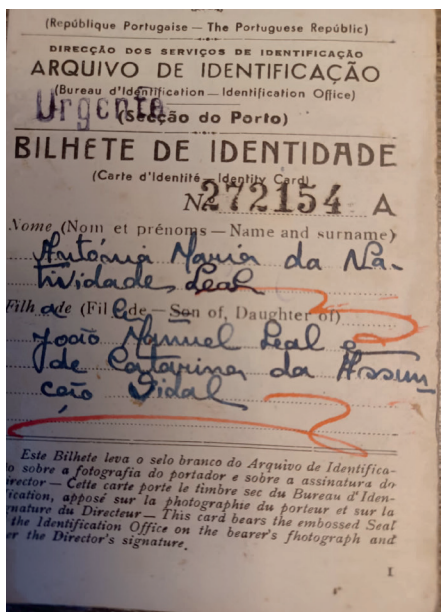


Artur Mirandela - Caçador

ARTUR MIRANDELA



Artur Mirandela com a esposa



Bilhete de Identidade da D. Antoninha



Traseiras da Casa de Sacoias


CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE VALPAÇOS
CERTIDÃO DE NARRATIVA DE REGISTO DE NASCIMENTO

Certifico que no livro de assentos de nascimento arquivado nesta Conservatória, referente ao ano de 1900, existe um registo n.º29, da freguesia de Valpaços do qual consta:

Nome completo do registado: ARTUR ***

Sexo: masculino ***

Data de nascimento: dia 25 do mês de Fevereiro do ano de 1900 ***

Naturalidade: freguesia e concelho de Valpaços ***

Pai: José da Encarnação, natural de Vilarinho dos Galegos ***

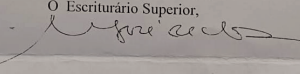
Mãe: Domingas Mendes, natural de Alcaniças, Espanha *** *Freguesia do Poio*

Avós paternos: João das Neves e Maria de Oliveira *** *Matos*

Avós maternos: *** *Henrieta Mendes*

Averbamentos: n.º 1 - Casou com António Maria da Natividade Leal, na Conservatória do Registo Civil de Bragança, em 11 de Janeiro de 1919.***
n.º 2 - O casamento averbado sob o n.º 1, foi dissolvido por óbito do marido, em 28 de Setembro de 1959.***
n.º 3 - Faleceu em 6 de Dezembro de 1964, em Matosinhos. *** *(?)*

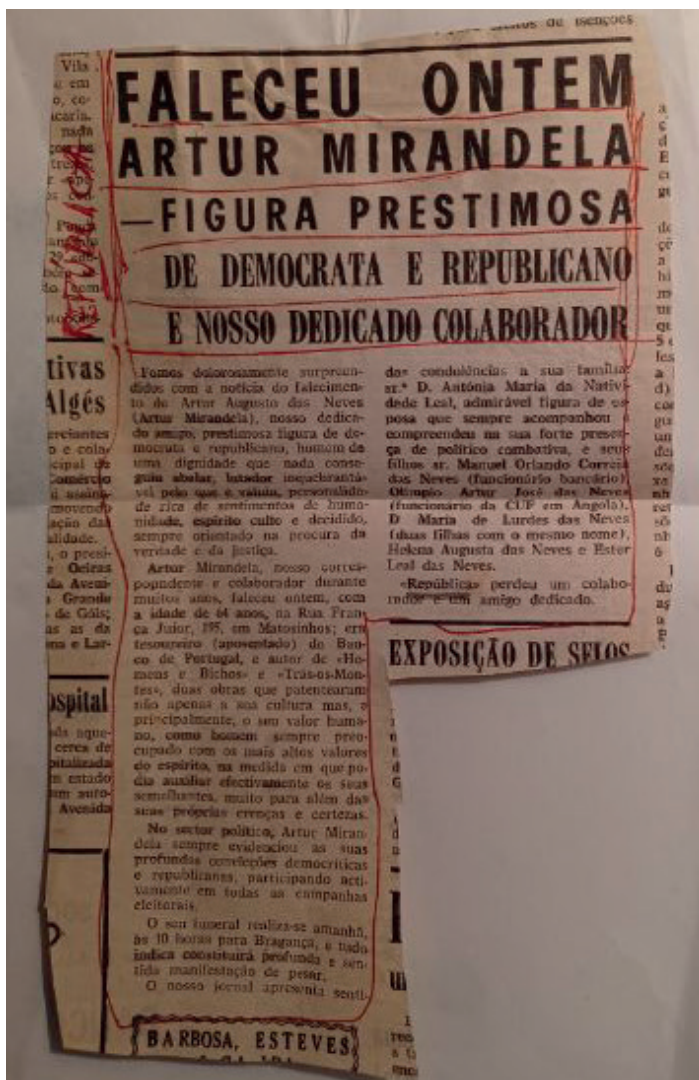
Conservatória do Registo Civil de Valpaços, 21 de Outubro de 1998***

O Escriutário Superior,


CONTA:
Emolumentos: 500\$00
São: quinhentos escudos ***

Anotado no Diário sob o n.º 9704


Certidão de Narrativa de Registo de Nascimento



Notícia do falecimento de Artur Mirandela

10

A's.S.I.I-f
8.6.13
CO



O Agente nº 152/170,

Israel Achard Louis Ferry

170

Posse e juramento a Arthur Augusto das Neves
na qualidade de servente prisioniro

Aos tres dias do mez de Fevereiro de mil nove centos vinte tres
na Agencia do Banco de Portugal em Bragaça com-
pareceu pessoalmente Arthur Augusto das Neves, que
prestou nas mãos dos agentes Antonio Augusto Tires e Jose
Antonio Furtado Montanha o respectivo juramento de
zelar os interesses do Banco, de cumprir todas as disposições
organicas ou regulamentares e tudo o mais recomendado
no artigo vinte e nove do Regulamento das Agencias, apro-
vado por Decreto de 24 de maio de 1897, na qualidade de
servente desta Agencia, cargo para o qual foi nomeado
pelo Ex.^{mo} Conselho de Administração, em sessão de 30 do
corrente mes e ano alias de 30 de Janeiro ultimo, e communicado
a sua nomeação em carta de 1 do corrente mes, pelo que en-
tra logo em exercicio de seu cargo. Para constar e efeitos
duvidos se lavrou o presente, que vai assinado pelos agentes, no
meado e por mim. Camillo Tufano de Moraes, Tercio, so-
tampreposto, que a subscrypção e assigna.

João Antonio Furtado Montanha Arthur Augusto Neves

Passou a ser
servente efectivo.
Carta de 9 de
Novembro de
1923

Tomada de Posse de Artur Augusto das Neves

ARTUR MIRANDELA



Última foto de Artur Miranda

0252
Extrato duma informação secreta nº. 94, de 3/8/1962, enviada a esta Delegação com o officio confidencial nº. 730-C.I.(1)-Secção Central, de 24/9/1962, cuja fotocópia se encontra arquivada no Proc. Ind. nº. 1.120:



FOTOCÓPIA

"

" Quanto ao Artur Mirandela que foi o tesoureiro dos serviços da candidatura do Delgado, ao Oliveira Valença, que tinha a seu cargo a impressão da propaganda política subversiva dos mesmos, e com quem tive ocasião de conversar no seu escritório, continuam sendo adeptos e admiradores do Delgado, cuja coragem e dinamismo muito elogiam, concedendo a sua calorosa aprovação ao "programa político da Segunda República". Quanto a estes dois, constatei que continuam sendo íntimos amigos e colaboradores do Artur de Andrade, tendo o último repudiado indignadamente as suspeitas ou acusações que pesam sobre este, e considera infundamentadas e caluniosas, e que todos aqueles que nelas acreditam fazem o jogo da P.I.D.E., que é fomentar a desconfiança e a divisão entre os democratas. O Artur de Andrade é um leal tamarada e continua credor da nossa confiança e amizade. Continua a trabalhar dedicadamente pela vitória de democracia e pelo derrubamento do Regime de Salazar, embora com as precauções e cuidados que a sua situação de incriminado e afeiçoado lhe empõem, pois qualquer passo em falso pode custar-lhe novamente a liberdade. Como V.sabe a P.I.D.E. não dorme ...

Tive ainda oportunidade de falar com o Dr. Olívio França e o Dr. Arnaldo Mesquita que me foram apresentados pelo Veiga Pires com quem estão em íntimas relações, tendo ambos manifestado o seu apoio ao "programa da Segunda República", manifestando o seu pesar pela triste situação financeira em que se encontra o Delgado e censurando asperamente, o governo brasileiro por não lhe ter obtido uma situação desafiada, compatível com a sua categoria de antigo general e chefe da oposição no exílio. Segundo me afirmaram, se a sua situação precária se mantiver e se confirmar, pensa-se em abrir uma subscrição no Norte a fim de se obter alguns fundos para lhe serem enviados...

3 de agosto de 1962

ARTUR MIRANDELA

Excelentíssimo Senhor



Cumpre-me informar V.Exa.de que no dia 7^(a) do corrente, pelas 22H45, presenciei que o advogado MARIO CAL BRANDÃO, acompanhado doutro indivíduo e três senhoras, os quais não reconheci, entraram para a residência de ARTUR MIRANDELA,^(b) sita na Rua França Júnior, nº 195-Matosinhos, onde se demoraram cerca de quinze minutos. Quando saíram, as mesmas pessoas, despediram-se à porta da filha do MIRANDELA, e dirigiram-se para junto da porta principal do mercado daquela vila, lado sul, tomaram o automóvel Nº EA-30-33, marca Anglia, vermelho, seguindo pela Rua de Brito Capelo, em direcção ao Porto.

(a)

Delegação do Porto de Fieiros
Funt. 1128
1969
3508
4240-24-78-6-9
N.º 4526
Gr. N.º 7/38-47/46-45/46-A
N.º 94/57-77/58
/1964

Leixões, 9 de Julho de 1964

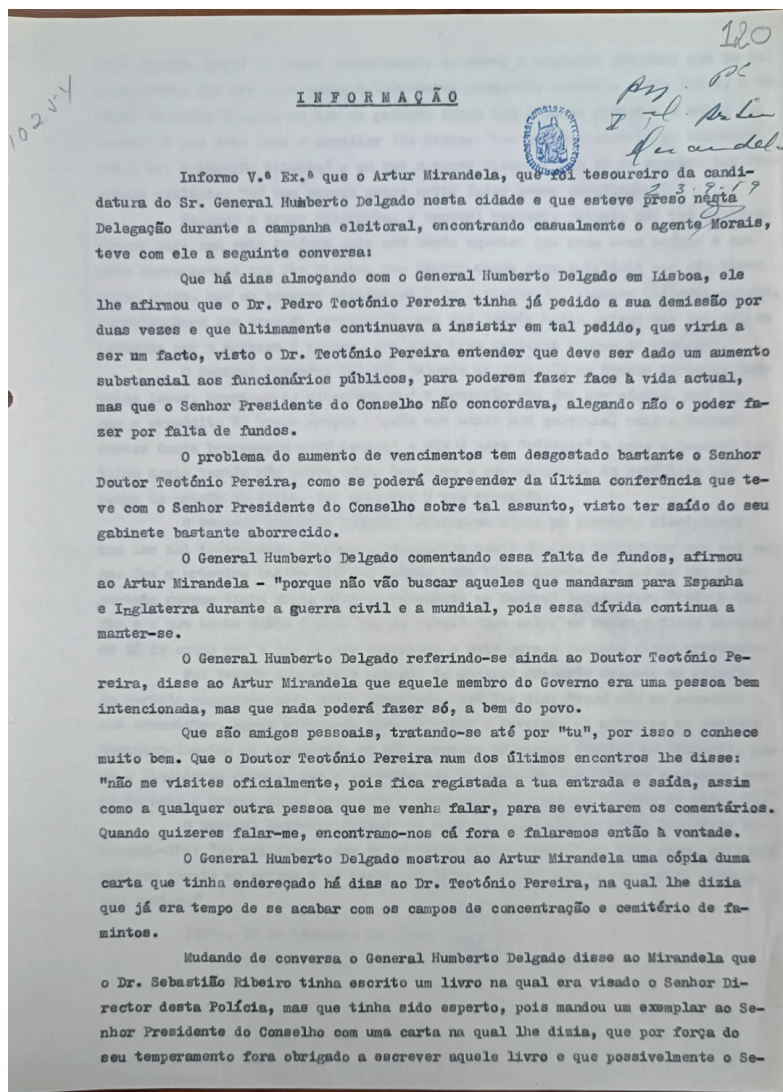
O agente,

João Pereira Costa

(b)

P. I. D. E. Delegação do Porto de Fieiros
Serviço de Fieiros

Relatório da PIDE, 9 de julho de 1964



*Artur Mirandela com um agente da PIDE,
12 de dezembro de 1958 (parte I)*

ARTUR MIRANDELA

nhor Capitão Graça ao tomar conhecimento do mesmo o mandaria prender, mas se tal acontecesse uma vez restituído à liberdade, novamente escrevia outro livro. O General Humberto Delgado em tom de galhofa disse que o nosso Director é amigo dum coronel e que este para o arreliar lhe dizia: "vou proporcionar-te um encontro com o Dr. Sebastião Ribeiro" - ao que o nosso Director com ar de zangado lhe respondia exaltado: "eu nem sequer quero ouvir falar nesse cavalheiro."

Segundo o Artur Mirandela, o General Humberto Delgado não tem qualquer rancor para com esta Polícia pois até havia agentes que eram seus amigos e com quem conversava e que lhe diziam, que tinham vindo para a Polícia por não terem outra coisa. Que os agentes encarregados de o vigiar lhe seguiam todos os passos, espreitando-o com ares de provocação, mas que também havia outros que lhe pediam desculpa por o andarem a vigiar, mas como eram mandados tinham de obedecer.

O General Humberto Delgado falando na promoção do Senhor Marechal Craveiro Lopes, acentuou ao Mirandela que a promoção não foi por mérito, mas sim com o propósito de haver sempre alguém que mande nos generais, pois o Coronel Santos Costa brevemente será General e não é para "côcegas" e como o General Botelho Moniz também não gosta dele, bem como o ex-Presidente da República por causa da prisão do filho, foi decidida a sua promoção.

O General Humberto Delgado referiu-se ainda ao processo disciplinar que lhe foi instaurado, dizendo ao Mirandela que o General inquiridor era seu amigo. Que a primeira vez em que foi ouvido nada ficou escrito, e que ao ser perguntado porque tinha feito aquilo, respondeu ao General inquiridor: "tudo o que fiz e o que tenho feito é para bem do povo." Que ambos se riram e ficou assente de lá ir outra vez a fim de ser levantado o auto para o assunto ficar arquivado.

Foi também abordada a posição do General Humberto Delgado em relação ao partido comunista pelo Artur Mirandela, que lhe diz: "você não se acredite nos comunistas. Agora apoiam-no para derrubar o Governo, se morresse em combate levantar-lhe-iam um monumento, se não morresse pregariam consigo no tribunal, para o liquidarem depois, com o pretexto das hipotéticas atrocidades cometidas por si durante a Guerra Civil espanhola e pelo tempo que esteve ao lado da Situação.

O General Humberto Delgado em face da afirmação do Artur Mirandela retorquiu-lhe: "em sei disso, mas eu só tenho que me sacrificar pelo povo, pois ele mostrou quanto me estima e eu tenho que fazer por ele tudo o que puder, custe o que custar."

Porto, 12 de Dezembro de 1958.



12 de dezembro de 1958 (parte II)

A sessão de propaganda do Candidato Independente

realizada ontem à noite, em Ramalde

constituiu uma vibrante afirmação de confiança no futuro

PORTO, 21 — (Pelo telefone). — No Central-Cine realizou-se ontem, à noite, uma sessão de propaganda eleitoral do Candidato Independente sr. general Humberto Delgado, organizada pela Comissão de Freguesia de Ramalde. A sala encontrava-se repleta, tendo a sessão decorrido em ambiente de grande entusiasmo.

Presidiu o sr. coronel Helder Ribeiro, ladeado pelos srs. engs. Artur Castilho e Virgílio Bramão. Em lugares de honra sentaram-se algumas outras figuras destacadas da Oposição portuense.

O sr. Júlio Nogueira, daquela Comissão de Freguesia, depois de afirmar que não havia decoreação por não ter sido possível fazê-la, disse que nem por isso seria afectado o sentir do público. Nós, os democratas — afirmou — não precisamos de bandeiras, porque está na nossa alma o grande amor à Pátria e à República.

Seguiu-se o sr. coronel Helder Ribeiro, que saudou a gente de Ramalde e lembrou as figuras do almirante Cândido dos Reis, de Carvalho Araújo e de Aivaró de Castro.

Usou depois da palavra o sr. Artur Mirandela, que começou por saudar o auditório e fez elogiosas

referências à figura do sr. general Humberto Delgado. Salientou algumas injustiças que, em sua opinião, se têm cometido, e, depois de afirmar que o Povo Português não pode continuar à mercê dos interesses de um só partido, disse:

— O sr. general Humberto Delgado, pela sua elevação moral, pela sua envergadura intelectual, conseguiu ser o português ilustre que, dotado de excelsas virtudes, personifica a ânsia de Liberdade e de Justiça que sentimos e é o penhor da honestidade que todos desejamos. Basta observar o Movimento Democrático Independente que se está desenhando por todos os recantos do País.

Falou, depois, o sr. dr. João Correia Guimarães, que dirigiu as suas saudações aos democratas que afirmam a sua fé e o seu patriotismo em actos de coragem cívica, e às senhoras que tomaram parte naquela sessão e que ali levaram, com a sua presença, alentos e estímulos, na perfeita compreensão do momento que passa e do importante papel que lhes será reservado na vida política e social da nossa terra e do nosso tempo. Salientou, mais adiante, o significado da candidatura do sr. general Humberto Delgado, que

se traduz numa forte corrente de ideias e de propósitos e a todos irmana no mesmo anseio de regresso a um regime democrático de garantias e de liberdades públicas. Em seguida, fez várias considerações sobre a situação em que se debate a população rural e, por fim, referiu-se ao sentido moral e humano da verdadeira política, que deve ser contra tudo que não tenha por fim servir a Nação, sob a égide da verdade e da justiça.

Usou da palavra, em seguida, o sr. dr. Azeredo Antas, que saudou a gente pacífica e trabalhadora de Ramalde, lamentando o clima político que se está criando. Lembrou a memória do general Norton de Matos, que foi para o túmulo torturado e martirizado, e concluiu por dizer que a Pátria necessita de todos para glória eterna de Portugal.

Por último falou o sr. eng. Artur Castilho, que lembrou o que foi a recepção ao sr. general Humberto Delgado nesta cidade e terminou por evocar os precursores da República.

A sessão terminou pouco depois, entre vivas à Pátria e à República, tendo, no final, todos os presentes entoado em cântico o Hino Nacional.

Recorte do jornal "República", de 21 de maio de 1958

Recorte do Jornal "O COMERCIO DO PORTO", de 25 de Maio de 1958



A COMISSÃO ELEITORAL FEMININA DO PORTO

PROMOVEU, ONTEM,
NESTA CIDADE,

UMA SESSÃO DE PROPAGANDA
DA CANDIDATURA DO
SR. DR. ARLINDO VICENTE

Promovida pela comissão eleitoral feminina do Porto, realizou-se, ontem, à noite, no Central-Club, uma sessão de propaganda eleitoral a favor da candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente. A sala estava lindamente decorada com escudos e bandeiras nacionais, distícos com legendas de fé republicana e, no palco, sobressaía um grande retrato do candidato da Oposição Democrática à Presidência da República.

Assumiu a presidência da mesa a sr.^{ta} D. Emília Ferreira dos Santos Silva Verdial.

Ladeavam-na as sr.^{tas} D. Lúcia da Fonseca, de Lisboa, e D. Manuela Marques, de Coimbra; e o sr. ~~Artur Miranda~~ da comissão distrital do Porto da candidatura do sr. general Humberto Delgado.

Usaram da palavra as sr.^{tas} D. Emília Ferreira dos Santos Silva Verdial e D. Lúcia da Fonseca, o sr. Artur Miranda, as sr.^{tas} D. Maria Gerostana, do Barreiro, D. Maria Isabel Marinho, D. Maria Teresa Ruela, D. Sofia Veiga Leitão e, por fim, o sr. dr. Armando Buecelar.

Todos os oradores expuseram os mais instantes problemas relacionados com a situação actual da mulher portuguesa, fizeram o elogio das qualidades morais do sr. dr. Arlindo Vicente e manifestaram a sua grande fé nos princípios democráticos, sendo, várias vezes, interrompidos pelos prolongados aplausos da assistência.

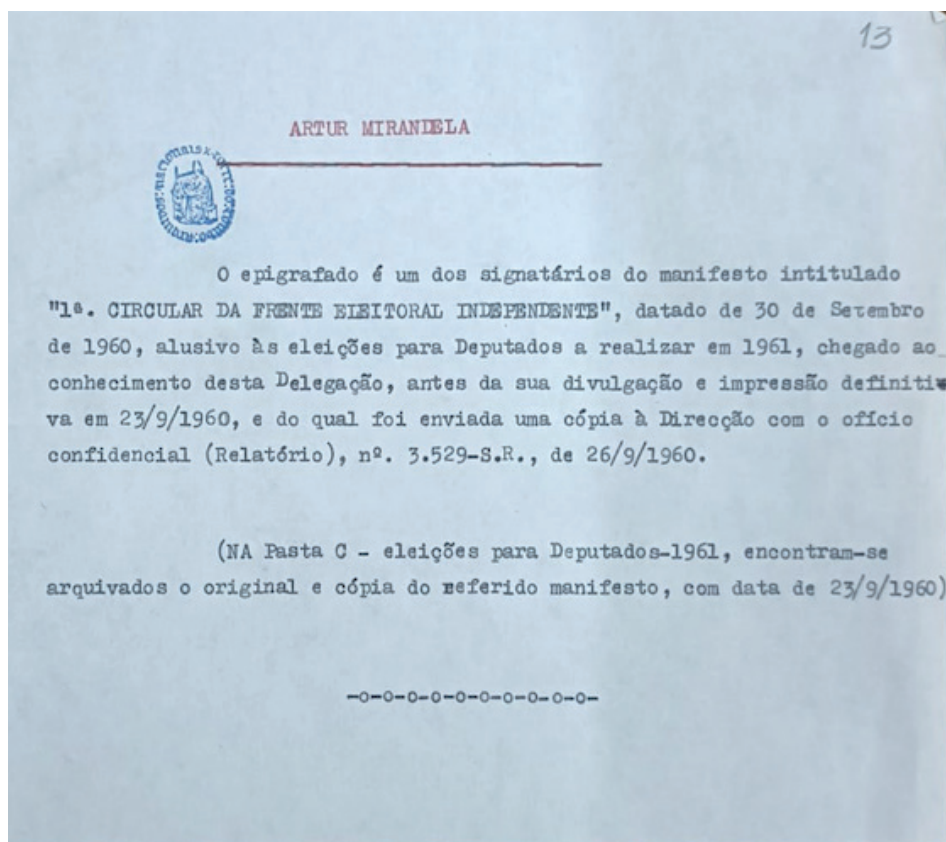
Durante a sessão, foram lidos telegramas um dos quais do sr. prof. dr. Rui Luís Gomes e proposto o envio de outros aos sr.^{tes} dr. Arelindo Vicente e general Humberto Delgado.

A assistência manifestou-se em várias ocasiões, com vivas à República, à Democracia e à Liberdade, entoados, no final, a A Portuguesa. A sessão decorreu num ambiente de elevação e entusiasmo.

Comissão concelhia de Oeiras

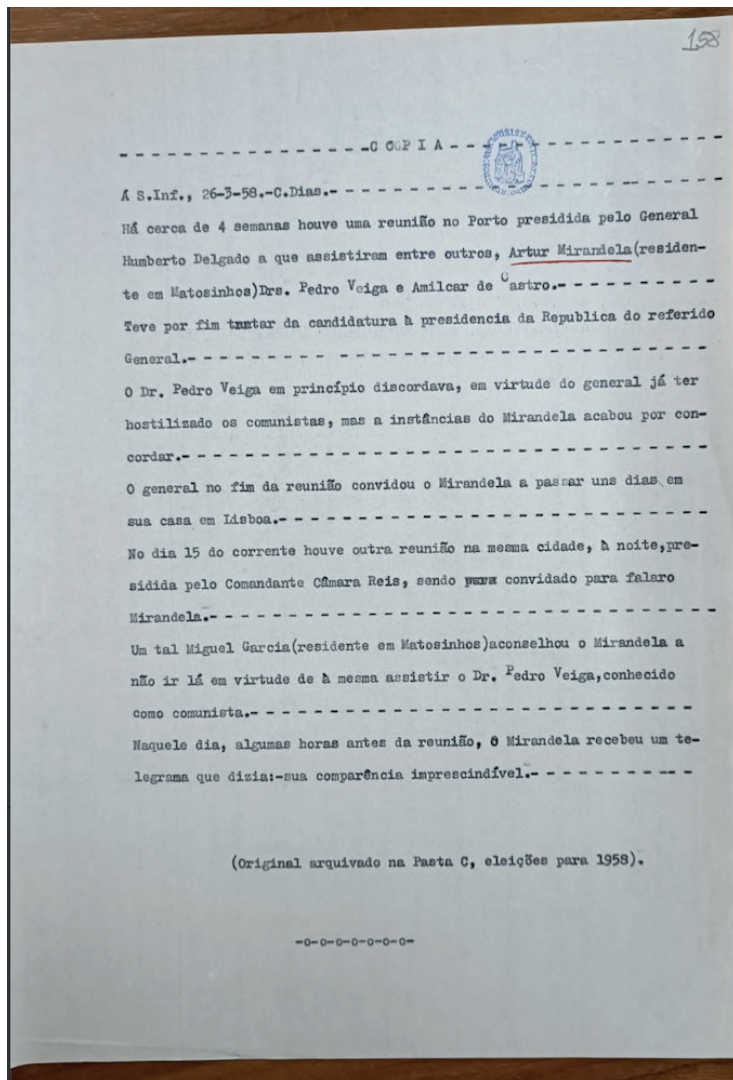
Numa ampla reunião de democratas do concelho de Oeiras, foi deliberado constituir uma comissão concelhia de apoio à candidatura do sr. Arelindo Vicente, por considerarem o programa deste candidato, aquela que melhor se integra na resolução dos seus anseios de Democratas e Portugueses.

Recorte do jornal "O Comércio do Porto", de 25 de maio de 1958



Documento da PIDE, 23 de setembro de 1960

ARTUR MIRANDELA



Documento da PIDE, 26 de março de 1958

Artur Mirandela
Rua de França Junior, 195
Matosinhos

Matosinhos, 9 de Junho de 1960

Meu caro Manuel e Bom Amigo:

Recebi a tua carta hoje, e hoje mesmo respondo à mesma. Obrigado pelo teu cuidado com a minha enfermidade. Isto tem sido horrível. Estive dois meses com cólicas terríveis e a brá de enlouquecer! Depois ficou-me uma infecção, em que a febre durante muitos dias oscilava entre os 39 e 40 graus! Havia um bacilo irrenitente que não recuava perante os medicamentos e cada vez me afligia mais! Estive a água fervida mais de vinte dias. Mesmo agora só me deixam comer fruta e caldo de hortalíça. Estou muito fraco. Contudo já vou muito melhor e espero dentro em breve arribar. Na radiografia vê-se o rim esquerdo cheio de pedras e o direito com bastantes também. Isto quer dizer que estou sujeito dum momento para o outro a registarem-se as cólicas que põem uma pessoa tonta! Seja aquilo que Deus quiser, já estou por tudo. O Pançudo cá tem vindo a minha casa ele e a Esposa. Cada vez tem a barriga maior! Não há doença que entre com ele. Cada vez bebe mais e melhor! É bem é que os amigos não tendo saúde para nos ajudar, quando os outros deles necessitamos. Quanto às minhas filhas, apenas tenho uma casada. Casou com um Capitão que está no Estado Maior do Exército. Vivia muito bem. Tem dois filhos. Um está no quarto ano do Colégio Militar. A outra está em Odivelas também num colégio. A Ester, está de Professora na Tutoria da Infância aqui no Porto. Tem casa de graça, comer e roupa lavada e ganha três contos por mês. Está muito bem. A Sofia anda a tirar o curso do Instituto Britânico. A Helena está em casa e é quem dirige a mesma. A Patá, aquela a quem mataram os pais, é Professora aqui perto, na vila da Maia. Já casou e vive bem, felizmente. O marido é um santo rapaz. O Olimpio está na África como sabes e está muito bem. Tem apenas dois meninos que são um encanto. Esse está muito rico segundo dizem as pessoas que vêm de lá. O sógró é muito rico e muito amigo dele. Felizmente todos estão melhor que eu. Aqui tens a situação de todos eles. Sei que a vossa Luiza está uma senhora. Deve ser uma linda moça! Já o era de pequena e uma santa rapariga. Falamos muito nela como em todos vós. Bem sabeis que vos quero como família e até mais do que queria a meu irmão que Deus já lá tem. Para mim são as pessoas mais do meu agrado e já porque a nossa amizade vem desde há longos anos. Tive-vos sempre como fazendo parte integrante da minha família. Já lá vão mais de quarenta anos quando principiei a ir por essas paragens onde passei o melhor de toda a minha vida.

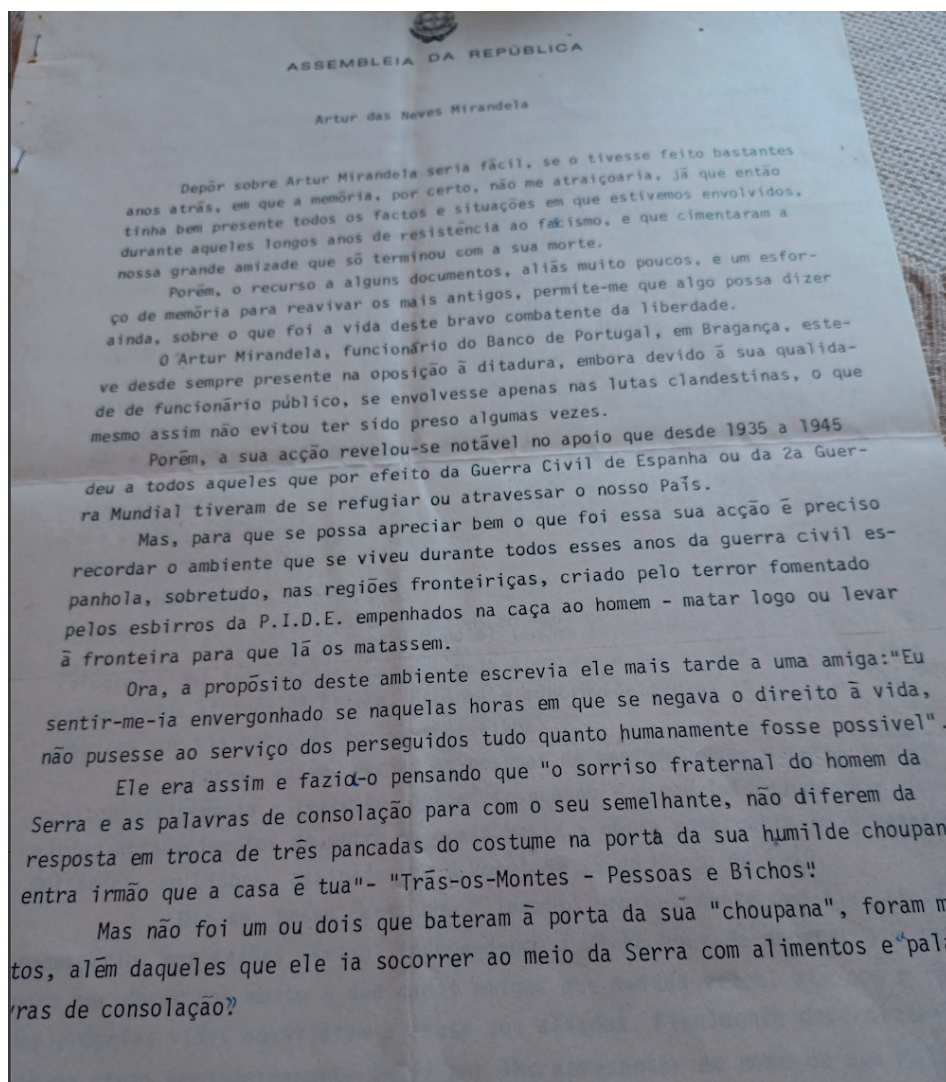
Carta a Manuel Ponciano, de 9 de junho de 1960 (parte I)

ARTUR MIRANDELA

Seria impossível esquecer-vos a não ser que fosse muito ingrato. Mas eu nunca dei guarida a ingratidão. Sinto-me profundamente reconhecido e tenho-vos a todos na alma. Sempre que me lembro de vós, e tantas vezes o faço! - sinto umas saudades tão insuportáveis que por vezes me correm as lágrimas pelas faces! Acenam-me esses cerros, chamam-me as fontes, os ribeiros e os prados, vejo o risco franco e o redor de todos vós, recordo-vos, muitas passadas as noites em companhia de família, as histórias contadas em redor dos cepos que crepitam enquanto o vento lá fora sacode os negrilhos seculares e tantas outras coisas que ficaram gravadas no coração para todo o sempre. Os anos passam e as saudades vão aumentando cada vez mais! É isto aquilo que se leva desta vida. O resto é matéria, e o nada. Viver com amizade íntima e abraçar-nos em concórdia, é que é tudo. Eu gostaria de passar por essas terras o resto de minha vida. Aqui nada me seduz. Embora tenha grandes amigos por aqui, e com a minha enfermidade o ver, pois fui amparado com um carinho inigualável quer pelos médicos que nada me levaram e até me deram os medicamentos, quer por toda a outra gente, nem mesmo assim eu trocaria esta vida aqui por essa outra que poderia viver lá por esses cerros e junto de todos vós. Prondem-me também a esta terra as minhas netinhas, filhas do saudoso e santo Leonel, pois são umas lindas mocinhas. Uma já anda no primeiro ano da Escola Normal. Para o próximo ano é Professora. Um neto, também filho do Leonel, é soldado agora. Está empregado na Companhia União Fabril e já ganha dois contos por mês. Logo que arranjar emprego para a Sofia, ficarei apenas eu e a Helena. Depois já poderei pensar em ir para essas terras acabar os últimos dias de vida. É certo que aqui dada a minha enfermidade tenho outros recursos e grandes médicos que me tratam como a um irmão. Chegaram-se a juntar três junto do leito que vinham do Porto como bons amigos prestar-me o seu auxílio. Os daqui foram também duma dedicação de irmãos. Beijai por mim a vossa Luiza, dai abraços meus a toda essa gente, -Esquerdo, Cubo e Família, Chico, mulher e filha, Ao Santo, a Maria um abraço em particular e a toda essa boa gente que sabe ser amiga. Para ti, meu caro Manuel, um feixe de abraços do fundo do coração do que eu, e sabe ser muito amigo,

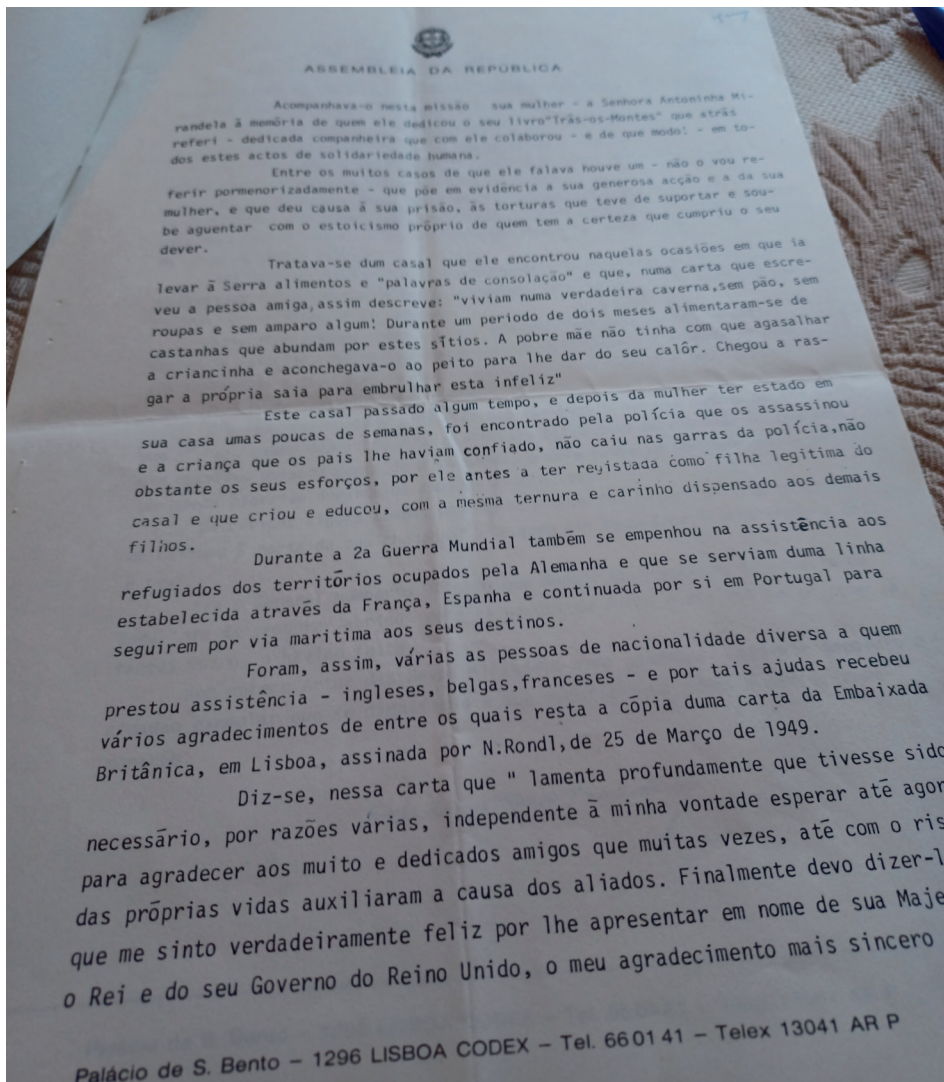
Artur Miranda

Carta a Manuel Ponciano, de 9 de junho de 1960 (parte II)

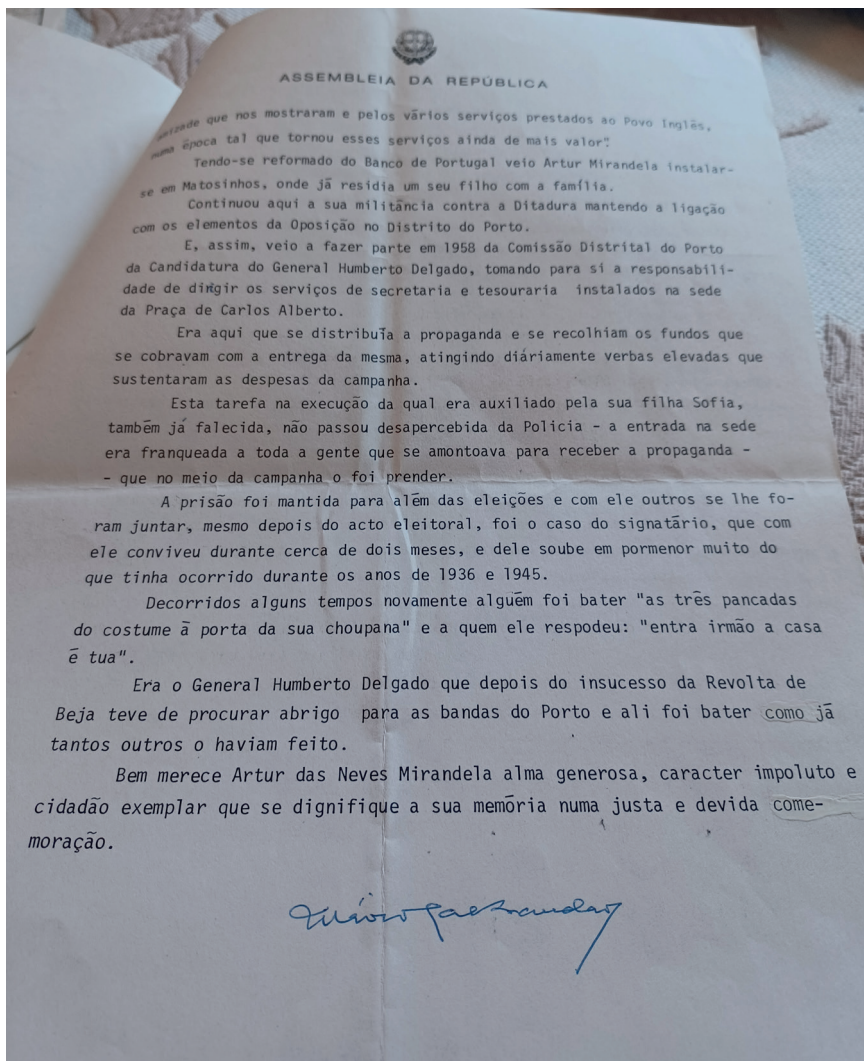


Carta de Cal Brandão (parte I)

ARTUR MIRANDELA



Carta de Cal Brandão (parte II)



Carta de Cal Brandão (parte III)

Extractos de um dos discursos proferidos por Artur Miranda, a favor da Candidatura à Presidência da República do Ilustríssimo Senhor General Humberto Delgado, em Maio de 1958.



O Povo não vive. Sufoca. E se não chora é porque um desespero e uma impotência de mais de trinta anos lhe secaram os olhos, ou o não injectado por milhares de sobressaltos lhe sofria já as lágrimas como lhe sufocou as queixas.

Mêdo que quase tudo venceu. Mêdo pelo amigo que falou de mais, mêdo do vizinho que talvez o ouvisse, mêdo de quem para e de quem vai, mêdo dos olhos que nos vêem e dos ouvidos que nos ouvem, mêdo do chefe que quer manter o lugar, mêdo do empregado que serve alguém que o colocou, mêdo dos subordinados ou dos pusilanimes, dos que disseram sim e dos que têm de dizer que sim; mêdo das paredes e deste céu azul de Portugal que há tanto tempo cobis meigamente tudo isto sem se sujar com tanta podridão!!

Mêdo! Mêdo que dominou as consciências de muitos e comprou a de alguns: O mêdo, o mal incomensurável que é necessário vencer, e que corrosivamente invidiosamente foi envenenando e entorpecendo o Povo Português, mergulhando-o no sono, na apatia, na indiferença amarga de quem desesperou de tanto esperar!

Mas o País tenta acordar agora desse sono. Cada grito de revolta que se solta tem abanado um pouco o gigante adormecido e a consciência da sua força e da sua razão já lhe entumescem as veias, já lhe agita os lábios, e os olhos, a pouco e pouco abertos, preparam-se para ver.

A sua frente, um Homem, a quem as mais altas funções não amoleceram a coragem, um militar ilustre em que se espelham os seus enseios, pronto a dar-se e a sacrificar-se por ele, numa luta em que todas as suas virtudes de lutador e de soldado vêm ao de cima interpretando como ninguém o juramento sagrado de a servir e de lutar por Ele até ao fim; um Homem que simboliza toda a gama de virtudes porque tem chorado: desinteresse, sacrifício, honestidade.

GENERAL HUMBERTO DELGADO!

Este nome anda agora na boca dos Portugueses, transformado em esperança, transformado em crença.

Do seu peito saíram todas as reclamações e apelos de justiça que queríamos soltar. A sua voz traduziu o que tinha sido recalçado por milhões. A sua personalidade forte resumiu e condensou todos os anseios dum povo que, há tanto agrilhoados, nele foi encontrar a mão pronta a partir-lhe as cadeias e pronta a jurar-lhe a fidelidade a que se desabitou.

Neste passo, sua Excelência é o símbolo. Contra Ele se aglutinam, como o têm feito sempre contra o Povo, os senhores da situação em discursos inflamados e malcriados às vezes, a que por todos os meios se dá a mais intensa propaganda. Mas essa propaganda, feita como tudo de fachada, já não se enquadra mais na barreira de mêdo que sempre a endeusou.

Essa barreira de mêdo foi transporta primeiro pelo Homem que nunca o teve, e nós vamos seguindo atrás seguros do nosso caminho, da terra firme que pisamos, na compreensão de que o sacrifício se transforma agora em libertação, na certeza de que a senda da justiça que seguimos não pode ser suja pelas palavras de quem insulta uma e outro.

Sua Excelência é o Símbolo!

Discurso de Artur Miranda, maio de 1958 (parte I)

O Homem sem medo fez perder o medo a Portugal.
Todos sentimos que na luta, é a luta dum Povo inteiro, a luta de
consciência Nacional esmagada há tanto tempo e que agora encontra
quem a guie.
Virtudes ráticas de independência, de pundonor, de desassombro, esqueci-
das á força, torneadas, vilipendiadas vêm agora á tona.
Debalde se procura dispersar a multidão, debalde se cerceiam notícias
e se escondem os triunfos que a passagem de Sua Excelência pelo País
fora levanta, numa onda de confiança, num aceno de fé em que velhos e
novos se misturam, debalde se tapam as bocas, se entram os passos, se
emudecem ou se alcinham de boatos as apoteóticas saudações que o guiam.
Ele vai na frente, Sua Excelência o General Humberto Delgado, o Homem
sem medo, o Presidente dos Portugueses sem medo, o nosso Presidente.

Viva Portugal!
Viva a República!
Viva o General Humberto Delgado!

Discurso de Artur Mirandela, maio de 1958 (parte II)

ARTUR MIRANDELA

INFORMAÇÃO 21/1/1949 *Directoria*

Para os fins convenientes, tenho a honra de informar V. Exa ter chegado ao meu conhecimento que pela Comissão Distrital do Porto dos Serviços da Candidatura do General Norton de Matos, foram expedidas várias circulares, assinadas por Virginia Moura, comunicando a chegada ao Porto, ao meio da tarde, do dia 22 do corrente mês, do General Norton de Matos, o qual no mesmo dia à noite daria recepção às Comissões Distritais do Norte, concelhias do Distrito do Porto e de freguesias desta cidade, assistindo no dia 23, às 14,30 horas, a um comício público, onde discursaria, assim como o Dr. Mario de Azevedo Gomes. Informava também que o General Norton de Matos se hospedaria no Hotel do Porto e que o local da recepção e comício seriam indicados oportunamente.

Porto, 18 de Janeiro de 1949

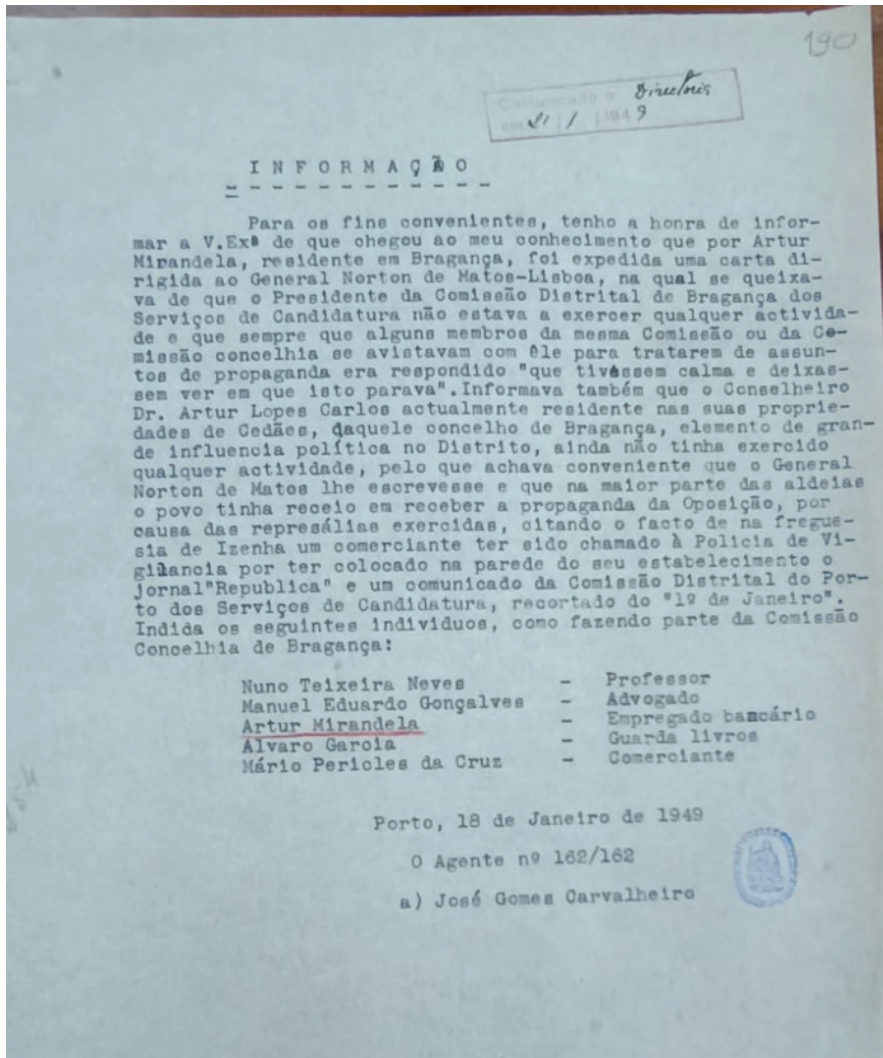
O Agente nº 162/162

a) José Gomes Carvalho

Dr. Celestino Soares	- Vila Real
Victor Sá	- Braga
<u>Artur Miranda</u>	- Bragança
Dr. Alvaro Monteiro	- Viseu
Dr. Fernando Lopes	- Coimbra
Dr. Henrique Botelho	- Vila Real
José Martins Branco	- Amarante
Dr. Manuel Figueiredo	- Estarreja
Eurico Felgueiras	- Matosinhos
Dr. Abílio Alves Moreira	- Leiria
Francisco Custódio Carvalho	- Baião
Alcino Moreira de Araújo	- Candra-Gondomar
Dr. Rodrigo de Abreu	- Viana do Castelo
Dr. Luiz Gonzaga	- Felgueiras
Antero Chaves	- Paços de Ferreira
António Augusto da Costa Gonçalves	- Paredes
José Linhares	- Póvoa do Varzim
Antero Alves Moreira	- Santo Tirso
Santos Graça	- Póvoa do Varzim
Dr. António de Sousa Pereira	- Vila do Conde
Engº Julio Guedes Correia	- Guifões-Gaia
Jacinto Fernandes de Almeida	- Valongo
Dr. Osório da Mota	- Penafiel
Dr. Adriano Crispiniano da Fonseca	- Marco de Canaveses
Dr. Mário Cal Brandão	- Porto (C.C.B.C. de Gaia)

10254

PIDE, 18 de janeiro de 1949 - Circulares candidatura G. N. de Matos



PIDE, 18 de janeiro de 1949

ARTUR MIRANDELA

Artur Miranda
Bragança

Bragança, 26 de Março de 1949

Meu Ilustríssimo General Senhor Norton de Matos:

Que a saúde o não desampare, bem como a todos quantos lhe são queridos, são os meus mais sinceros desejos. É contando com o perdão de sempre, que eu mais uma vez me abalanço a molestar Vossa Excelência.

Não me conhece pessoalmente e não deve ter provas suficientes para poder avaliar até onde vai a minha lealdade e dedicação, quer por uma pessoa que admire como Vossa Excelência, quer pelo ideal pelo qual me venho batendo há já mais de trinta anos.

Uma coisa posso asseverar a Vossa Excelência é a de que durante a nossa propaganda eleitoral o servi desinteressadamente e com a maior das lealdades, o que hoje ainda existe em mim para o continuar a servir em tudo quanto humanamente me seja possível.

Para provar a forma franca como costumo servir uma causa, tomo a liberdade de enviar uma cópia de uma carta recebida hoje mesmo da Embaixada Britânica em Portugal, a qual por si só prova que não hesito em tomar parte em qualquer luta desde que esta seja para bem da humanidade e daí eu vislumbro que passará a haver mais respeito pela vida alheia.

Pode Vossa Excelência ter a certeza de que não servi com mais amor a causa Aliada do que a nossa em que Vossa Excelência se propôs Candidato à Presidência da República, e que para mim a ganhamos moralmente. Estou no mesmo posto, e sempre pronto a servi-lo.

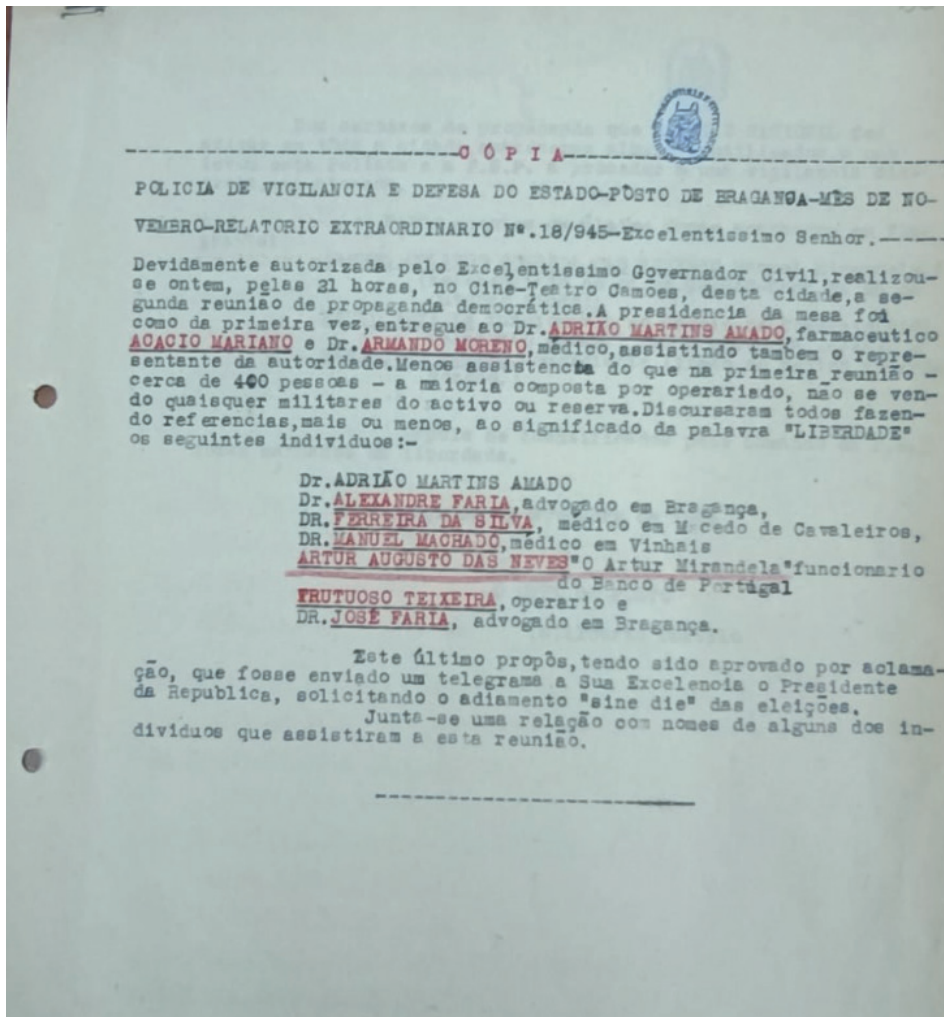
Não é a vaidade que me leva a enviar a Vossa Excelência a cópia junto, mas sim provar-lhe a forma como costumo assumir responsabilidades e qual a minha conduta através da minha vida política a qual é norteada pelo desejo de que os homens se abracem em verdadeira concórdia.

Julgo um dever enviar a Vossa Excelência a referida cópia, para me poder julgar e já porque depositou em mim toda a confiança durante o período de propaganda a favor da Candidatura de Vossa Excelência.

Contando com o perdão de sempre, ordene Vossa Excelência ao que é, criado grato,

Artur Miranda

Carta de Artur Miranda ao General Norton de Matos



Reunião em Bragança - PIDE, 1945

ARTUR MIRANDELA

Dr. Bragança Tender 20th 29 de Novembro de 1984

PROFESSOR CATEDRÁTICO
CARDIOLOGIA
RUA SA DA BANDEIRA, 746-1.º E
PORTO
TELEFONE - 316381 e 491272

Min Ex. e bom Amigo,

Op' masson recebeu o meu cumprimento e voto de boas vindas para si e sua
f. m. esposa.

Espero que me desculpará por não poder responder a sua carta, mas
a minha agenda recebeu todos os factos que podem talvez dar uma
pequena ideia da personalidade depois que foi para mim um grande
amigo e para o País um grande patriota e defensor da justiça social.

Espero receber de novo com grande esperança de os encontrar já que,
infelizmente, não gosto de escrever com a presença de fotografias e
cartas de fotos que muito estimam uma despedida de nosso mundo.

Artur Mirandela não era um político mas sim um homem que
ultrapassou as ideologias todas tornando-as por uma bandeira sua,
uma bandeira que erguia bem alto na sua cruzada contra tudo o que
não estava certo, contra a tirania, a arbitrariedade, a corrupção
e a violência.

Odiava o nazismo que não considerava nunca uma forma de política
mas sim uma forma cruel de tirar a vida "humilmente" contra os outros
seres humanos.

Disse muito com ele essa gente e muitas acenit'ões que há e haverá
durante muito tempo, magistrados de direita, magistrados de esquerda e magistrados do
centro da política.

Carta do Dr. Bragança Tender para Artur Mirandela (parte I)

...da, sondando a sua própria ideologia, perguntou-se o que
de um regime de extrema-esquerda se poderia esperar.
Respondendo-lhe que continuasse a ser "proteção" de "que há males e injustiças
em todos os regimes, e que nunca procuraria tomar partido da política,
pois qual fosse a sua vitória e a sua
Considero-o sempre incapaz de odiar, talvez porque o ódio não cabia
num coração tão cheio de amor pelo seu semelhante.
Aquele amor impregnado de Cristianismo e Fraternidade que o levou
ao Legato Civil para interceder, entre os seus muitos filhos, um pequeno
ser perseguido e em família.
Também acho admirável que esse homem praticasse durante a vida!
Qual é este e qual amigo íntimo, que não se envolveu com o episódio
da "Tua Mãe Morte", na década dos 30?...
Nos anos 40, a sua casa era um ponto de passagem na linha de fuga
para o recumbente de aradores aliado ao lado da para-queda no norte
de França e, após terminar a II Guerra Mundial, foi recebido em Paris
por um ministro do Presidente De Gaulle, antigo aliado aliado que
dava algumas reuniões à linha transmontana, com os pingos das albas
a cá-lhe-me na cabeça.
Bulmanti político e advogado, esse homem separou um pouco de agra-
dimento e a sua própria era uma "linha" feita em doçura francesa!
Que bom pai ele é que alegria para nós por termos um tal emparentado.
Apenas disso, ele separava as compensações e as distâncias oficiais, porque
era simples e era um verdadeiro filantropo.

Carta do Dr. Bragança Tender para Artur Mirandela (parte II)

ARTUR MIRANDELA

Dr. Bragança Tender
PROFESSOR CATEDRÁTICO
CARDIOLOGIA
RUA SA DA BANDEIRA, 746-1.º E
PORTO
TELEFONE - 316381 e 491272

Tinha amigos distintos, como Jorge, Paulo Quintela e tantos outros. As obras de Jorge tinham as ideias todas muito profundas, factos que poucos conseguiam.

Escreveu-lhe também, num estilo directo, com as frases gravadas na Rocha com um peixe de montanha, como Jorge talvez tivesse se sobre ele escreverse.

Muitas mais facetas pessoais, uma delas tão extraordinária e enxada que impressiona aquele brilhante homem de letras ao ponto de provocar os seus grandes amigos Mirandela que em a sobre esse episódio um ente, logo que o orientador político mudasse.

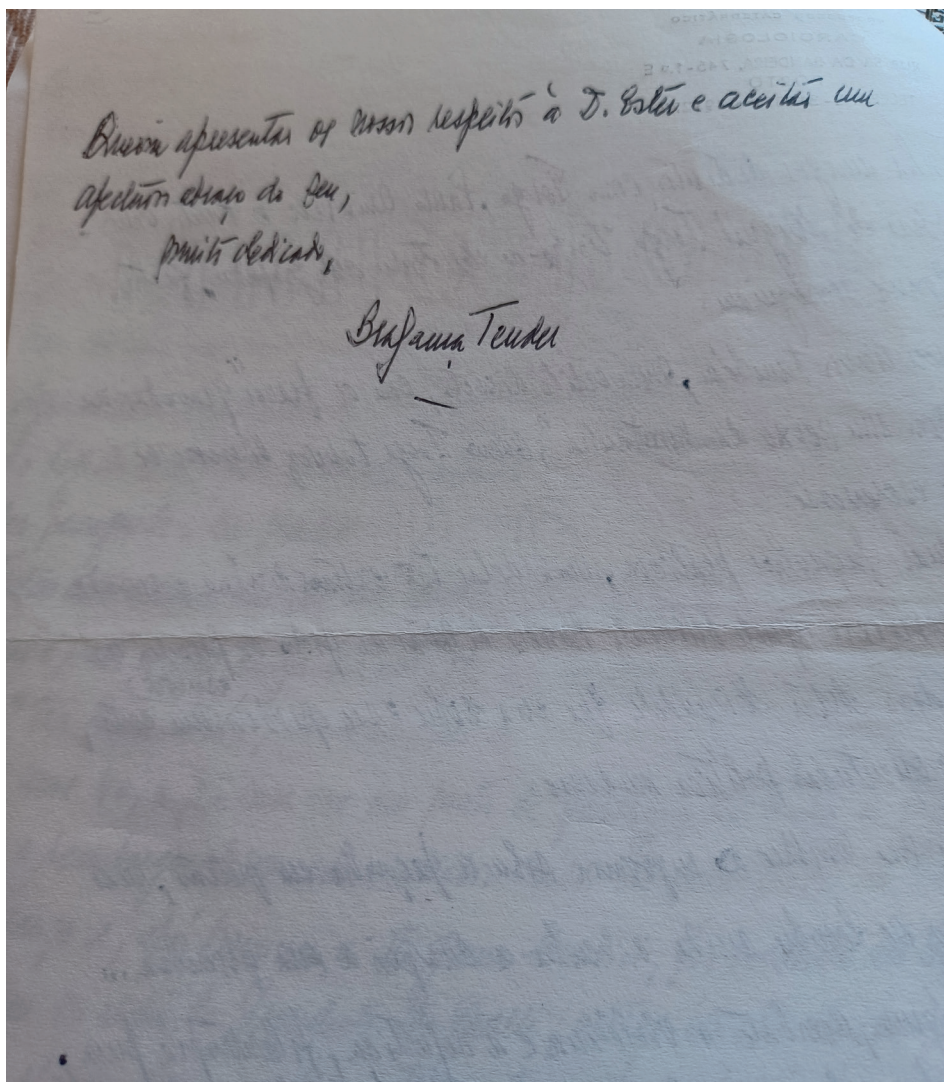
Suportando que sua mulher se informasse sobre a facanha em questão, mas Jorge talvez se lembrasse ainda e venha a cumprir a sua promessa...

Amor ao próximo, combate à violência e à injustiça, filantropia pura, simplicidade pessoal impregnada de irradiante simpatia, desinteresse, eis o retrato do nosso inconfundível amigo.

Muito feliz me torna o facto de uma endorrocada vir ao seu encontro, apesar de distância, já que ele, se fosse vivo, nunca a procuraria.

Espero-me sempre a todo o acto de justiça e, portanto, à distinção que um vez-lhe outorgada.

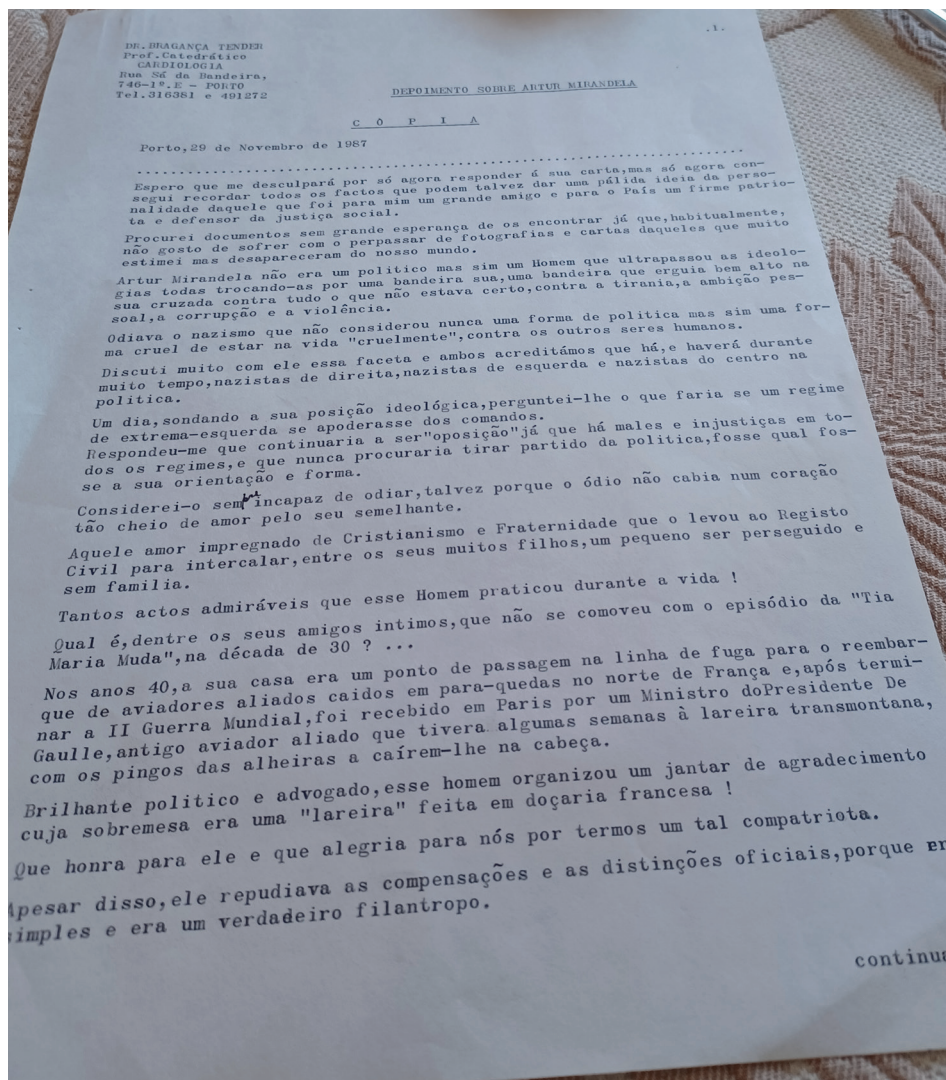
Carta do Dr. Bragança Tender para Artur Mirandela (parte III)



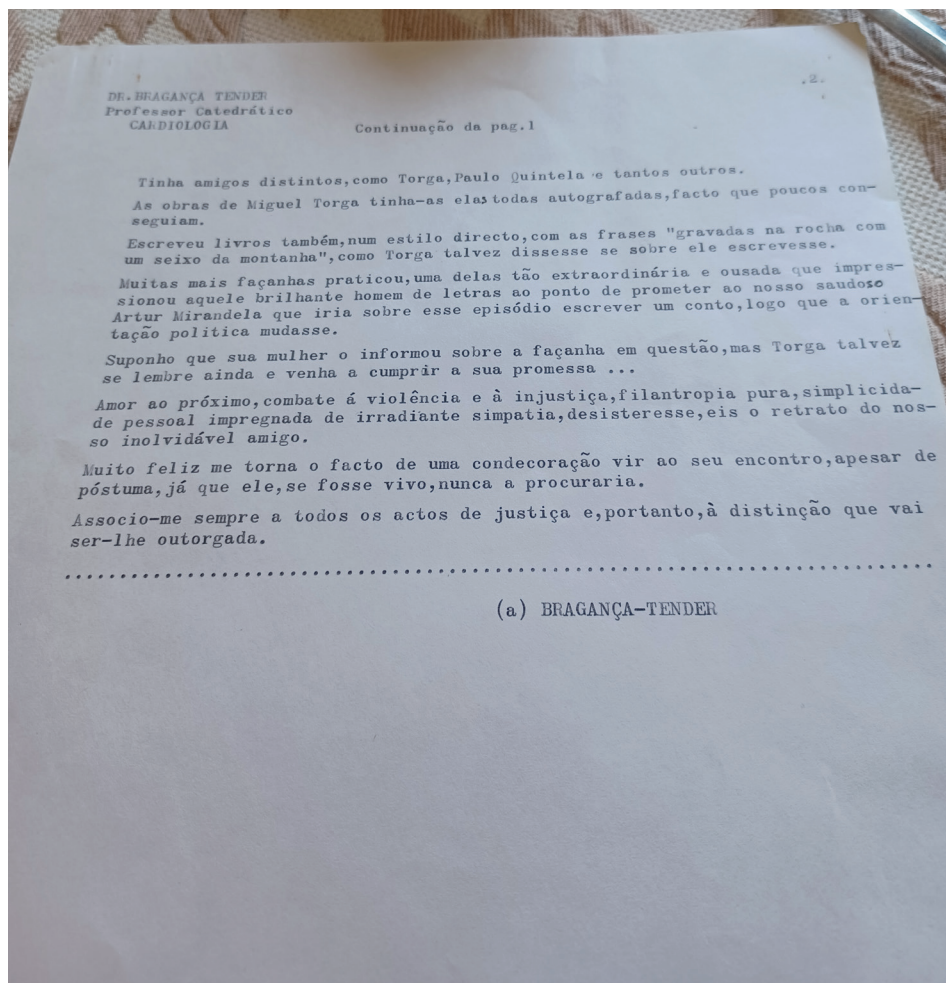
Bem-vinda a apresentação os meus respeitos a D. Estêvão e acesita um
apêndice do seu,
muito dedicado,
Bragança Tender

Carta do Dr. Bragança Tender para Artur Mirandela (parte IV)

ARTUR MIRANDELA



Carta do Dr. Bragança Tender para Artur Miranda (parte V)



Carta do Dr. Bragança Tender para Artur Mirandela (parte VI)

ARTUR MIRANDELA

Sebastião Ribeiro
JUIZ DE DIREITO
do Juízo Criminal da Grande Sala, 1
ALGAR

Algés, 18-I-59

meu querido amigo,

há estorvo o meu silêncio, mas não se
re interrompo de circunstâncias de esta impor-
tância me forçaram a despenda um pouco o meu
tempo, melhor dizendo a minhas obrigações.

há um mês e meio - há um simples conto de
aproximadamente, que foi sempre minha intenção, desde
que vim d'ar, nunca - há a conta que hoje lhe dirijo.
muito obrigado pelos seus livros - livros que não
são para mais nada, para si e para todos os seus.
para os meus.

Para os meus amigos e conhecidos, há pro-
por. Os mais importantes já os conheço. O que
de a faculdade para o Brasil. Depois o caminho melhor
para de e pior para a situação. Estava na situação
cia de um passo, ou de ser assassinado. Esta situação

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro para Artur Miranda (parte I)

Insistirei a a por minhas e aperte aos meus
cimentos. Sacrificarei até ao que seria possível
esperar dele. Mas, seria um sacrifício totalmente
inútil. Não saberia apreciar do que eu sou
e de quanto admirado, pois receberia uma resposta
e um propósito que não estou habituado a ver. To-
dos os erros que se lhe podem apontar provieram da sua
inexperiência ou mais propriamente do desequilíbrio
cimentos do meio em que teve de agir. Fora disso,
foi admirável.

E não há mais nada que mereça a pena
notar. Me. A opinião ficou aceita. Arranjar
outro chefe não é difícil e nenhum com as possibilidades
de que acabamos de perder.

Agora começarei já a repeti-lo, mas pouco a
pouco.

Tencionava estar no Porto à noite e me lhe escrevi,
mas estarei lá para domingo à tarde. Vou talvez
de carro, com meu filho.

Comprimientos para todos os seus e um
grande abraço do

Ass.º Carlos
Ribeiro

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro para Artur Mirandela (parte II)

ARTUR MIRANDELA

SEBASTIÃO RIBEIRO
ADVOGADO
RUA DA TRINDADE, 5. 2.º.
TELÉFONO 2 8824
LISBOA
F-14-1-8

meu amigo,

A sua carta de 11 só hoje me chegou. Vi
muito com satisfação de uma impetuosidade de
seu lado que mette o nariz em tudo e de que às vezes
se vai mais, como desta por exemplo, que levou ao nariz
para trás.

O que eu preciso era uma das impressões de anúncio
para a candidatura do senhor H. Delgado, impressões de que
me deixaram um o meu amigo Sr. J. Medeiros. Mas já não
é preciso, porque o senhor Delgado pediu-me o dele. Haverá pois con-
fusão em as transmissões ou no entendimento do telefone,
naturalmente na transmissões. O assunto está pois
arrematado.

Estou para ir ao Porto e irei logo que receber
resposta do director a uma pergunta que lhe mandei.

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro
para Artur Miranda (parte III)

dei fizes. Os documentos pessoais do buroaf para a
candidatura estão à minha ordem na possibilidade de
um procurador, processar-me está já em meu poder.
Ele partir logo para a Volta do Luf, donde regressa
em breve - lá para a fúria, pois eu.
Pois é que o numero de adeptos vai aumentando
e se regem o baltante, para me a candidatura
se impoza. Lá qui vai tambem tomando muito o
direito indicam já como preferir a candidatura do
general, mas eu queria mais alguma coisa. Vários
me o que me de lá.
Como disse, aqui me regida ao Porto, buroaf a re-
de da candidatura aqui, o baltante disse ser ai no
Porto, aliás com muito prazer meu. A frente do Porto e de
tudo o resto é mais aguada.
As comensalares mais por muito.
muito obrigado por tudo e mande sempre o
Am. e até
me o abraço
Sebastião

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro
para Artur Mirandela (parte IV)

ARTUR MIRANDELA

SEBASTIÃO RIBEIRO
JUIZ DE DIREITO
FERREIRA ALVES
REPUBLICANO
RESIDÊNCIA:
RUA S. NICOLAU, 42-2º
Telefone 29077
LISBOA

Lisboa, 28-11-58

Mas responderei logo a sua querida carta, por-
que esperava receber de alguma notícia consoladora.
É possível que uma das - de dentro ou de fora, mas logo
ainda não, infelizmente.

A situação continua com falta de peço. Mas com
o firme propósito de lutar, não sei bem como se in-
tencões, a mais benigna de todas ainda não a estrepidez,
que, no dizer de Camões, é a mais influente, e a mais
benévola dos queis foram invariavelmente o povo, e
santo que possui o rei; e todos apontados em unânime a
oficial em benefício, claro está, do povo.

É um erro que a esta hora ainda não há candidato
novo. Tanto a mim se por estes dias aparece - é a minha
esperança.

É claro que o candidato não é um pretérito e nada

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro
para Artur Mirandela (parte V)

meio, é possível que meus alguma coisa? Ai fica esse po-
to de interrogatório, a que se poderia responder as perguntas
de priso.

Conto que tudo se esclareça dentro de poucos dias e traba-
lha-se nesse sentido activamente.

Coisa minha casa anda tudo dentro. Eu não sei se
meu melhor, podendo apenas afirmar que não me sinto
frio e frivolidade.

Enquanto todos os dias e o dia é comum - poderemos
de uma salasante aguda, que nos hade levar a repulsa,
se não aparece qualquer actividade que de calor do universo.
muito agradável pelo cumprimento que faz o povo de
nos unir e me retribuir. Se me descobri alguma utili-
dade, o que me é difícil, meado e disponha do
Am. M.º de Ag.
Seu

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro
para Artur Mirandela (parte VI)

ARTUR MIRANDELA

SEBASTIÃO RIBEIRO
JUIZ DE DIREITO
FERREIRA ALVES
EXERCÍCIO
RUA S. MICHAEL, 42-2º
Telefone 23077
11504

Leitor, 28-1-58

meu Amigo,

Recebi a sua carta e não me passou digna-
mente uma palavra, porque não me foi difícil adivinha-
lar o motivo da sua ausência. Na resposta tinha-me
dito que recolhia a cura nos bons felizes. Ora, a febre,
na prática do ano que vem, atenuando, o menos que
indica é uma gripe.

mas ainda bem que escrevi. Le a justifica-
ção da dispensa, pois antes tanto não me deu com
as suas notícias, sempre bemvindas.

Dei à esposa do General H. Delgado o meu
retrato e li-lhe a passagem da sua carta para a
ela se referir. Ficarei muito sensibilizada, apesar

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro para Artur Miranda (parte VII)

a uma oferta e restituí o meu cumprimento. O
juiz apodera-se da minha e abrange a restituí.
A restituí do meu dinheiro não está resolvida,
mas a minha a restituí.
O Capitão falava continua a ir, não se sabe
por onde. Trá a cabeça a prêmio - 10 contos a quem o
encontrar. Barato? Andam pelo país fora 40.000 fo-
tografias, mas a polícia dá pouco pelo suficiente, con-
hecido como está de que quem o descobrir não possui-
do ou da-lhe prisão.
Eu vou prender um homem por ter a minha
bolsa com ele. Rapidamente identificado, foi preso em
liberdade.
Lá por aqui apodera-se e cheira ao. Já nem a
categoria de epidemias.
Lá por longe mais nada.
Lá me descobrir qualquer utilidade, dispendia
de mim. Cumprimentos meus para todos e um
abraço do

Sebastião Ribeiro
Juiz

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro
para Artur Mirandela (parte VIII)

ARTUR MIRANDELA

Sebastião Ribeiro

meu amigo,

Le., 16-IV-51

Respondendo a sua carta de 14 de abril.

Foi bastante movimentada a semana que segue findou, cheia de algumas notícias que foram enviadas com muito prazer, mas mais também todos os credores meus em.

Depois de tudo isso, talvez a possa acreditar que o caso exposto, mesmo em favor alguma coisa, mas disto não sei, pois para procurar a Solange e notificá-la um mandado de despejo. Mas o primeiro não chegou e, ainda para mais, medrosos. O despejo recusou-se a sair e eles... não sei se fizeram alguma coisa depois que o medo passou, caracterizada por um choro luttan- te estranho e indigesto. É isto que parece amargado - pouco, trêz hora nota.

O que há de verdade é que o Sr. Noroiz foi de ventos a trunche; e conta que está preso em casa, preso e moro- troado, também em casa, o primeiro, me parece notificar o despejo. Transmitem-me em todo o caso a notícia dos fei- tos sob reserva, porque para mim ainda não é caso acon- tecido. Quanto a denúncia do Noroiz, é que a me ofensa- mentou, porque me foi notificado pelo Diário de São - Paulo, mas este periódico oficial já me não ofende.

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro para Artur Miranda (parte IX)

...do de autoria.

Seu boletim da semana foi o seguinte: - o seguinte, com. Seus concluímos logo depois disso seguinte: - o seguinte, se tivemos alguma atitude, foi por não a seguir os métodos no sobre a questão de alguns oficiais em Angola; mas essa atitude foi muito fraca, porque o medo ainda persiste, mas não é de almas.

Se me lembra que, meu amigo, temos de esperar que o medo atire o nosso valente, militares, para certos os seus pontos actos de heroicidade. O homem de não, não lhe falta coragem. E quanto a mais umas coisas em Angola e que des se repete em rios de mobilização.

Por Angola aquilo vai mal - vai de mal a pior, está em perigo. Então muitos preocupados, porque tanto lá um filho, que não tem medo, agora de se oficial - é necessário, dois acontecimentos.

Mas sabia que também tinha um filho em Angola. De se estar, como eu, sempre à espera de uma notícia desfavorável. Eu confio muito em Salazar, mas desconfio muito mais das intenções dos povos africanos, desconfiança que me traz uma confiança ilimitada no meu método da nossa política. Salazar foi o culpado de tudo isto que só de não vem, com toda a sua rapidez, que é muito, mas não chega para medir as consequências desastrosas de todos os seus actos.

Qualquer dia, muito próximo, devo aparecer por aí, talvez para me despedir dos amigos, tudo depende. ...

Um grande abraço ao seu amigo
Sebastião

Correspondência do Juiz Sebastião Ribeiro para Artur Miranda (parte X)

ARTUR MIRANDELA



Documentos pessoais do Dr. António Pires

Natural de (Lieu de naissance — Birthplace) Quilombo Bagatela

Data do nascimento (Date de naissance—
Date of birth) 10 de Setembro de
1899 em São Paulo

Profissão (Profession) Medico

Estado civil (Etat civil—Condition) casado
com Maria Paula Pires

Nacionalidade (Nationalité—Nationality) Portuguesa

Residência (Résidence—Residence) Bagatela

Impressão do dedão

Empreinte do dedo

Print of the big toe

Signature of bearer

ASSINATURA DO PORTADOR (Signature du porteur)

Antônio Pires

2 3

Bilhete de Identidade do Dr. António Pires

ARTUR MIRANDELA

*Foram adicionados a esta caderneta 63
folhas adicionadas a 9/2 a 10/2
Ex. 18.4.920 1919.2 (86) em branco*

exercito de 1914

CADERNETA MILITAR

De *Dr. António da Encarnação Pires*

Ultimo domicilio *Parauçu*

Concelho de *Bragança*

Distrito de *Bragança*

ocupação *Médico*

caderneta de *Nasceu a 12 de Dezembro de 1898 ; filho*

ue ele se rede *João Evangelista Pires*

endo ser cone *de André da Anália de Magalhães*

e que o mili *Residentes em Parauçu*

ois de termi *Concelho de Bragança*

quer circuns *Distrito de Bragança*

Estado

ar este facto *Casou com*

subordinado *Em de de 19*

ve nela apre

urada na res

Varões

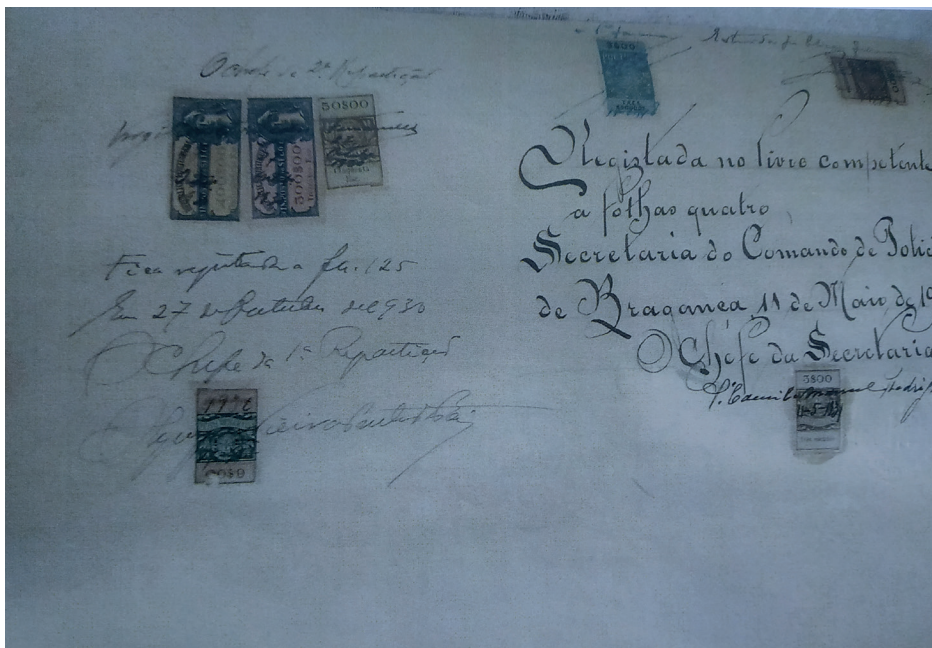
Fêmeas

184

1919

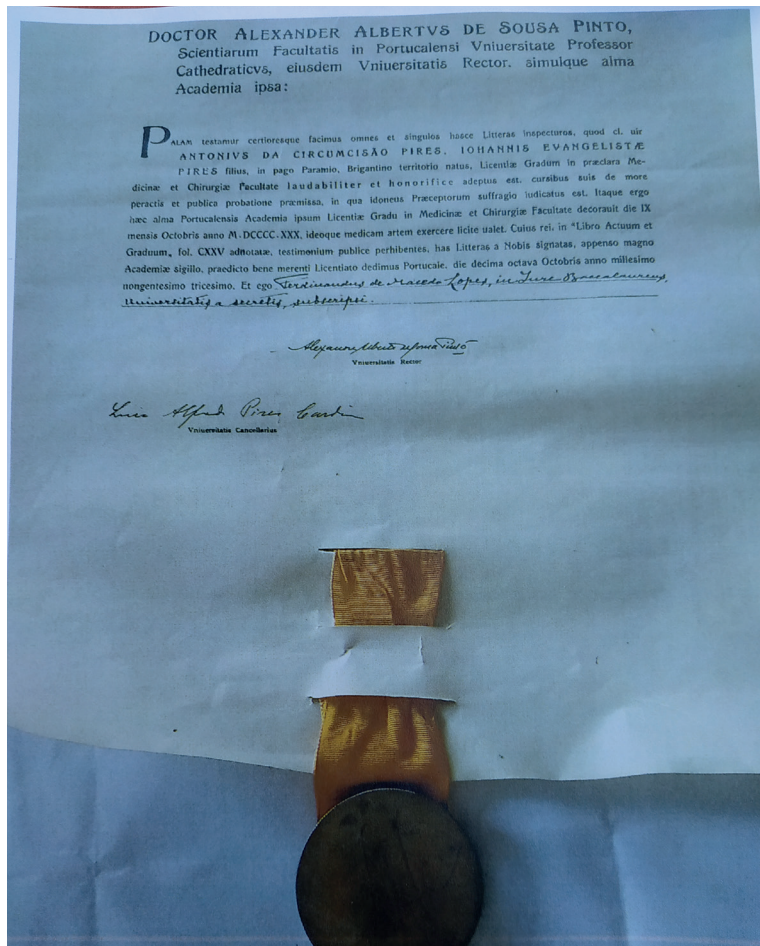


Caderneta Militar do Dr. António Pires



Envelope do diploma do Dr. António Pires

ARTUR MIRANDELA



Diploma do Dr. António Pires



Dr. António Pires com colegas

ARTUR MIRANDELA



Dr. António Pires e esposa, D. Maria Teresa Pires



Dr. António Pires e família

DR. ANTÓNIO DA CIRCUNSCRIÇÃO PIRES

A LIÇÃO DUMA VIDA

As seis horas e quinze minutos do dia desassete do corrente, o sr. dr. António da Circunscção Pires, ilustre médico desta cidade, deixou a vida de terreno exílio, para entrar na posse total e perfeita da vida que começa e não acaba.

É grande o vácuo e saudade deixados no coração de muitos, em Bragança e fora; de muitos que sentem dolorosamente a ausência do amigo certo.

Era honrosamente conhecido em todo o distrito, nos meios humildes e da aristocracia, e nem é fácil encontrar entre nós popularidade igual à do ilustre finado. Esta posição social era uma consequência necessária da riqueza de alma de que era dotado e, particularmente, daquele anseio que não era capaz de satisfazer, o anseio de ser cada vez mais perfeito naquilo que fazia. Não o contentava o medíocre nem mesmo o bom, a aspiração do dr. António da Circunscção Pires, e que lhe dominava toda a actividade profissional e de relação, era a do melhor; e, porque nos seus intentos era servido de inteligência lúcida e vontade forte, não raro alcançava êxito notável.

Em 1910 e 11 frequentou e concluiu o primeiro e segundo anos respectivamente, no Liceu de Bragança. No meio de seus condiscípulos teve lugar de distinção: pelos merecimentos de intelligen-



cia e de trabalho, era dos primeiros da turma; pela seriedade e franqueza de carácter, conquistou confiança e estima que é só para o companheiro leal.

Razões íntimas de família impuseram-lhe o sacrifício da suspensão dos estudos. O estudante digno de ontem entra numa esfera de novas actividades, os trabalhos agrícolas da sua casa. Não se sente comprometido com isso, pois também aqui lhe é dado ensejo de pôr à vista o seu

(Continua na pág. 2)

Necessidades da nossa...

O deputado sr. dr. Manbate da proposa da elbi de palavras claras e objetiva tinuar a política dos alch

Aplaudimo-lo, porque necessidades da geografia

« Nas aldeias de vá plo, há alguns milhares meios práticos de conu caminhos de que neces ferência sobre outros falta de contacto de pais leva ao êxodo das tros urbanos. Entendi e para obviar tais con dos caminhos, estrad numa palavra repres

Verberou o facie falcados de receltas, terrenos baldios pela terna e pelos Serv

Os portugueses d ras, precisam de ser e canseiras, com p portantes, do apro ção de todos os t concordar—conclu redo em terrenos legumes. Temos d tando tudo o que

Notícia do falecimento do Dr. António Pires (parte I)

MENSAGEIRO DE BRAGANÇA

Dr. António da Circuncisão Pires

(Continuação do 1.º página)

portugueses

(de 1.ª página)

...nações, do ré do
sempre, como em
Basilica da Estrela,
Santa Isabel e cru-
cifixos, a cujas varas
no Sacramento, os
homens rezando,
assistentes ostentavam

...dos da Justiça, das
adornos, directores
adornos, professores
de diversas ideolo-
gia Igreja e soluções
do Centro Católico,
do Neto, o Carlos
e doutoras, o Reis
se trabalhavam na
e depois nas
estúlio, o da Covi-

...— outra conde-
re revolucionário,
sar em Lisboa o
Pinheiro Domini-
e o Artur Divi-

...anos, na linha de
de um brilho
argamente e livre-
si, proletários e
se media, o salário

...um dia, foi a maior
a justiça do salário
habitar o Alamo de
de do bento a repul-
sional para que aos
se ninho, com ele a
sustentado e educado,
hados, com ele vive-

...os fundos das casas
actual fundo do abono
olheiros ricos, seguros
competência deviam ser
com a eficaz execução
dos.

Dr. Tavares
de NO HOSPITAL
800 - PARIS

...e a Chagaça
Agendagem especializada
para saúde.

...Oligoneoseptor
e a Amicilia
na de Finares, 282

...— PORTO
...Oligoneoseptor
e a Amicilia
na de Finares, 282

...Hospital da Misericórdia,
...do de Finares, 282

valor real. Sabia pagar na enxada, man-
neja, como pouco, a galinha, empunha
e aguilhada com gosto, habilmente go-
verna o arado e o arado nos trabalhos
agrícolas, ao ponto de as terras do sur-
João Evangelista Pires (assim se chamava
o seu falecido pai) serem identificadas
entre as do seu filho, sabia imprimi-lhes.
Não lhe faltavam, nesta quadra da
dos pais, que dele, paixão a gente das
nomas aldeias e do qual é preciso em
pensar bastante vigor físico para resistir
à fadiga, bom e não certa para
fixar e não engr o alvo, nutriu especial
predileção e, porque descurou estas
qualidades dispendidas por uma delica-
deza e correção que lhe vinham de
sangue, merecia a simpatia da sociedade
da sua aldeia, de sorte que, nas com-
petições com os outros estranhos, era ele
o eleito por a ganhar o adversário, e
mais que isso, ganhava o campeonato
regional.

Entrou na idade de serviço militar,
assentou praça no Regimento de Infantaria
n.º 10.

Por este ocasião resolveu dar novo
rumo à sua vida e, por enlace matrimonial
realizou a sua vida de Santa Maria
desta cidade, desposou a Ex.ª e virtuosa
senhora D. Maria Teresa Pires (falecida
em 21 de Junho de 1948).

Por este ocasião resolveu dar novo
rumo à sua vida e, por enlace matrimonial
realizou a sua vida de Santa Maria
desta cidade, desposou a Ex.ª e virtuosa
senhora D. Maria Teresa Pires (falecida
em 21 de Junho de 1948).

Por este ocasião resolveu dar novo
rumo à sua vida e, por enlace matrimonial
realizou a sua vida de Santa Maria
desta cidade, desposou a Ex.ª e virtuosa
senhora D. Maria Teresa Pires (falecida
em 21 de Junho de 1948).

...ência do gerente, prestava serviço em
horas nocturnas. Com o modesto orde-
namento auferido no seu emprego e a indi-
pensável e pronta ajuda de sua dedicada
esposa, com as horas diurnas livres para
seguir e preparar as aulas universitárias,
assim viveu alguns anos. E quando a
situação seria muito difficilmente sus-
tentável, vieram em seu auxilio os senhores
seus cunhados e sogro e, com os esforços
conjugados de todos, em 1930, o univer-
sitário Circuncisão Pires recebe o prê-
mio de longo e penoso trabalho, ao rece-
ber, com distincção, a sua licenciatura em
Medicina.

A vontade não enfraqueceu, a luz
da intelligência não se obscureceu e, por
isso, habituado a lutar e a vencer, uma
vez chegado à vida profissional, os seus
talentos não ficaram inactivos, foram
postos ao serviço da comunidade, com
uma latitude e generosidade tais que não
houve concessão do mesmo distrito que não
sentisse, em certa medida, a influencia
benéfica do sr. Dr. António da Circuncis-
ião Pires.

A sua bondade, delicadeza, carinho,
candidez e intelligência no trato com os
doentes, grangearam-lhe uma clientela
lão numerosa que, durante o dia e até
altas horas da noite, difficilmente a sala
de espera do seu consultório se encontra-
ria desprovada.

A ele tinham acesso os humildes e os
grandes do mundo, os que podiam pagar
e os que não podiam, e para todos a
mesma respeito alusão, e mesma car-
dade, e mesma assistência caritativa. E se
não, que fale o Dispensário Anti-Tuber-
culoso que há muitos anos dirige; que
fale o Hospital da Santa Casa da Miséri-
córdia, que o digam os pobresinhos de
Bragança; que o digam os novos Seminar-
ários, quase considerado por ele como
contos; que o digam os antigos com-
panheiros da G. N. R. e a própria corpo-
ração a qual sempre consagrou sentimen-
tos affectuosos; que o digam os antigos
compiladores de lutas desportivas. O dr.
António da Circuncisão Pires tinha cora-
ção grande, não aberta, não era difficil a
ninguém alcançar junto dele um lugar de
favor.

Colaborou com a fortuna a erguer-se
ao escol da melhor sociedade; mas a
fortuna poupou-lhe o senso comum.

A marcha ascensional, tão sensível,
da vida social de sr. Dr. António da Circun-
cissão Pires não terá, a nosso ver,
a principal razão de ser, a sua exalta-
ção, a sua exaltação, a sua exaltação,
de que devemos ser peccados em tudo. É
bem possível que o divino ensinamento
lhe tivesse sido ministrado no regaço de
sua piedosa mãe, Sr.ª D. Cândida Amé-
lia de Magalhães, tão cedo nele se prin-
cipiou a vibrar a intrinsecidade pela
maior perfeição; mas não é menos ad-
missível que o seu bom natural, gradual
e oportunamente, fosse enriquecido dos
principios da santa religião cristã, a par-
te de acções de sua vida aparecerem
informadas pela virtude da divina dou-
trina. E verdade que foi sempre um cádi-
co de credo e de mandamentos; é ver-
dade que nunca se converteu em pro-
fessor publicamente a sua fé, dizendo
que devia ser católico e, portanto, é
verdade que durante a longa occu-
pação de sua vida se preparou com es-
pulo para comparecer perante o tribunal
do Juiz Supremo; é verdade que sofreu

muito, fisicamente, e que abraçou a
morte com resignação crítica edificante.
E, já que o contágio do mundo pode co-
locar modos em todo o homem, não po-
demos deixar de dizer que é feliz o que
avidamente lança mão dos recursos dis-
pensados pela Santa Igreja e se torna o
linho finissimo, resplandecente e cândido,
de que da policia S. João, no seu Apo-
calipse.

Morreu de 52 anos, muito novo ainda,
quando muito se podia esperar da sua
experiência e bondade, mas ficam-lhe
bem as palavras de Sabedoria, IV, 13,1:
«Tendo vivido pouco, encheu a carreira
duma longa vida».

Morte e Funeral

Durante a doença foi-lhe cuidadosamente
prestada assistência religiosa pelo
Rev.ª Sr. Cônego Manuel Jerónimo
Pires, Reitor do Seminário Maior, sendo-
-lhe ditamente ministrada a Sagrada
Comunhão e outros socorros espirituais.
Edificantes as disposições com que rece-
beu o Sagrado Vítulo e a Extrema-
Unção.

O seu funeral, realizado no dia 18,
constituiu uma extraordinária manifesta-
ção de pesar. Devido ao falecimento do
conselheiro Abílio Bessa, não se registara
segundo a opinião de testemunhas pre-
senciais dos dois actos, tão grande afflu-
ência de povo; não apenas da cidade, mas
também das povoações circunvizinhas e
de várias terras do distrito.

O levantamento do cadáver fez-se às
9 horas, para a Sé Catedral; às 11, foi
solemnemente cantado Offício de Defuntos,
no qual tomaram parte todos os sacerdo-
tes da cidade, os alunos de Teologia e
Filosofia do Seminário, um total de se-
nta e dois; a Missa foi cantada pelo
Rev. Parocho da freguesia, P. Luiz Rêgo.
A condução para o cemitério foi às 13
horas. A chave da urna foi entregue ao
Colega e amigo do falecido, o Senhor
Dr. Manuel António Pires. As honras
garam, em turnos sucessivos, as Ex.ªs
Autoridades, médicos, comerciantes, ami-
gos e parentes do finado.

A todos a Ex.ª Família do saudoso
extinto, especialmente, à mãe sr.ª D.ª
Cândida Amélia de Magalhães, ao irmão
sr. João Joaquim Pires, aos cunhados D.ª
Ana da Piedade Pires, João Miguel Pires,
Domingos Pires e Manuel da Circuncis-
ião Pires, as sobrinhas D.ª Francisca de Lor-
de Pires, D.ª Adília dos Santos Pires,
e a expressão do nosso profundo pesar.
Aos nossos leitores pedimos uma prece
pelo eterno descanso da sua alma.

Um documento

«A todos os meus inimigos, indistinctamente.
A todos as pessoas que sejam meus
inimigos, seja qual for a causa ao motivo, eu
depois pedir perdão e desculpa a qualquer
ofensa que, de qualquer modo, lhes haja feito,
assim como também os desculpo e perdoo
por todos os males que me tenham causado.
Deus seja comigo e proteja as corações
doentes que amam a tranqüilidade».

ANTÓNIO DA CIRCUNCISÃO PIRES.

Este documento que o falecido deixou
é mais um testemunho bem frizante da
delicadeza de sua alma.

Notícia do falecimento do Dr. António Pires (parte II)

se, não deixou de
lmas, de congregar
centenas de milhar
de muitos pobre-
todos se prostavam
m, aclamando-a de-
chorando, rezando,
ticos piedosos. Nun-
e viu em Madrid

Senhor Bispo, foi
pirou a V. Ex.ª o
de nos favorecer
cessão tão extraor-
queria missionar
e pode dizer-se que
a Espanha toda. Um
acabado de regres-
a, dizia-me hoje qu-
nteira até Madrid
lar de outra coisa,
bóio como nas es-
falava de Nossa
Fátima, da estadia
magem em Madrid,
sos milagres, das
conversões, do de-
siasmo. É verdade;
o se diga ainda é
ou os meus 25 anos
o aqui por estes 9

carnero já foi rece-
ndíssimo feivor; as
daquele Arcipres-
se para a venerar
a noite; na manhã
rei a Santa Missa
gem, na praça pú-
o templo, embora
não podia conter
a parte dos fiéis
as duas imagens
hora mais venera-
gião acompanhá-
ma até ela sair de
Madrid dista ape-
etros de Navalcar-
a arrojada do
das povoações

(Conclui na 4.ª página)

FALECIMENTO

D.ª Maria Teresa Pires

Em consequência de uma intervenção cirúrgica sofrida há cerca de dois meses, na cidade do Porto, veio falecer nesta cidade, no dia 22 de Junho, a sr.ª D.ª Maria Teresa Pires, esposa do distinto e benquistado clínico bragançano dr. António da Circuncisão Pires. Causou a mais profunda consternação o falecimento desta virtuosa senhora que contava apenas 53 anos de idade e era conhecida pela sua actividade caritativa para com os pobreziños.

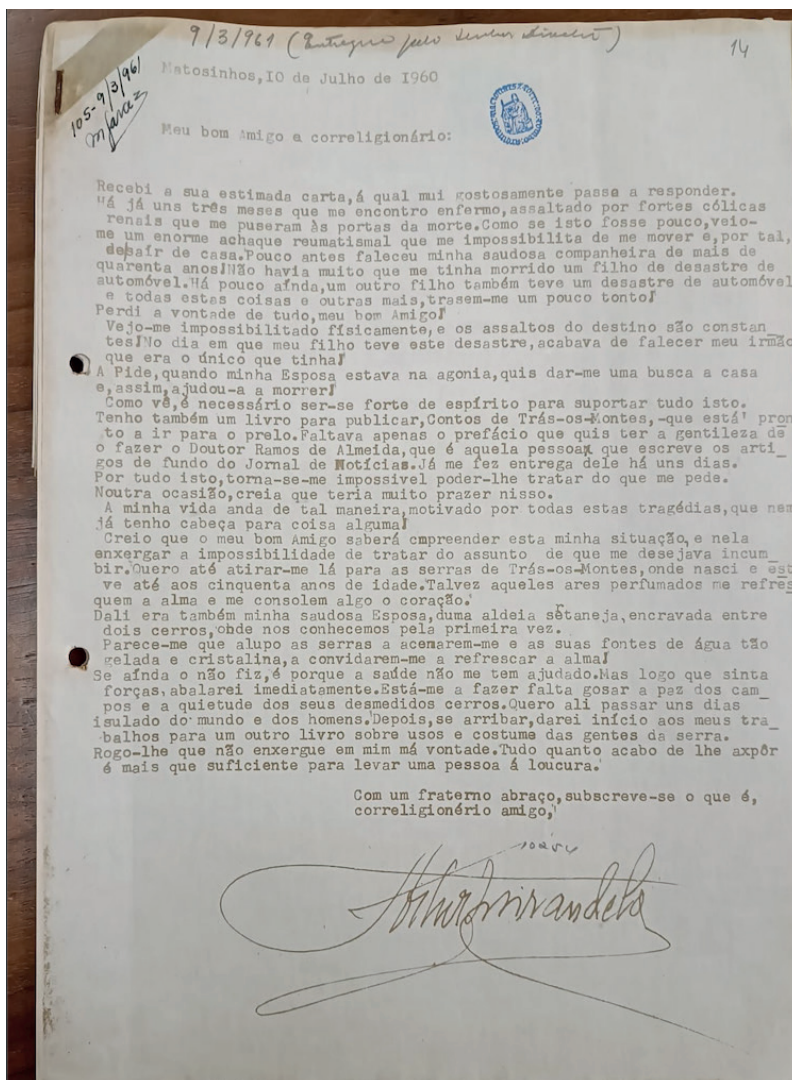
Nas exéquias solenes que por sua alma foram celebradas na Sé Catedral tomou parte todo o clero da cidade, tendo vindo algum de fora.

No funeral, que se realizou às 19 horas do dia 21, encorprou-se toda a população da cidade e de algumas aldeias numa concorrência verdadeiramente extraordinária.

Os restos mortais repousam provisoriamente em jazigo particular até ser construído no cemitério local o jazigo da família para o qual serão trasladados.

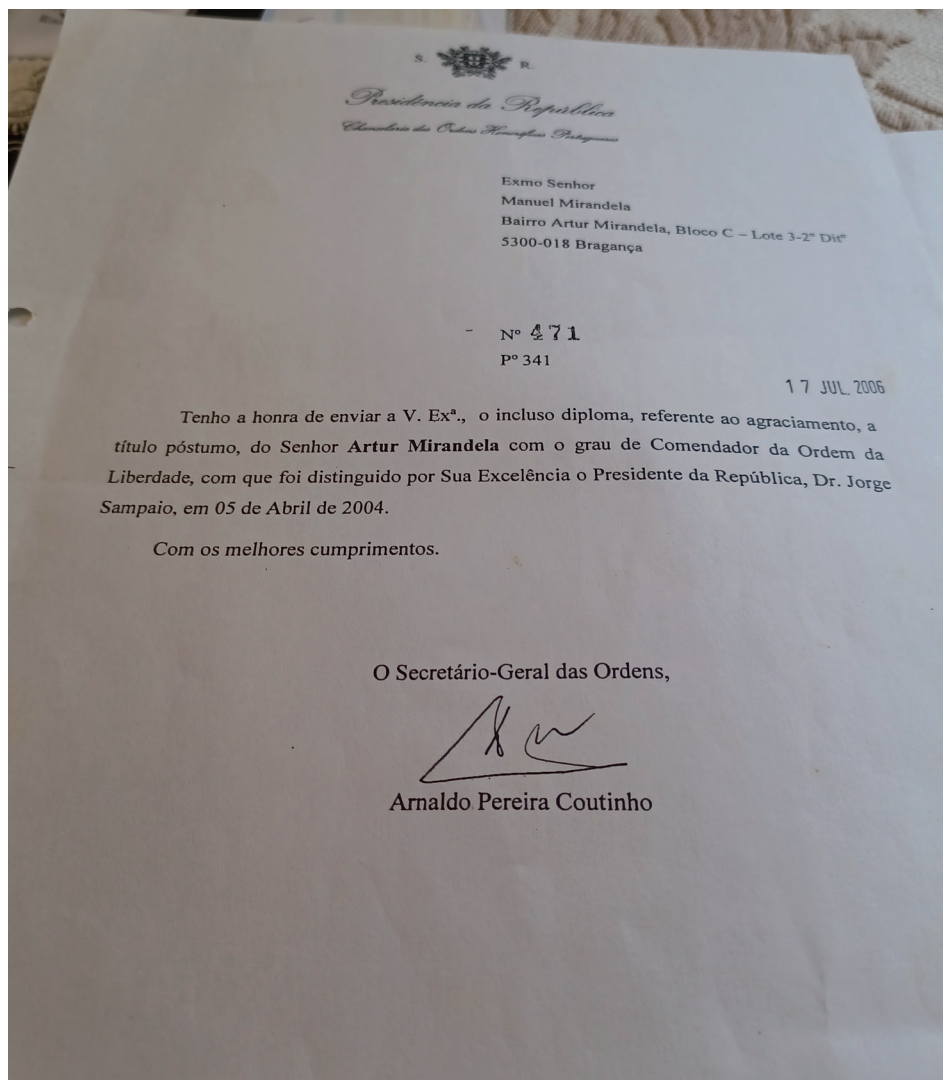
A toda a família enlutada e especialmente ao sr. Dr. António da Circuncisão Pires apresentamos as mais sentidas condolências aos nossos leitores pedimos uma fervorosa prece pela alma da saudosa extinta.

Notícia do falecimento da esposa do Dr. António Pires, D. Maria Teresa Pires

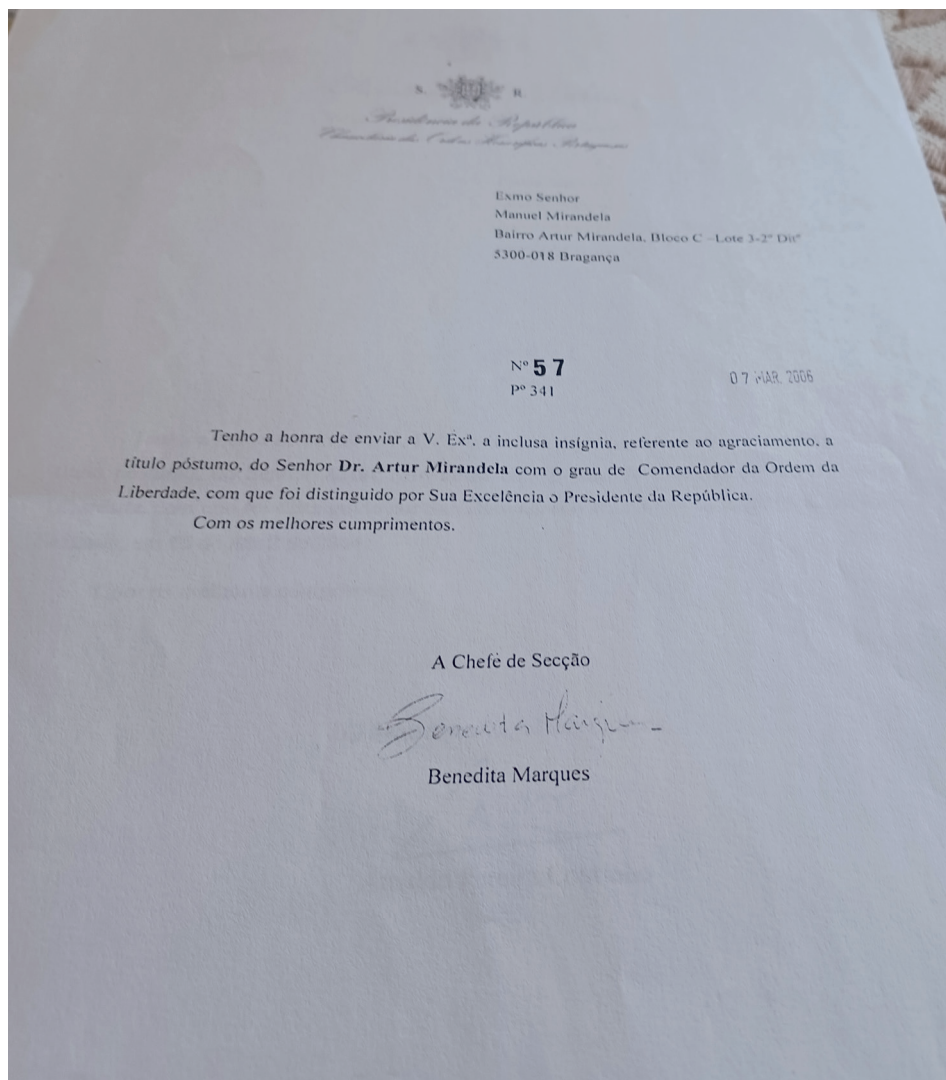


Carta de Artur Mirandela, 10 de junho de 1960

ARTUR MIRANDELA



*Diploma referente ao agraciamento de Artur Mirandela,
de 17 de julho de 2006*



Envio da insígnia, de 7 de março de 2006

ARTUR MIRANDELA



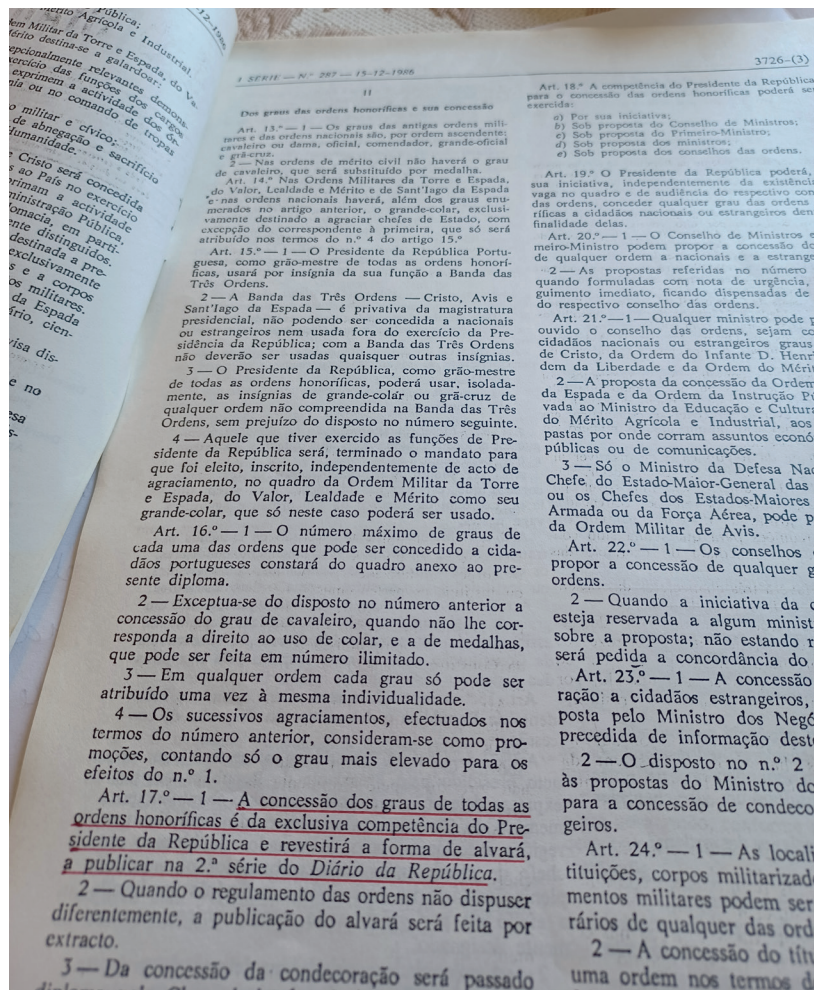
Grau de Comendador da Ordem da Liberdade



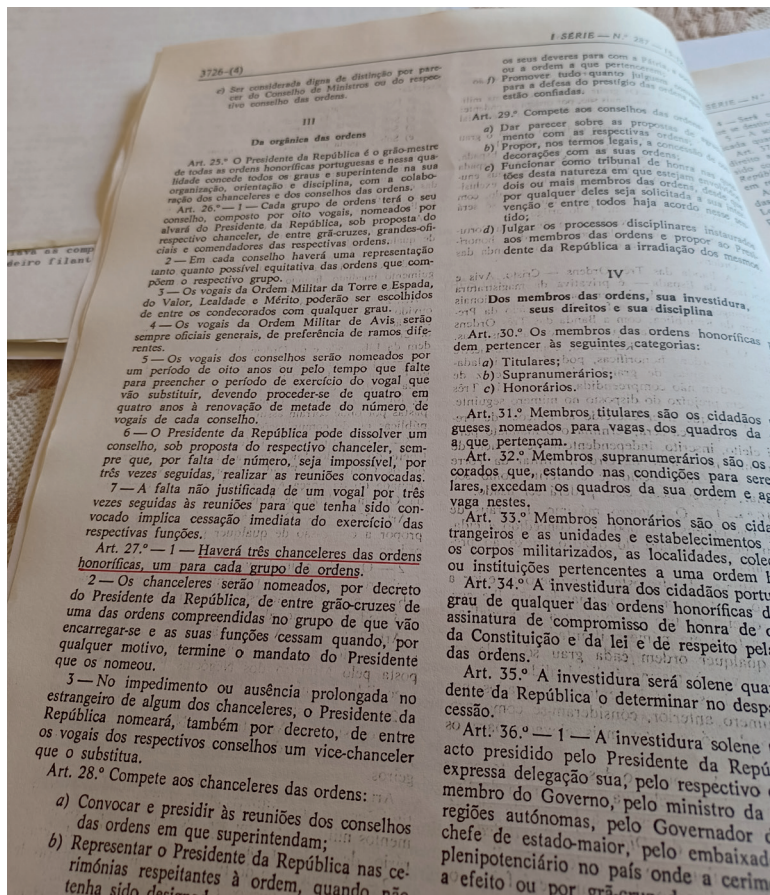
Notícia do "Jornal de Notícias", de 17 de outubro de 1963



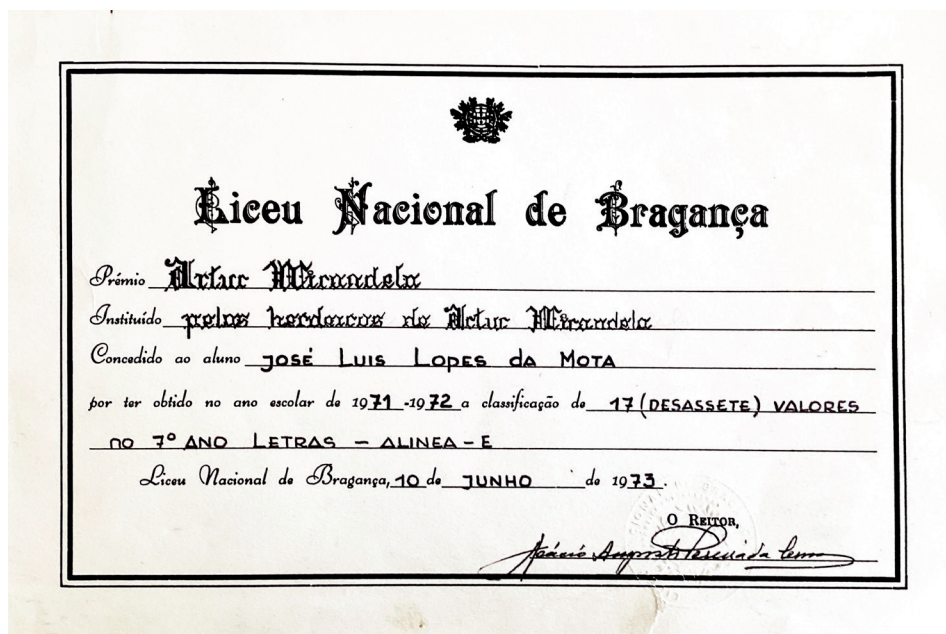
Suplemento do Diário da República de 15 de dezembro de 1986 (parte I)



Suplemento do Diário da República de 15 de dezembro de 1986 (parte II)



Suplemento do Diário da República de 15 de dezembro de 1986 (parte III)



*Prémio Artur Mirandela atribuído em 1973 a José Luís Lopes da Mota
(atualmente Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal
de Justiça de Portugal)*

NOTA BIOGRÁFICA

Lídia Maria Machado dos Santos

Lídia Maria Machado dos Santos é Professora Adjunta Convidada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança e membro integrado do Centro de Investigação Transdisciplinar em Educação e Desenvolvimento (CITED).

É doutora em Estudos Avançados de Inglês: Interpretação Textual e Cultural das Sociedades Anglófonas Contemporâneas pela Universidade de Vigo, Espanha (2017). Possui Pós-doutoramento subordinado ao tema “As Paisagens junqueirianas em *A Velhice do Padre Eterno*”, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2021) e Pós-doutoramento subordinado ao tema “Reler Junqueiro em *A Velhice do Padre Eterno*, *Pátria* e *Os Simples*”, Instituto de História Contemporânea, da Universidade de Évora (2024).

É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Alemães pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa (1995), em Ensino de Português e Inglês pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2001) e em Professores do Ensino Básico, variante de Português, História e Ciências Sociais (2009) pela Escola Superior de Educação de Bragança.